



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

NAIRA PEREIRA DE SOUZA DINIZ

FACES DA BOA MORTE:
DISCURSO E PATRIMONIALIZAÇÃO NOS JORNAIS SOTEROPOLITANOS A TARDE E CORREIO (2008-2011)

Salvador
2020

NAIRA PEREIRA DE SOUZA DINIZ

**FACES DA BOA MORTE:
DISCURSO E PATRIMONIALIZAÇÃO NOS JORNAIS SOTEROPOLITANOS A TARDE E CORREIO (2008-2011)**

Monografia apresentada ao Curso de graduação
em Jornalismo, Faculdade de Comunicação, Universidade
Federal da Bahia, como requisito parcial
para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Sampaio

Salvador
2020

A todos que acreditaram em mim e me estimularam a lutar sempre, sem desanimar.
Minha gratidão eterna.

AGRADECIMENTOS

São tantas as pessoas a quem sou grata, que tenho receio de esquecer de alguém.

A minha avó materna, Joana, que partiu em fevereiro deste ano, deixando muita saudade, muitas recordações que valem por toda uma vida e lições inesquecíveis. Este trabalho é uma saudosa homenagem.

Aos meus pais e minhas irmãs que acompanharam esta trajetória ao meu lado. Sorrindo comigo, chorando quando era preciso, mas em tudo isso me mostraram a importância de ter fé e coragem para superar e enfrentar as provas da vida e ser alegre e sábio para bem viver.

A uma grande amiga, D. Haidil... Que mais que amiga, foi mãe, avó e sogra. Nas dificuldades enfrentadas aqui em Salvador foi abrigo e apoio. Minha gratidão e meu amor eternos.

Aos amigos e colegas da faculdade e além da faculdade... Todo o meu carinho e agradecimento pela força e afeição. Este trabalho também é para vocês.

Aos educadores que passaram por minha vida e que plantaram a semente do saber, revelando um mundo cheio de novas possibilidades e conhecimentos transformadores.

A Adriano Sampaio, orientador, amigo e mestre que muito me ensinou com sua dedicação e conhecimento.

Ao Colegiado de Comunicação, à Faculdade de Comunicação, pelo apoio e prestatividade de seus funcionários e pela qualidade e carisma de seus professores e pesquisadores.

A PROAE, que me auxiliou a permanecer em Salvador e aos grupos de pesquisa, instâncias e estágios que me acolheram e onde muito aprendi.

Aos funcionários da Biblioteca Pública do Estado da Bahia (Barris) pelo apoio e ajuda durante manhãs e tardes. Esta pesquisa só foi possível graças a vocês.

A Rosangela Cordaro, que me recebeu em sua pousada em Cachoeira, e deu muitas dicas para este trabalho.

Muito obrigada por possibilitarem esta experiência enriquecedora para meu crescimento pessoal e profissional.

“No cômodo principal havia um altar que abrigava uma bonita estátua de Nossa Senhora, talhada em madeira pintada, na frente da qual todos se ajoelhavam, rezavam e cantavam. Eu me encantei com a imagem, que nunca tinha visto tão bonita, e a Mãe Rosa, a dona da casa, contou que tinha sido levada de Vila Rica, Minas Gerais, por um liberto, pai dele”
(Ana Maria Gonçalves, 2006)

RESUMO

Os festejos em louvor à Assunção de Maria fazem parte da vida de cristãos desde os primórdios do cristianismo. A tradição religiosa chegou ao Brasil e à Bahia, em especial, através dos portugueses e com as irmandades vindas de Portugal, mesclando o cristianismo católico europeu com as tradições indígenas e africanas, conferindo um caráter peculiar ao cristianismo católico brasileiro e baiano. Foi nesse contexto que foi criada a Irmandade da Boa Morte em Salvador, na Igreja da Barroquinha por mulheres de origem africana na segunda metade do século XIX. Além da devoção mariana, as integrantes da confraria precisavam estar ligadas ao candomblé. Aquelas mulheres enfrentaram intensa perseguição e preconceitos e saíram de Salvador, deslocando-se para Cachoeira, onde a irmandade permanece ativa. Ser uma confraria composta apenas por mulheres devotas de Nossa Senhora e dos orixás, guardiãs dos mistérios e tradições sagradas da África e que promove uma celebração anual que recorda as memórias dos antepassados e ao mesmo tempo louva a vida e a identidade afro-baiana, chama a atenção. Não somente de turistas baianos e de outras regiões do Brasil, mas de outros países, como Estados Unidos, em especial. Ao longo dos anos a mídia ampliou a cobertura feita do evento, à medida que o turismo étnico foi ganhando força no estado e se revelando promissor. Entretanto, a Boa Morte conquistou espaço nas telas do audiovisual, da televisão, do computador e nas ondas do rádio. Mas e nos jornais impressos, ocorreu o mesmo que nos demais suportes midiáticos? E o reconhecimento da festa como patrimônio cultural de natureza imaterial em 2010 alterou algo na dinâmica discursiva? Assim, esta pesquisa tem por finalidade analisar a cobertura da festa feita por jornais impressos, concentrando-se nos periódicos soteropolitanos *A Tarde* e *Correio*, compreendendo o período 2008-2011, a fim de verificar as variáveis discursivas na construção da notícia acerca da Festa da Boa Morte num período anterior e posterior ao registro da celebração como patrimônio cultural imaterial do estado da Bahia.

Palavras-chave: Discurso, construção da notícia, jornalismo soteropolitano, festa da Boa Morte, patrimônio imaterial, cultura, identidade e memória.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 Cachoeira no século XIX.....	17
Figura 2 Igreja da Barroquinha.....	20
Figura 3 Procissão do primeiro dia de festa.....	24
Figura 4 Irmãs na Missa de Corpo Presente.....	24
Figura 5 Procissão do terceiro dia de festa.....	25
Figura 6 Adaptado de Van Dijk, pág. 72 (1996)	49
Figura 7 Adaptado de Van Dijk, pág. 147 (1996)	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABI Associação Bahiana de Imprensa
- ACM Antônio Carlos Magalhães
- AD Análise do Discurso
- BAHIATURSA Superintendência de Fomento ao Turismo da Bahia
- CB Correio da Bahia
- CCCS Centro de Estudos Culturais Contemporâneos de Birmingham
- CEAO Centro de Estudos Afro-Orientais
- CNTur Conselho Nacional de Turismo
- DEI Departamento Estadual de Imprensa
- DIP Departamento de Imprensa e Propaganda
- DPDC Departamento de Propaganda e Difusão Cultural
- EMBRATUR Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo
- EMTUR Empreendimentos Turísticos da Bahia
- FEBACAB Federação Bahiana do Culto Afro-Brasileiro
- GEPEL Gerência de Pesquisa, Legislação Patrimonial e Patrimônio Intangível
- IPAC Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia
- IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- PRB Partido Republicano da Bahia
- PRD Partido Republicano Democrata
- PRODETUR Programa de Desenvolvimento Turístico da Bahia
- PTR Plano de Turismo do Recôncavo
- SIC Secretaria de Indústria e Comércio
- SUDENE Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

SUTURSA Superintendência de Turismo de Salvador

TVE TV Educativa da Bahia

Sumário

1. Introdução.....	11
2. A Festa da Boa Morte.....	16
2.1 Breve notícia histórica.....	16
2.2 A festa como patrimônio imaterial.....	22
3. Uma breve proposta de análise do discurso.....	27
3.1 Introdução.....	27
3.2 Análise do Discurso.....	29
3.3 Cobertura jornalística e a Análise do Discurso.....	36
3.4 A análise da notícia e os Estudos Culturais.....	43
4. O discurso em jornais impressos: uma análise global.....	56
4.1 Introdução.....	56
4.2 Breve história da imprensa no Brasil e na Bahia.....	62
4.3 Cultura, campo cultural e jornalismo cultural: conceitos.....	70
4.4 Jornais <i>A Tarde</i> e <i>Correio</i> na trincheira do jornalismo cultural.....	94
4.5 Análise de conteúdo dos jornais <i>A Tarde</i> e <i>Correio</i>	109
5. Conclusão.....	164
6. Referências Bibliográficas.....	169

1. Introdução

O Recôncavo está localizado num ponto estratégico da Bahia e sua dinâmica deve ser compreendida a partir das dimensões fisiográfica, histórica, social, política e econômica. Além de ter sido núcleo regional, o Recôncavo também exerceu importante papel no projeto de colonização do Brasil, desde os primórdios, alicerçado na base econômica açucareira, fumageira e subsistência. A monocultura açucareira encontrou espaço na Bahia, graças ao fértil massapê, encontrado no Recôncavo e no litoral. Aos poucos foram instalados os engenhos, que garantiam a produção de açúcar, que era enviado para o porto de Cachoeira e seguia para o porto da Capital, o mais movimentado do Atlântico Sul no século XVIII, onde estavam as casas de exportação e eram realizadas transações comerciais.

A vila de Cachoeira nasceu de um engenho. Em 1775 era uma das mais extensas da Bahia e até o século XIX agrupava importantes freguesias da região como Muritiba, Feira de Santana, Cruz das Almas e Castro Alves. Na medida em que essas regiões foram alcançando sua emancipação se tornaram vilas e posteriormente cidades. Atualmente, o município de Cachoeira possui como distritos, além da sede, Belém de Cachoeira e Santiago do Iguape. De região de grande relevância para a economia da Bahia nos três primeiros séculos de história, atualmente, sobrevive do turismo cultural, baseado em seu rico patrimônio arquitetônico, nas festividades, gastronomia, ritmos e religiosidade.

Com o crescimento da empresa colonial, a partir da ocupação territorial, houve considerável expansão de engenhos e igrejas, levando ao surgimento das irmandades fortemente ligadas às devoções aos santos e se fazendo presente neste período a influência da relação entre igrejas e terreiros de candomblé, elemento marcante da religiosidade local. Para estas associações, “os africanos transportaram um *ethos* identitário de ser, pensar, agir e cultivar. Essas organizações possuíam a função de ‘moderar as tensões’, além de legitimar os africanos e seus descendentes para além da esfera religiosa, fazendo deles agentes políticos”. (IPAC, 2010)

A diáspora e a escravidão dissolveram os laços familiares consanguíneos, mas as irmandades tornaram possível a reaproximação através dos laços socioafetivos. Essas

organizações se compunham por exclusivismos étnicos, pela procedência da nação, termo utilizado no período escravagista para designar etnia, não sendo o local de origem do africano, mas onde foi comprado e embarcado nos tumbeiros ou navios negreiros. É o caso da Irmandade do Rosário das Portas do Carmo, composta exclusivamente por africanos da nação Angola e a de Nossa Senhora da Boa Morte – objeto deste estudo –, composta por mulheres de nação ketu.

A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte está entre as confrarias mais antigas do Brasil. Fundada no início do século XIX, provavelmente em 1820, em meio às lutas pela independência da Bahia, na Igreja da Barroquinha, em Salvador, de onde migrou alguns anos mais tarde para Cachoeira, onde está atualmente sediada. Com o passar do tempo a exigência em relação à etnia específica, deixou de existir e a Irmandade passou a aceitar outros grupos étnicos em sua composição. Mas há duas exigências que não mudaram: ser do sexo feminino e possuir ligação com as práticas religiosas africanas.

No Brasil o catolicismo foi modelado, se aproximando do povo, ao trazer influências dos cultos judaico, africano, indígena e português. Os traços dessa amálgama se refletiram através de elementos como o culto aos santos e aos mortos, a veneração à Nossa Senhora, o gosto por festas, danças, rituais e procissões. Algumas irmandades foram constituídas devido aos cultos à santos específicos, festejados por grandiosas procissões. Este é o caso da Irmandade da Boa Morte de Cachoeira. As festividades em louvor à Nossa Senhora da Boa Morte é o momento de celebração da perpetuação da vida e memória da Assunção da Virgem, a subida de Maria aos céus em corpo e alma, ou seja, a boa morte. Há relatos que demonstram que a procissão de Nossa Senhora da Boa Morte é realizada pela irmandade desde o século XIX em todo 15 de agosto e que foi considerada “a mais concorrida, de mais extenso percurso e mais aparatosa apresentação das procissões que já se fizeram na Bahia [...]”¹.

Atualizando seus vínculos com a África através da religiosidade, as mulheres da Boa Morte auxiliaram os seus irmãos que se encontravam no cativeiro a alcançar a liberdade, através da compra de cartas de alforria, além de afirmarem seu espaço em uma sociedade profundamente marcada por todo tipo de preconceito, patriarcalismo e divisões e passaram seus saberes para as gerações que foram se sucedendo, cuja riqueza tem-se acesso nos dias atuais, principalmente pela Festa da Boa Morte, realizada anualmente, de 13 a 17 de agosto e simbolizam, juntamente com a Irmandade, a história

¹ VERGER, Pierre. Notícias da Bahia, 1850. Salvador: Corrupio, 1981, p.93.

e representação da resistência da mulher negra em sua trajetória de lutas e a preservação de tradições e saberes.

Patrimônio cultural designa valores, construções e acumulações de um povo. Patrimônio cultural de natureza material é tudo que se pode tocar, como objetos e edificações. Todo patrimônio cultural de natureza imaterial, se refere à bens intangíveis, tais como saberes, celebrações e costumes, produzidos por determinado grupo e transmitidos de geração a geração, vinculando-se à identidade. Assim, o patrimônio imaterial contribui para a promoção do respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. É o caso da Festa da Boa Morte.

Ao trazer consigo toda uma história de luta, saberes, costumes e tradições que foram preservados e ajudam na construção e manutenção da identidade do povo baiano, do povo negro e em especial, das mulheres negras, os festejos em louvor à Mãe de Cristo contribuem para o respeito à diversidade cultural e religiosa, além de impulsionar o desenvolvimento social (da comunidade, do município e da própria região), de pesquisas e do próprio turismo. A Festa da Boa Morte foi registrada como patrimônio imaterial do Estado da Bahia em 2010, no Livro de Registro Especial de Eventos e Celebrações, pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC).

O registro da festa revela diversos aspectos, como a promoção de políticas voltadas para a cultura, em especial a popular, no sentido de se converter em novo produto para a atração turística no estado, principalmente para o turismo cultural e étnico, já que a cultura é a base fundamental. Neste âmbito, há pesquisas que demonstram o crescente interesse de turistas, nacionais e internacionais, na manifestação, como os turistas afro-americanos, que participam destas festas em busca de suas raízes culturais.

Os meios de comunicação de massa baianos têm colocado o turismo étnico em suas pautas, principalmente os veículos impressos, como os jornais soteropolitanos *A Tarde* e *Correio* (objetos desta pesquisa). Fundado em 1912 por Ernesto Simões Filho, o jornal *A Tarde* é o periódico mais antigo em atividade na Bahia e um dos mais antigos do Brasil. Registrando cotidianamente fatos históricos, culturais e políticos da Bahia, do Brasil e do mundo, muitos dos quais interferiram no destino da humanidade. Como parte das comemorações do centenário em 2012, foi realizada a digitalização do acervo do jornal, permitindo assim, que não somente os baianos tenham acesso ao conteúdo que revela os valores, opiniões, interesses e contextos que mobilizaram a Bahia durante os séculos XX e XXI. Com todos os desafios e transformações que o periódico atravessou e tem atravessado, permanece ocupando lugar de destaque no que diz

respeito à história do jornalismo baiano e brasileiro e agente de salvaguarda de memórias e valores inerentes ao povo baiano, fortalecendo a noção de identidade.

O jornal *Correio*, anteriormente “Correio da Bahia”, foi fundado em Salvador, em janeiro de 1979. Parte integrante do grupo empresarial — que inclui ainda a TV Bahia, a Bahia Vídeo, a Gráfica Santa Helena, a Rádio Globo FM, a Bahia News, a Bahiasat e a Santa Helena S.A. O diretor-superintendente do grupo é Antônio Carlos Magalhães Júnior. No final da década de 1990, o *Correio da Bahia (CB)* era o segundo jornal em tiragem no estado. Foi neste período, que o *Correio* passou por grandes transformações, como investimentos para a conquista de novos leitores, além de parcerias com outras empresas, como o Bradesco e a Folha de S. Paulo e aquisição de novas instalações e equipamentos gráficos. O periódico se reinventa e permanece se reinventando, sem deixar de lado o compromisso com as tradições, histórias e valores da Bahia e do seu povo.

Para compreender como estes dois veículos pautaram em suas agendas o registro da Festa da Boa Morte como patrimônio cultural imaterial e como se articularam na construção do discurso, da narrativa a respeito dos festejos e de seu reconhecimento, será adotada a linha teórica da Análise do Discurso (AD). Campo de fronteiras não muito claras, a AD tem uma história de dois mil anos, que remonta à Retórica grega e se estende no momento presente, delineando ao longo desse percurso um conjunto de preocupações num domínio bastante amplo dos estudos linguísticos.

Foi na década de 1970 do século anterior, que a AD tomou força e esse desenvolvimento significou, como afirma Maria Gregolin (1995, p. 13): “a passagem da Linguística da 'frase' para a Linguística do 'texto'”. E por tomar esse objeto complexo, a AD seguiu em várias direções, com diferentes concepções metodológicas e epistemológicas. O que as une é o fato de tomarem o seu objeto do ponto de vista linguístico e buscarem no texto o estudo do discurso.

Com este ponto de partida, se buscará a partir do enfoque dos Estudos Culturais, especificamente nas propostas de Stuart Hall, os conceitos básicos das categorias de texto e de discurso midiático, essenciais nas análises discursivas e textuais. A partir do modelo de concepção do processo comunicativo em três aspectos (linearidade emissor/mensagem/receptor; concentração no nível de troca de mensagens e ausência de uma concepção estruturada dos diferentes momentos enquanto complexa estrutura de relações, pensando esse processo como uma complexa estrutura em dominância), Hall argumenta que há diferença no modo de produção discursiva de outros modos de

produção.

Sob a forma discursiva é que se dá a circulação do produto e que esta forma discursiva da mensagem tem posição privilegiada na troca comunicativa e que os momentos de codificação e decodificação são determinados, pois, “no momento em que um evento histórico é posto sob o signo do discurso, ele é sujeito a toda a complexidade das regras formais pelas quais a linguagem significa”.²

Serão utilizados também nesta pesquisa os estudos desenvolvidos por Dominique Maingueneau e Teun Van Dijk. Maingueneau ao analisar textos jornalísticos e publicitários, aborda o texto como discurso que traz em si elementos que implicam visões de mundo; influências do modo de fazer o texto e as relações estabelecidas entre enunciação, enunciado e enunciador. Van Dijk pensa o discurso a partir de um pressuposto construtivista, ou seja, como uma representação mental construída gradualmente. O autor considera que as dimensões social e cognitiva do discurso interagem, resultando num contexto em que o discurso e sua compreensão influem em sua funcionalidade social.

Com a finalidade de compreender o texto jornalístico inserido em um percurso gerativo de sentido, através da produção e reprodução de discurso (s) nos periódicos supracitados, optou-se em realizar a análise no espaço de tempo de 2008 a 2011. Compreendendo um período anterior e um momento posteriori ao reconhecimento da festa enquanto bem cultural de natureza imaterial, com o objetivo de verificar possíveis mudanças nos modos de narrar e representar tanto a irmandade e a Festa da Boa Morte.

² HALL, Stuart. Codificação e Decodificação, IN: SOVIK, Livia (org.) “Da Diáspora: identidades e mediações culturais”. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

2. A Festa da Boa Morte

2.1 Breve notícia histórica

Situado ao fundo da Baía de Todos os Santos e às margens do Rio Paraguaçu, na parte côncava e recuada, chamada de Recôncavo, o município baiano de Cachoeira possui apenas 403 km², que se dividem entre a sede, Belém de Cachoeira e Santiago do Iguape. Limitada com os municípios de Conceição de Feira, Santo Amaro da Purificação, Saubara, São Félix, Governador Mangabeira, Maragogipe e Muritiba, Cachoeira chegou a se estender à zona fronteira conhecida de transição, entre o litoral e o sertão.

Seu solo é formado pelo massapê, excelente para o cultivo da cana de açúcar e sua zona de transição com o sertão apresenta solo com variação entre massapê e o oxissol (rico em óxido de ferro e alumínio, popularmente conhecido como saibro e arenoso), apropriado para a cultura de fumo. Os fatores ecogeográficos, aliados à importância do porto de Cachoeira como importante escoador além da ligação Salvador/Recôncavo/Sertão elevaram Cachoeira ao status de uma das vilas mais ricas, prósperas e populosas da Bahia até o início do século XX.

A história de Cachoeira tem início no século XVI, inicialmente com as ocupações de grupos indígenas e posteriormente por núcleo de ocupação e passagem, que conviveu ao mesmo tempo com os índios remanescentes dos genocídios patrocinados pelos governos de Mem de Sá e Duarte da Costa (governadores gerais do Brasil). No século XVII, João Rodrigues Adorno estabelece-se definitivamente naquelas terras, funda um engenho e um alambique e constrói sua residência e uma capela em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, mas que foi denominada Capela d'Ajuda e ao seu redor surgiram as primeiras construções de Cachoeira o que propiciou o desenvolvimento urbano-espacial de Cachoeira.

Os novos habitantes chegam aos poucos. Em 1674 é criada a Freguesia de Nossa Senhora do Porto de Cachoeira, elevada à categoria de vila em 27 de dezembro de 1693, passando a se chamar Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira. A implantação da economia açucareira no Recôncavo e a chegada de africanos à região para serem empregados como escravos atraiu a partir da metade do século XVIII cativos e libertos de diversas localidades, o que fez do Recôncavo, em especial Cachoeira, área de relevante herança sociocultural africana.

Cana-de-açúcar, fumo, mandioca, algodão, café e o gado se destacavam entre as atividades econômicas. O fluxo no porto de Cachoeira com seus saveiros, barcaças e vapores, viajando constantemente ao porto de Salvador, na época o mais importante do Brasil e o mais movimentado do Atlântico Sul nos séculos XVIII e XIX, a proximidade com o sertão e a localização estratégica contribuíram enormemente para o progresso econômico e social de Cachoeira, o que logo a transformou em importante entreposto comercial. Tamanho desenvolvimento e riqueza logo se refletiu na construção de inúmeros engenhos, igrejas, casarões e sobrados, que até o presente conferem à Cachoeira o segundo maior acervo arquitetônico em estilo barroco do Estado.



Figura 1- Cachoeira no século XIX

Cachoeira teve grande papel de destaque durante as lutas pela independência da Bahia. Embora o Brasil já tivesse sido proclamado independente por D. Pedro I em 1822, as tropas lusas ocupavam Salvador e o Recôncavo. Após diversas hostilidades, organização de batalhões e lutas entre portugueses e brasileiros, o Exército brasileiro ocupa em 2 de julho de 1823 a cidade de Salvador e efetua-se a separação política entre Brasil e Portugal, que parte dos embates e resistência tiveram Cachoeira por cenário.

Pela Lei Provincial de 13 de março de 1837, Cachoeira ganha o título de Cidade Heroica e é elevada à categoria de cidade, tombada e convertida em Cidade Monumento Nacional, através de Decreto Presidencial nº 68.045, de 18 de janeiro de 1971, no Livro de Tombo, devido ao seu conjunto arquitetônico e a atuação heroica nas lutas pela Independência.

A participação dos negros no desenvolvimento econômico, cultural e social de Cachoeira é algo indiscutível. Estas marcas podem ser verificadas através do candomblé, do maculelê, do samba-de-roda e por sua alta concentração nos engenhos, nas plantações, nas fábricas, o que proporcionaram à cidade número respeitável de terreiros da religião afro-brasileira, onde eram mantidos os vínculos com a África, além de estarem presentes nas filarmônicas e em organizações religiosas da Igreja Católica,

como as irmandades, algo anteriormente somente permitido aos brancos, reinóis (nascidos em Portugal) e seus descendentes.

As primeiras irmandades que se tem notícia na história remontam ao início da era cristã. Reunia cristãos para atuar em favor dos necessitados, praticarem a assistência social, o culto cristão e funeral digno aos sócios. Com a oficialização do cristianismo no século IV (IPAC, 2010), coube à Igreja a regulamentar e organizar as irmandades oficiais, o que corresponde à assimilação de signos/símbolos para conferir novos significados pela incorporação de elementos cristãos.

O uso de imagens e códigos mentais foi permitido enquanto mecanismos de educação e comunicação da mensagem cristã, “para amaciar psíquica e culturalmente, as populações tidas por primitivas e iletradas. Oficializado o culto às imagens, o culto aos santos passou a ser aceito e esteve primordialmente alicerçado nas irmandades leigas, que formavam uma 'sociedade social cristã integrada por nativos' nos territórios colonizados”. (IPAC, 2010)

A partir dessa política de adaptação cultural, que passou a ser praticada de forma mais sistemática a partir do século VIII, a Igreja passou a tolerar as renovações celebrativas, tais como bênçãos e coroações, festividades de santos padroeiros, culto aos mortos, aniversários de evangelistas, festas da Virgem Maria, além de festas pagãs, sendo aos poucos incorporadas ao calendário eclesiástico.

Na Idade Média as confrarias leigas católicas se espalharam pela Europa. Divididas em irmandades e ordens terceiras, tinham por principal atividade as práticas assistencialistas dirigidas a associados e não associados através da caridade, assistencialismo médico, organização e responsabilidade por ritos fúnebres, encomendação de missas, organização de grandes festas.

Em Portugal as irmandades leigas, bem numerosas, expandiram-se da metrópole lusitana para as colônias ultramarinas, como o Brasil, para onde foram transportadas as formas básicas de organização. Mesmo que seus membros tivessem certa autonomia, a ponto de alcançarem prestígio e reconhecimento social pelos atos de filantropia, “a Igreja, todavia, se responsabilizava por fiscalizar e supervisionar essas associações nos territórios colonizados, como parte da política colonialista de dominação”. (IPAC, 2010)

Cada irmandade estava ligada a um santo de devoção e para existirem e funcionarem, necessitavam da aprovação de seu estatuto pela Igreja, além de ter uma igreja que a aceitasse ou então construir seu próprio templo. Havia as irmandades compostas por

brancos, pardos e pretos. As irmandades formadas por brancos estavam divididas entre as formadas por portugueses e brasileiros. Voltadas ao culto dos santos e o fortalecimento da religiosidade judaico-cristã, estas instituições tiveram papel significativo no que tange à construção da religiosidade nacional, constituindo assim, traço marcante da colonização portuguesa. Dentre as irmandades brancas que mais se destacaram estava a Santa Casa de Misericórdia, que por serviços prestados à sociedade, estabeleceu com a Metrópole excelente relação de concessões. O surgimento das irmandades negras no Brasil escravocrata setecentista foi algo extremamente significativo para o africano e seus descendentes, por proporcionar-lhes espaço de significativa autonomia. Estas organizações geraram quantias financeiras que resultaram em alforrias. Durante os séculos XVIII e XIX, muitos negros libertos foram membros de várias irmandades. Segundo Castro (2006), “a documentação e a historiografia indicam alguns casos de participação em até oito associações”. Isto se deve ao fato de que, para um negro na sociedade de então, pertencer a uma irmandade ou mais de uma, assegurava-lhe prestígio, seguridade, cidadania, além de ser eficiente estratégia de interação e resistência sociocultural. Havia poucos espaços de autonomia para os negros nessa época, por isso as irmandades negras, assim como a festa e a música proporcionavam a possibilidade de organização, comando e integração.

Diferentemente das irmandades brancas, boa parte das instituições negras, foram com o tempo, admitindo brancos e negros de outras procedências étnicas, mas com a ressalva de que um negro de outra etnia jamais poderia ocupar a mesa diretora. A aceitação de brancos era estratégica, pois visava fortalecer as instituições junto à sociedade escravista e pós-escravista, além do interesse em ter os brancos nas funções administrativas da irmandade. Havia em muitos casos, interesses estratégicos por parte dos brancos, que utilizavam os cargos para controle das organizações, mas também houve casos de verdadeira devoção.

As irmandades negras contribuíram decisivamente para a preservação e difusão dos valores étnicos e de resistência cultural, além de permitir que o negro encontrasse nesse espaço possibilidades de autonomia em plena escravidão. Nestas instituições, os africanos transportaram um ethos identitário de ser, pensar e cultivar: “Oprimido pela sociedade escravista, discriminado pelo fato de ter a tez escura, completamente desprovido de qualquer direito, o negro inteligentemente utilizou o espaço que a religião oficial lhe ofereceu como um canal de expressão, como um instrumento de preservação da sua cultura [...]”. (SILVA, 1994, p.61)

Foi nesse contexto que a Irmandade da Boa Morte surgiu em Salvador, segundo estudiosos, no início do século XIX, por volta de 1820, na Igreja da Barroquinha, tradicional ponto de encontro de outras organizações religiosas negras e de partida dos primeiros terreiros de candomblé de Salvador que se tem notícia, como o Terreiro Casa Branca, atualmente sediado no bairro soteropolitano Engenho Velho da Federação.



Figura 2- Igreja da Barroquinha, onde atualmente funciona o Espaço Cultural da Barroquinha

As exigências para aceitação na confraria são ser do sexo feminino, possuir idade avançada, ser fiel à devoção mariana e estar ligada às práticas religiosas africanas. Estas práticas por sofrerem perseguição e repressão, permitiram que a Boa Morte surgisse e se expandisse em Cachoeira.

A Irmandade da Boa Morte é um dos pilares mais importantes da manutenção das tradições afro-brasileiras no Recôncavo Baiano. Existem controvérsias quanto à procedência étnica das primeiras irmãs e em relação ao surgimento da irmandade em Cachoeira. Estudiosos como Sá e Souza (2017, p.5) acreditam que “por volta de 1820, do grupo original teriam saído algumas 'irmãs' que se deslocaram para Cachoeira recriando ali a Irmandade da Boa Morte, aonde ainda permanecem. Outros membros do grupo teriam sido responsáveis pela criação de alguns dos principais Terreiros de Candomblé da Bahia [...], sugerindo a evidência de que há um tronco comum entre a Irmandade e as diversas Casas de Santo das nações Ketu e Jêje”.

E ainda há pesquisadores como Lessa (2012), que afirma a existência de uma ligação entre a Boa Morte de Cachoeira e a de São Gonçalo dos Campos, sendo a última remanescente da primeira: “Segundo as fontes orais, a Irmandade da Boa Morte foi organizada em São Gonçalo dos Campos tendo em vista o que já acontecia em

Cachoeira, e atribuíram a organização dessa confraria a Felismina Araújo e Cecília Araújo, respectivamente mãe e filha, ambas negociantes, que já participavam da irmandade em Cachoeira e eram as únicas que usavam beca (traje característico da Irmandade da Boa Morte de Cachoeira), já que vieram desta cidade”.

A razão de tantas dúvidas e divergências por parte dos pesquisadores se deve à escassez de documentos da própria organização, por motivos que vão desde às perseguições ao incêndio na Igreja da Barroquinha em 1984, que além de ter deixado o prédio em ruínas, destruiu os arquivos que poderiam contar a história da confraria e esclarecê-la, além da falta de sede própria em Cachoeira até 1995 e furtos e perdas de pertences e documentos.

A devoção à Nossa Senhora da Assunção ou da Glória era um dos objetivos da irmandade. Um dos objetivos, pois, a confraria se encarregava da compra de cartas de alforria, proteção e encaminhamento de negros fugidos e arcar com os encargos necessários para a realização de funerais dignos para os irmãos de cor que padeciam com as agruras da escravidão. Em Cachoeira, os atos litúrgicos originais eram realizados na Igreja da Ordem Terceira do Carmo, tradicionalmente frequentada pela elite local.

Este fator destaca a posição social ocupada pelas integrantes da irmandade, já que eram conhecidas como “negras do partido alto”, mostrando assim, a situação socioeconômica em que se encontravam, inclusive, que as diferenciava da condição das negras escravas e libertas. Em uma sociedade profundamente preconceituosa, conservadora e escravocrata, para aquelas mulheres ter esse espaço de autonomia era bastante significativo. Era uma afronta a todo tipo de preconceito, inclusive, por parte de seus próprios irmãos de cor, que reproduziam as práticas machistas. Segundo Reis (1991 apud CASTRO, 2006): “[...] há informações no sentido de as primeiras irmãs terem sido africanas alforriadas- predominância da nação Ketu, que detinham relativa condição financeira e, por tal, logo foram apelidadas de *negras do partido alto* (grifo do autor). Ora em qual livro didático apareceria uma história como essas? Negras, africanas forras com dinheiro em plena escravidão? E ainda capazes de se organizarem em torno de instituições religiosas amparadas pelo catolicismo e pelo candomblé... [...]”.

Posteriormente, as irmãs se transferiram para a Igreja de Santa Bárbara e para a Igreja do Amparo, demolida em 1946. Dirigiram-se para a Igreja Matriz, sede da freguesia, indo depois para a Igreja da Ajuda. Em seus primórdios a Boa Morte ocupou uma casa simples, ainda existente, situada à Rua Ana Nery, conhecida como Casa Estrela devido a

uma estrela de granito na calçada em frente à porta. Atualmente a irmandade ocupa um casarão situado à Rua 13 de Maio, no qual está uma pequena loja onde são comercializados produtos referentes à confraria e possui uma capela anexa, ponto de encontro das irmãs e símbolo material de uma manifestação de fé secular.

Desde sua fundação, em Salvador, a confraria chamava a atenção por sua devoção e seus festejos. A procissão saía da Igreja da Barroquinha em todo 15 de agosto, celebrando a Assunção de Maria, ou seja, a Boa Morte. O cortejo seguia pelas ruas, acompanhado pela Irmandade de Bom Jesus dos Martírios, composta por homens negros. De acordo com Verger (1981), “a procissão era a mais concorrida, de maior percurso e de aparatosa apresentação”.

Atualmente a festa atrai a presença de curiosos, turistas, jornalistas e personalidades públicas e embora seja realizada durante cinco dias, os três primeiros dias são fundamentais, pois neles acontecem os ritos principais, que seguem e respeitam a tradição deixada pelas irmãs que fundaram a Irmandade. A festa tem recebido grande atenção pela mídia, incluindo jornais impressos, televisão e internet, tendência que tem aumentado ano após ano, principalmente depois do reconhecimento da festa como patrimônio cultural de natureza imaterial em 2010.

2.2 A festa como patrimônio imaterial

O termo “Boa Morte” designa a subida aos céus de Maria, de corpo e alma. Tradição surgida nos primeiros séculos do Cristianismo, foi trazida ao Brasil pelos portugueses. Crença generalizada no mundo cristão, em especial no Oriente, segundo a qual Maria não teve uma morte como os comuns mortais, tendo seu corpo preservado. Ela fechou seus olhos na Terra, para abri-los no Céu de forma definitiva. No Oriente, esse momento é chamado de “Dormição”, enquanto que no Ocidente, recebeu os termos Assunção, Vitória ou Glória, originando as diversas denominações de Nossa Senhora.

Na Festa da Boa Morte são realizadas cerimônias públicas e privadas e em ambas são observáveis os cumprimentos às responsabilidades católicas, as simbologias gestuais e do vestuário do candomblé em todo o ritual, principalmente nos cortejos. Por seu caráter histórico-cultural, a festa reúne aspectos que demonstram o *sincretismo-mimético*

(TAVARES, 2009) de modo marcante, da mesma maneira que são observados os elementos da cultura negra bastante nítidos e do catolicismo barroco luso- brasileiro, bem como a crença católica da devoção a Maria, uma das mais antigas do mundo e que a Irmandade conserva em seus rituais.

A festividade realizada anualmente, por aproximadamente 30 irmãs, é composta pelos cortejos, ceias, missas, procissões e samba-de-roda, que definem as responsáveis pela comissão organizadora todos os anos.

A data da celebração da Assunção de Nossa Senhora (15 de agosto), segundo alguns estudiosos, foi instituída no Oriente pelo Imperador Maurício, por volta do ano 600. Na França, durante muito tempo, 15 de agosto foi a data da Festa Nacional do país. Dados históricos também apontam que no Oriente, desde finais do século II, é celebrada a Assunção ou Dormição de Maria e a festividade contava com prestígio popular desde o início do século VII no Império Bizantino. Com base em textos apócrifos e numa resolução posterior da Igreja Católica, válida até os dias atuais, a celebração foi fixada num domingo.

A duração das comemorações em homenagem à Nossa Senhora da Boa Morte e da Glória em Cachoeira depende dos donativos arrecadados na esmola geral ou peditório, quando as integrantes saem às ruas de Cachoeira para pedir em estabelecimentos comerciais o dinheiro necessário para a realização da festa daquele ano. A Festa da Boa Morte, embora composta de cinco dias, está alicerçada nos três primeiros dias, nos quais são realizados os três ritos fundamentais em observância à tradição deixada pelas irmãs que fundaram a Irmandade.

No primeiro dia, por volta das 18h, celebra-se a missa em Ação de Graças pelas irmãs falecidas e pela Morte de Nossa Senhora. Logo após, um cortejo sai pelas ruas com o acompanhamento musical de filarmônicas locais. No mesmo dia, aproximadamente às 21h, acontece a Sentinela de Nossa Senhora da Boa Morte, seguida de uma ceia branca oferecida pelas irmãs.



Figura 3- procissão do primeiro dia de festa

O segundo dia é dedicado à Missa de Corpo Presente na Capela da própria Irmandade, anexa à Sede e em seguida, uma procissão sai pelas ruas acompanhada por filarmônica e pelo povo.



Figura 4- Irmãs na Missa de Corpo Presente na capela da irmandade

O terceiro dia é a comemoração da Assunção de Nossa Senhora. É a recordação quando Nossa Senhora foi elevada aos céus e encontra-se ao lado de Deus e de seu filho Jesus. A programação começa com uma alvorada às seis horas da manhã, seguida de missa na capela da Irmandade pela Assunção de Maria. Após a missa, as irmãs e as filarmônicas saem em procissão pelas ruas vizinhas à sede da Irmandade, sempre acompanhadas por respeitável quantidade de pessoas. Ao meio-dia é servido o almoço para as irmãs e convidados. É o início da festa profana, não há mais luto. Nesse dia é empossada a Comissão Organizadora do ano seguinte.



Figura 5- Procissão do terceiro dia de festa

No terceiro dia, logo após a procissão, acontece a valsa intermediária. A valsa anuncia e autoriza o início profano da Festa, uma vez que aconteceu a Assunção de Nossa Senhora e a comissão organizadora da festa seguinte foi empossada. Logo que a valsa se encerra, o samba-de-roda faz sua primeira aparição. As celebrações se prolongam por mais dois dias, com cozidos e/ou carurus e mais samba-de-roda.

O mítico, que se faz presente nos rituais da irmandade, se expressa pelos cânticos, rezas, danças, gestos, culinária, indumentárias e na própria relação que as irmãs têm com as dimensões da vida. Através desses elementos, se percebe que a irmandade se mantém como um dos mais representativos patrimônios culturais do Estado, do Recôncavo e de Cachoeira, que diante dessa dimensão merece ser valorizado e preservado por sua história de resistência e conservação das tradições e religiosidade do povo negro.

Diante disso, a própria irmandade solicitou em 2009 ao Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), a abertura do processo de Registro da Festa Da Boa Morte como Patrimônio Cultural da Bahia, com base no parecer favorável emitido pela Gerência de Pesquisa, Legislação Patrimonial e Patrimônio Intangível (GEPEL), visando a singularidade dessa manifestação cultural e sua representatividade para a identidade baiana.

Conforme descrito no dossiê elaborado pelo IPAC sobre a Festa da Boa Morte, o plano de trabalho privilegiou a pesquisa qualitativa, utilizando técnicas que permitiram a interpretação dos fenômenos, a atribuição de significados, possibilitando descrever e decodificar os componentes que dão sentido ao objeto estudado, facilitando a definição e o dimensionamento do campo de trabalho, com o objetivo de evidenciar elementos simbólicos, como adornos, ritos, vestuários, música, danças e expressões que o configuram.

Neste âmbito, considerou-se importante contextualizar o objeto em sua dinâmica histórico-social, definindo a rede de relações estabelecidas pela interação dos diversos agentes sobre e em torno do objeto estudado.

Considerando a historicidade do objeto estudado, a pesquisa documental e os relatos que se constituíram elementos fundamentais para a análise. Neste caso, a linguagem foi considerada elemento importante para a construção de um saber repleto de abordagens que relacionam história, tradições e práticas culturais. O processo de pesquisa constituiu-se das seguintes fases: pesquisa documental no acervo da Irmandade, Arquivo Público Municipal, Arquivo da Cúria Metropolitana; pesquisa iconográfica no acervo da Irmandade, Fundação Pierre Verger e jornais; levantamento bibliográfico sobre o tema; entrevistas com as irmãs, estudiosos e autoridades leigas e religiosas ligadas à Irmandade e à Festa; acompanhamento da preparação e dos rituais da Festa da Boa Morte; registro de vida e observação participante e o registro fotográfico e videográfico dos rituais e etapas da Festa.

A documentação iconográfica foi constituída por 50 horas de filmagens, com produção de documentário de 26 minutos e fotografias captadas durante a festa em agosto de 2009. Contou ainda com a realização de entrevistas com as irmãs, historiadores e pesquisadores, autoridades religiosas e outras pessoas ligadas à Irmandade e à Festa da Boa Morte, direta ou indiretamente. Das entrevistas resultaram 20 horas de gravação de áudio e imagens que compõem o documentário produzido que acompanha o dossiê do IPAC, que culminou no registro da Festa como Patrimônio Imaterial da Bahia.

Com o registro, foram propostas ações de salvaguarda para a continuidade da Festa da Boa Morte como divulgação na rede de TV pública e distribuição do material audiovisual captado para a elaboração do dossiê; edição seguida de publicação do conteúdo apresentado no dossiê a ser lançada em 2010; atualização das pesquisas, o que inclui a alimentação do dossiê de Registro; divulgação da manifestação; promoção de exposições temáticas; incentivo à produção de novos audiovisuais e novas publicações e ações de desenvolvimento de pesquisas voltadas à economia da cultura.

3. Uma breve proposta de análise do discurso

3.1 Introdução

Este capítulo tem por objetivo refletir sobre a Análise do Discurso, retomando suas

bases históricas para compreender as mudanças que foram se efetuando, principalmente a partir da década de 1970 do século passado. Transformações estas que se realizaram no âmbito de outras ciências como a antropologia e a psicologia, além da linguística. Adentrando numa perspectiva própria da linguística, surgem termos como “texto”, “narratividade”, “locutor” e “signo”, com o propósito de demonstrar como o (s) discurso (s) é (são) tecido (s).

O Discurso mobiliza estruturas diferentes, como ocorre com os provérbios e todo ato de linguagem envolve uma ação, daí se conclui que a enunciação visa a modificação de uma situação. O sentido de um discurso é adquirido a partir de outros discursos, a partir do qual deve traçar sua trajetória e para interpretar um enunciado é necessário relacioná-lo a outros. Assim como a linguagem, o discurso possui categorias, gêneros. E são estes gêneros que categorizam e classificam os textos produzidos. A denominação desses gêneros apoia-se em critérios heterogêneos, variando de acordo com a finalidade, que corresponde às necessidades cotidianas.

O suporte material de um texto modifica um gênero de discurso. Porém, vale ressaltar que aqui o termo “gênero de discurso” será empregado para as atividades verbais assentadas em dispositivos de comunicação. Tendo estas reflexões como ponto de partida, a partir de então, se pensará na relação entre cobertura jornalística e análise do discurso, a partir de um pressuposto construtivista (VAN DIJK, 1996), ou seja, uma representação mental construída gradualmente a partir de uma análise estrutural e da síntese, onde as unidades de significado podem ser percebidas em níveis.

Não se pode esquecer das dimensões do discurso, social e cognitiva que interagem, resultando assim que dentro de um contexto social, o discurso e o processo de compreensão do discurso influem em sua funcionalidade social. Cognitivamente isto significa que os usuários da língua constroem uma representação do texto e também do contexto social, havendo uma interação entre ambas.

Voltando-se para o jornalismo, em especial, para o jornalismo impresso, o texto é construído com base em um discurso, dentro de um contexto, sofrendo influências deste e do meio no qual é elaborado e onde se dará sua reprodução em novas interpretações e representações, ou seja, como os valores inerentes à identidade do discurso influem no discurso e nas práticas discursivas.

É impossível falar sobre as restrições acerca das estruturas da notícia, sem especificar condições sociais e funções sociocognitivas na comunicação de massa. O tipo de

formato influencia na produção, compreensão e memorização da notícia. Porém, há enfoques da notícia que se restringem às dimensões institucionais e profissionais da produção de notícias por jornalistas que trabalham em agências de notícias ou jornais, “ou se preocupam com o controle econômico e ideológico da produção de notícias e dos jornais”. (VAN DIJK,1996)

Existem estudos que possuem sua perspectiva positiva, mas raramente mostram como tais restrições atuam no processo de produção e no resultado, que é a notícia. Porém, existem exceções na análise ideológica da notícia, neste âmbito, se destaca o trabalho desenvolvido pelo Centro de Estudos Culturais Contemporâneos de Birmingham (CCCS).

Fundado em 1964, na Universidade de Birmingham, o CCCS a partir da pesquisa francesa sobre discurso e análise ideológica, partindo de um viés marxista da produção de mídia, com as noções elaboradas por pesquisadores estruturalistas como Althusser, Barthes e Pêcheux, aqui a notícia se orienta por estruturas sintáticas, como as construções ativas ou passivas, que permitem ao jornalista explicitar ou suprimir o agente dos atos noticiados.

Neste contexto, destacam-se os estudos realizados pelo pesquisador Stuart Hall, nascido na Jamaica e que atuou na Inglaterra, onde viveu maior parte de sua vida. Hall transformou o modelo comunicacional, elaborado por Roman Jakobson, partindo de uma perspectiva marxista. Propõe um estudo dos processos de comunicação massiva, segundo um modelo que contemple as instâncias de produção, circulação, consumo e reprodução. Ao considerar a prática comunicativa como cultural, o discurso torna-se essencial. Para Hall, o discurso é a forma pela qual os produtos da comunicação massiva são acessíveis às audiências.

Para concluir este capítulo, serão apresentados dois esquemas sobre o discurso em dois aspectos: a análise semântica e como se estrutura o discurso da notícia, a partir dos quais serão explanados aspectos essenciais concernentes ao discurso e sua natureza, demonstrando como tais elementos explicam o ato da elocução verbal e como se articulam influenciando no texto. É proposto um modelo cognitivo, através do qual é possível explicar processos de produção e seus resultados na estrutura da notícia e os processos de compreensão do texto.

3.2 Análise do Discurso

A análise do discurso (AD) é um campo de estudos cujas fronteiras ainda não estão muito bem delineadas, embora tenha ganho força a partir da década de 1970 do século passado, com o interesse das ciências humanas e sociais pelo estudo do discurso e esse desenvolvimento é dotado de fontes históricas:

Há mais de dois mil anos, a poética clássica e a retórica já forneciam modelos estruturais para textos, tais como poesia, drama e discursos jurídicos e políticos. A sofisticação conceitual da retórica clássica permaneceu invicta até o desenvolvimento do estruturalismo em linguística, poética e antropologia no fim dos anos 60, após o exemplo dos chamados Formalistas Russos e dos Estruturalistas Tchecos entre as duas grandes guerras. O trabalho do antropologista russo Vladimir Propp a respeito das estórias folclóricas russas, fornece-nos um exemplo de abordagem estrutural das narrativas aceita por mais de trinta anos, principalmente na França, que finalmente emergiu na psicologia através dos trabalhos sobre gramáticas narrativas [...]. (VAN DIJK, 1996)

Este fator significou uma transformação no campo linguístico e por consequência, nos estudos sobre discurso, dando “passagem da Linguística da frase para a Linguística do texto” (GREGOLIN, 1995), passando este a ser o objeto principal dos estudos. Assim, a AD tomou direções diferentes, mas é no texto que se debruça para estudar a discursivização.

Existem dois conceitos fundamentais nesta discussão: texto e discurso. Numa acepção greimasiana do termo, o texto é formado por uma estrutura que articula elementos diferentes, constituindo sentido coeso e coerente. Possui um nível fundamental, que consiste na primeira etapa de um percurso gerativo de sentido, determinando o sentido sobre o qual ele se constrói. Texto refere-se à totalidade, quando trata de “apreender o enunciado como um todo, como constituindo uma totalidade coerente” (MAINGUENEAU, 2013). É na relação com o sentido que a narratividade se desenvolve. O princípio fundamental da narratividade é a transformação e o encadeamento de seus elementos gera a sucessão dos fatos no texto.

Falar em textos é referir-se a produções verbais escritas ou orais, estruturadas para se repetirem, perdurarem e circularem longe do contexto original. Um texto não é produzido apenas por um locutor e é essa diversidade de vozes que caracteriza a heterogeneidade dos textos. No texto podem ser encontrados outros traços dessa

heterogeneidade, como a associação de signos linguísticos e signos icônicos (fotos, desenhos...), mas é importante ressaltar o papel da tecnologia quanto aos modos de gravação e reprodução da imagem e do som, que tem modificado consideravelmente a forma de representar o texto, este pode não ser apenas um conjunto de signos sobre uma página, mas um filme, etc.

A narratividade dos valores a partir de um sujeito constrói o sentido. A narrativa se constitui de quatro fases: manipulação, competência, performance e sanção. Na manipulação o sujeito é induzido a praticar a ação; na competência, é necessário adquirir competência para realizar a ação; já na performance o sujeito concretiza a ação e na sanção, há recompensação positiva ou negativa diante da ação realizada. Assim, conclui-se que todo texto possui os mesmos valores e estrutura narrativa, mas o que diferencia uns dos outros é a discursivização dos valores e da narrativa, ou seja, a estrutura discursiva.

O nível discursivo é outra etapa importante na construção do sentido. Quando o sujeito da enunciação assume as estruturas narrativas, estas convertem-se em discurso. O que significa que a história é contada a partir de um ponto de vista. Há recursos do nível discursivo como a espacialização e a temporalização, que estabelecem a relação entre enunciador e enunciatário, permitindo a interpretação através de elementos presentes no texto. Estes elementos permitem que o leitor perceba a orientação argumentativa e as relações entre texto e contexto. O discurso é o espaço onde o sujeito da enunciação se manifesta e onde são recuperadas as relações entre o texto e o contexto sócio-histórico que o produziu.

Discurso é um termo ambíguo, que serve tanto para designar “o sistema que pode produzir um conjunto de textos, quanto o próprio conjunto de textos produzidos” (MAINGUENEAU, 2013). Advém das ciências da linguagem e emprega-se tanto no singular, quanto no plural, dependendo da atividade verbal à qual se refere ou ao evento de fala. A noção de discurso indica uma modificação no modo de conceber a linguagem e essa mudança resulta de várias correntes das ciências humanas reunidas sob o nome de pragmática, que consiste numa maneira de apreender a comunicação verbal.

A partir do reconhecimento de que os estudos linguísticos não deveriam estar restritos somente à análise gramatical de sistemas linguísticos abstratos ou ideais, o estudo do discurso ganhou relevância. A análise conversacional foi identificada como análise do discurso e tem exercido influência na linguística atual. O campo do discurso tem se caracterizado como campo interdisciplinar independente, no qual métodos e teorias

puramente linguísticos ou gramaticais se mesclam aos da etnografia, microsociologia e psicologia.

No início dos anos 70, com o interesse crescente pela memória semântica houve o uso de materiais discursivos e foram dados os primeiros passos em direção a um modelo cognitivo, possibilitando a compreensão do discurso. Isto se deve à aprendizagem com base em textos, o que contribuiu para o interesse rápido e crescente pela memória para o discurso (VAN DIJK, 1996). Dessa forma, na psicologia ocorre o renascimento dos trabalhos sobre discurso na tradição Gestalt. Vale ressaltar que esse renascimento ocorreu também no campo da Inteligência Artificial.

A noção de discurso remete a interatividade, ou seja, é uma atividade verbal que para ser concreta realiza-se no binômio EU-VOCÊ. A compreensão de acontecimentos reais ou eventos discursivos constrói uma representação mental, significativa, a partir do conhecimento a respeito de tais acontecimentos. Compreender não é apenas um ato interpretativo, mas é também ativação e uso de informações. Estas informações podem ser consideradas “pressuposições cognitivas do processo de construção” (VAN DIJK, 1996). Compreender implica em usar e construir informações e relacionar acontecimentos e as situações nas quais ocorrem.

O discurso mobiliza estruturas de outra ordem que as da frase, como é o caso dos provérbios, por exemplo. Os discursos estão submetidos a regras de determinado grupo social, como as regras da narrativa, da argumentação, relativas ao plano de texto e referentes a extensão do enunciado. Um discurso não é concebido somente em função de uma perspectiva do locutor, mas também em relação ao tempo, de modo linear. O discurso é construído em função de uma finalidade, dirigindo-se a algum lugar. Mas ele pode mudar de direção, retomar a direção inicial:

Sua linearidade manifesta-se frequentemente por um jogo de antecipações (“veremos que...”, “voltaremos ao assunto...”) ou de retomadas (“ou melhor...”, “eu deveria ter dito...”); tudo isso constitui um verdadeiro “monitoramento” da fala pelo locutor. Deve-se notar que os comentários do locutor sobre sua própria fala perpassam pelo fio do texto, embora não se situem no mesmo nível: “Paulo encontra-se, *se assim podemos dizer*, na miséria”, “Rosália (*que nome!*) ama Alfredo”... Aqui, os fragmentos em itálico incidem sobre um elemento adjacente, conquanto apareçam inseridos *na frase*”. (MAINGUENEAU, 2013, pág. 59)

O desenvolvimento linear do texto se processa em condições diferentes, se o enunciado for proferido por um só enunciador que o controla do início ao fim ou se inscreva numa interação em que possa ser interrompido ou desviado a qualquer momento pelo interlocutor. Ocorre, por exemplo, nas situações de interação oral, que as palavras escapem, sendo necessário recuperá-las ou torná-las mais precisas em função das reações do outro.

Falar não é pura e simplesmente uma representação de mundo, mas é também uma forma de ação sobre o outro. A partir dos atos de linguagem foi possível compreender que toda enunciação é um ato que visa modificar uma situação. Esses atos se integram em discursos de determinado gênero, visando uma modificação nos destinatários. A própria atividade verbal se relaciona com atividades não-verbais.

Não existe discurso sem contexto, da mesma forma como não pode ser atribuído um sentido a um enunciado fora de contexto. O mesmo enunciado em dois lugares distintos corresponde a dois discursos distintos. Não se deve esquecer o papel do discurso enquanto definidor do contexto, podendo modificá-lo na enunciação.

Para ser discurso é necessário remeter a um sujeito, fonte de referências e ao mesmo tempo indicando a atitude tomada em relação ao que se diz e ao coenunciador. A atividade verbal se inscreve na instituição da fala e é regulada por normas. Porém, cada ato de linguagem possui suas próprias normas. No que tange à enunciação, nenhum ato pode efetuar-se sem justificar, seu direito de se apresentar tal como se apresenta.

O sentido do discurso é adquirido no interior de outros discursos, a partir do qual deve traçar sua trajetória. Para interpretar um enunciado é necessário relacioná-los a outros:

[...] Outros enunciados que são comentados, parodiados, citados... Cada gênero de discurso tem sua maneira de tratar a multiplicidade das relações interdiscursivas: um manual de filosofia não cita da mesma maneira, nem cita as mesmas fontes que um promotor de venda promocional... O simples fato de classificar um discurso dentro de um gênero (a conferência, o telejornal...) implica relacioná-lo ao conjunto ilimitado dos demais discursos do mesmo gênero. (MAINGUENEAU, 2013)

Como ocorre com a linguagem, que possui as figuras, recurso bastante explorado, por exemplo, na literatura, o discurso possui categorias, gêneros. E são os gêneros de discurso que categorizam, classificam os textos produzidos. A denominação desses gêneros apoia-se em critérios heterogêneos, variando de acordo com a finalidade, que

corresponde às necessidades cotidianas e isto não pode ser ignorado.

Os gêneros de discurso são dispositivos de comunicação que aparecem apenas quando certas condições sócio-históricas se fazem presentes. Assim, as tipologias dos gêneros de discurso se contrapõem às funções da linguagem por seu caráter historicamente viável. Os gêneros pertencem a diversos tipos de discurso associados a setores de atividade social:

Assim, o “talk-show” constitui um gênero de discurso no interior do tipo de discurso “televisivo” que, por sua vez, faz parte de um conjunto mais vasto, o tipo de discurso “midiático”, em que figurariam também o tipo de discurso radiofônico e o da imprensa escrita. Dividimos, assim, a sociedade em diferentes setores: produção de mercadorias, administração, saúde, ensino, pesquisa científica, etc.- setores que correspondem a grandes tipos de discurso. Tais divisões se baseiam em grades sociológicas mais ou menos intuitivas. (MAINGUENEAU, 2013, p. 68)

Os gêneros de discurso podem ser divididos baseando-se em um lugar institucional: a escola, a família, a empresa, etc. Pode se tomar por critério o estatuto dos parceiros do discurso, como os discursos entre crianças e adultos, entre homens e mulheres, etc. Falar em “discurso dos jovens” ou em “discurso das mulheres”, implica em grandes dificuldades, pois um jovem participa efetivamente de múltiplas atividades de discurso. Além dessas divisões, há outras de natureza ideológica, como o “discurso socialista” ou o “discurso católico”. Para a análise do discurso, tais unidades não se separam dos gêneros de discurso por elas mobilizados e da forma como os mobilizam.

As tipologias enunciativas estão distantes da inscrição social dos enunciados e as tipologias comunicacionais ou situacionais não levam em conta os funcionamentos linguísticos dos textos. O ideal, para a análise do discurso, é apoiar-se sobre tipologias discursivas, para não separarem as caracterizações ligadas às funções, aos tipos e aos gêneros de discurso e as caracterizações enunciativas.

Dominar vários gêneros de discurso é um fator de considerável economia cognitiva:

Aprendemos a moldar nossa fala pelas formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos logo, desde as primeiras palavras, descobrir seu gênero, adivinhar seu volume, a estrutura composicional usada, prever o final, em outras palavras, desde o início somos sensíveis ao todo discursivo [...] Se os gêneros de discurso não existissem e se não

tivéssemos o domínio deles e fôssemos obrigados a inventá-los a cada vez no processo da fala, se fôssemos obrigados a construir cada um de nossos enunciados, a troca verbal seria impossível. Bakhtin (1984, p.285, apud MAINGUENEAU, 2013, p.70)

Não são os gêneros que se encontram à disposição do locutor como uma fôrma, a fim de que este molde o enunciado nessa fôrma. São atividades sociais que estão submetidas a critério de êxito, ou seja, os atos de linguagem se comprometem com o concreto, com a capacidade de, por exemplo, realizar determinada promessa.

Todo gênero visa a um tipo de modificação da situação na qual se faz presente. Essa finalidade pode ser indireta, mas sua determinação é indispensável para que o destinatário tenha o comportamento adequado ao gênero de discurso utilizado.

O papel assumido pelo enunciador e coenunciador são determinados através dos diferentes gêneros de discurso, determinando quem fala e a quem se dirige a fala. A cada uma dessas relações correspondem direitos e deveres, mas também saberes, por exemplo, um leitor de uma revista científica deve possuir um saber médico que permita sua compreensão acerca do conteúdo.

Todo gênero de discurso implica um certo lugar e um certo momento. Há lugares que são ilegítimos para determinados gêneros de discurso, como um bar se tornar sala de aula, por exemplo. Mas em determinado contexto a transgressão pode ser significativa e no caso do exemplo dado pode servir como um modo de protesto contra a falta de locais de ensino. No entanto, vale ressaltar que, as noções de “momento” ou “lugar” de enunciação num gênero de discurso não são evidentes. É o caso de um cartaz publicitário à beira da estrada e uma propaganda em revista. Enquanto o cartaz publicitário foi feito para ser visto rapidamente, a propaganda na revista é itinerante, já que o periódico pode ser lido em qualquer lugar e fica disponível ao leitor por tempo indeterminado. Existe uma diferença quanto ao público, pois enquanto que o público do cartaz é indeterminado, o mesmo não ocorre com a propaganda na revista, que tem um público específico e o texto em ambas as propagandas diferem, com o objetivo de alcançar o seu leitor.

No tocante à temporalidade de um gênero do discurso, ela implica pontos que se faz necessário destacar:

* periodicidade- exemplos desta competência são uma missa, um telejornal, mas importa ressaltar que um pronunciamento de chefe de Estado ou um panfleto não

obedecem a uma periodicidade;

* encadeamento- indica a duração de realização de um gênero de discurso. Certos gêneros implicam a possibilidade de várias durações;

* duração de validade presumida: uma revista é considerada válida por uma semana, um jornal, por um dia e um romance pode ser lido por tempo indefinido.

A modificação do suporte material de um texto transforma radicalmente um gênero de discurso. O texto não é então um conteúdo a ser transmitido por determinado veículo, pois o texto é inseparável de seu modo de existência material, o que corresponde dizer “modo de suporte/transporte e de estocagem, logo, de memorização”. (MAINGUENEAU, 2013)

Os gêneros de discurso estão associados a uma organização textual que cabe à linguística textual se debruçar. Ter conhecimento acerca de um gênero de discurso é ter uma consciência mais ou menos clara dos modos de encadeamento de seus constituintes em diferentes níveis.

Todo gênero de discurso implica que os participantes dominem um certo uso da língua, caso queiram corresponder às expectativas do gênero. Para cada atividade verbal há recursos linguísticos específicos. Por exemplo, numa declaração expedida por um banco o locutor utilizará recursos muito diferentes daqueles usados em uma conversa familiar. Mas não é todo gênero que implica recursos linguísticos específicos. Há atividades verbais para as quais não existem recursos próprios, é o caso dos gêneros publicitários, que adotam os mais diversos usos da língua. É a ausência de recursos específicos que faz a especificidade desses textos. Não se pode esquecer que as normas podem ser transgredidas sempre por um locutor, seja por falta de domínio, ou com a intenção de causar certo efeito em função do contexto. Com a finalidade de evitar problemas de compreensão,

É melhor reservar o termo 'gênero de discurso' para as atividades verbais assentadas em dispositivos de comunicação cujas características foram por nós apontadas: papéis dos interlocutores, mídiun, momento, etc. Evitaremos, desse modo, falar de 'gênero de discurso' quando se tratar de categorias fabricadas pelos analistas para designar famílias de gêneros de discurso”. (MAINGUENEAU, 2013)

Problemáticos são os fenômenos de inclusão de gêneros em outros gêneros. Por exemplo, o fait divers e o editorial são gêneros jornalísticos. Mas o único e verdadeiro

gênero de discurso é o jornal no qual esses gêneros se encontram incluídos.

3.3 Cobertura jornalística e a Análise do Discurso

O processamento do discurso assim como outros processos de informação é estratégico, consistindo numa representação mental na memória construída a partir do discurso, usando informações internas e externas, com o objetivo de interpretar (entender) o discurso (VAN DIJK, 1996). Esse princípio traz implicações, como o pressuposto construtivista, segundo o qual a construção gradual é possível através de uma análise estrutural e da síntese, onde as unidades de significado podem ser percebidas em níveis, assim como as maneiras pelas quais as unidades possam ser combinadas em unidades mais complexas.

Em situações específicas discursos são produzidos e recebidos por falantes e ouvintes, dentro de um contexto sociocultural. As dimensões sociais do discurso interagem com as dimensões cognitivas, resultando assim que dentro de um contexto social, o discurso e o processo de compreensão do discurso influem em sua funcionalidade social. Cognitivamente isto significa que os usuários da língua constroem uma representação do texto e também do contexto social, havendo uma interação entre ambas.

Trazendo isto para a realidade do jornalismo, em especial, para o jornalismo impresso, o texto é construído com base em um discurso, dentro de um contexto, sofrendo influências deste e do meio no qual é elaborado e onde se dará sua reprodução em novas interpretações e representações. Vale ressaltar que o texto é designado como tal quando é orientado por um sentido e este é construído por vários locutores através das marcas do texto (signos), que são estratégias voltadas à produção de informações compatíveis com a compreensão.

Assim como ocorre no discurso escrito e no discurso oral, as sentenças se dispõem de maneira linear. Fatos denotados como estado de coisas, ações ou eventos tem organização espacial, condicional, causal ou temporal. Isto consiste em tarefa cognitiva importante tanto para o falante ou escritor, no tocante de, “representar estas relações entre os fatos como relações intra ou inter proposições e expressar estas novamente na ordem linear das palavras, sintagmas e sentenças, visto que o ouvinte ou o leitor tem a tarefa de estabelecer estas relações” .(VAN DIJK, 1996)

Daí se conclui que o discurso não é apenas um conjunto de sentenças, mas uma sequência condicionada convencionalmente sobre ordenações possíveis, desde que seja significativa e represente determinadas estruturas. Não somente a ordem das proposições num discurso é condicionada por regras de significação, mas também seu conteúdo, conceitos e referências. Falar de discurso é lembrar também das condições de coerência, pois são estas que estruturam o texto de modo a estar interligado, coeso, construindo o sentido, por consequência, do próprio discurso. As expressões da estrutura de superfície, ou seja, as estruturas morfofonológica, sintática e lexical das sentenças são traços que devem apontar coerência, assim como a ordem de palavras e sentenças, conectivos, advérbios sentenciais, tempos verbais ou pronomes.

A representação das relações temporal e condicional entre eventos ou ações é sinal evidente dos condicionamentos da coerência. Nesta altura da reflexão, é importante chamar a atenção para a coerência condicional e a coerência funcional. Quando uma sequência de proposições é condicionalmente coerente se denota a presença de uma sequência de fatos em vista duma perspectiva condicional, como as causas e consequências. Uma sequência de proposições é funcionalmente coerente se estas estão relacionadas com as proposições anteriores. Assim, a proposição pode funcionar como especificação, explanação, comparação, contraste ou generalização, sempre em observância à proposição anterior.

Entender um discurso pressupõe entender o mundo e suas representações e interpretações. Isto se dá através da compreensão das relações de coerência, que conectam proposições, sentenças, conjuntos e elementos das proposições. Para que a coerência do discurso seja avaliada, se faz necessário observar o conjunto de proposições quando estas relatam fatos. As relações entre proposições quando são entre fatos não se expressa somente pela ordem das sentenças, mas também pelo uso de conectivos, como conjunções a exemplo de *mas*, *apesar de*, *se*, *então*, *pois*, *porque* e *por* advérbios compostos, a exemplo de *ao contrário*, *por um lado*, como uma consequência e etc. estes termos tem por função expressar determinados tipos de coerência, seja funcional, seja condicional.

A semântica dos conectivos pode ser explicada tanto em termos de relações condicionais (possibilidade, probabilidade e necessidade) entre os fatos destacados pelas orações ou sentenças ou através de relações entre proposições e fatos. Os conectivos são usados para expressar relações entre atos de fala em sentenças dentro de determinado contexto e também entre orações.

Usados em contextos sociais, os discursos são realizados como sequências de atos de fala e como ato de fala global tem por primeira função estabelecer uma representação semântica e a partir desta, uma representação na memória do ouvinte ou leitor, mais especificamente aplicando ao caso do jornalismo impresso. Um discurso deve respeitar princípios que asseguram a comunicabilidade, ser informativo (nem demais, nem de menos), ser relevante, breve e suficientemente claro. A macroestrutura é a informação semântica que fornece a unidade global ao discurso e essas estruturas se fazem presentes através de anúncios, títulos, sumários e sentenças.

A macroestrutura de um discurso é uma função relacionada aos significados de suas sentenças. Esta função consiste numa transformação semântica, projetando sequências de proposições sobre sequências de macroproposições em diversos níveis, desde o abstrato ao global de significado. Estas transformações ou operações, chamadas “macrorregras” suprimem toda informação de relevância local que não seja necessária para a compreensão do discurso. Estrutura hierárquica e as macrorregras em jornais, por exemplo, se manifestam nos tópicos mais altos, geralmente expressos, ao menos parcialmente, em letras maiúsculas. Uma macroestrutura tipicamente se expressa através do resumo do discurso, correspondendo a estruturas abstratas relativas às operações e representações cognitivas mais concretas.

Para atingirem a interpretação real, ou seja, a compreensão, os usuários da linguagem aplicam estratégias visando atingir a interpretação pretendida, utilizando informações de vários tipos: textual, contextual e cognitiva ao mesmo tempo. Os discursos possuem significados atribuídos pelos usuários da linguagem, baseados em processos cognitivos em interação e contexto determinados. Daí se conclui que a interpretação do discurso é um processo que se realiza cognitivamente e socialmente.

Os discursos, atualmente, têm se manifestado materialmente em diversos suportes, o que influenciou em seus modos de difusão, seja por enunciados orais, papel, rádio, computador, celular, etc. O texto por muito tempo foi tido como sequências de frases dotadas de sentido, indiferentes ao seu meio. Porém atualmente, com o avançar dos estudos no campo, percebe-se que o meio ou “mídium”, não é apenas um simples meio de transmissão do discurso, mas que impõe suas coerções sobre o conteúdo e o uso que pode ser feito, afinal, “o mídiun não é um simples 'meio', instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante do mídiun modifica o conjunto de um gênero de discurso.” (MAINGUENEAU, p. 82)

A partir da chegada e desenvolvimento do audiovisual e da informática, que pode se

perceber esse papel crucial do mídiu. Eles transformaram a natureza dos textos e o próprio modo de consumo. Com seu surgimento houve uma ruptura com a civilização do livro, que trazia uma concepção de sentido. Esta mudança foi significativa no tocante à conscientização quanto à especificidade da oralidade e de modificações trazidas num momento anterior pela escrita e pela imprensa.

Ao se referir ao mídiu de determinado gênero de discurso, não basta apenas levar em conta o suporte, mas é preciso também considerar o conjunto do circuito da fala. Deve-se levar em conta que a comunicação não é um processo linear, conforme demonstrado no modelo:

(enunciador)

(destinatário)-necessidade de se exprimir-sentido-escolha de suporte e gênero-redação-difusão-encontro

FONTE: Adaptado de Maingueneau, pág.82 (2013)

É necessário partir de um dispositivo que integre o mídiu. O transporte e recepção do enunciado condiciona a constituição do texto e modela o gênero de discurso, repercutindo em transformações sociais. Por exemplo, com o surgimento da televisão, houve mudanças no exercício do discurso político. As modificações das condições da comunicação política transformaram os conteúdos e os modos de dizer, por consequência, a natureza do discurso político e a política. Isto significa, porém, que os antigos gêneros de discurso desapareceram, apenas foram marginalizados.

A distinção entre o oral e o escrito não é tão simples como geralmente costuma ser pensada, ao utilizá-la se combinam oposições situadas em planos distintos, referentes aos suportes físicos. Enquanto o oral é transmitido por ondas sonoras, o gráfico se dá por signos inscritos em um suporte sólido (papel, por exemplo). Essa distinção não considera as técnicas de tratamento, que manipulam de forma “imaterial” os sons, letras ou imagens, que os decompõem e recompõem, armazenam ou projetam em telas, para, a seguir projetá-los em outro suporte eletrônico ou no papel.

Regimes distintos de enunciação, o oral, escrito e impresso, que indicam estágios bastante diferenciados entre si. O texto escrito pode circular longe de sua origem, encontrando públicos variados, sem para isso, sofrer modificações e quem o escreve obrigatoriamente estrutura-o de modo compreensível, fazendo do enunciado um texto, em seu sentido pleno e impõe seu ritmo de apropriação, lendo-o da forma que melhor

convém. O coenunciador partilha o mesmo ambiente que o locutor, reagindo à sua entonação e às suas atitudes, no oral e aos poucos toma conhecimento dele e vai se conscientizando de sua estrutura e a interação oral exige, no mínimo, a participação de duas pessoas, trazendo dificuldade quanto ao controle da interação. Assim sendo, a distância estabelecida entre coenunciador e texto escrito abre espaço para análises, permitindo ao leitor comparar, sondar o texto e elaborar interpretações. Podendo ser recopiado, arquivado e classificado um texto escrito, torna-se possível o confronto entre textos variados e o estabelecimento de princípios de classificação, obedecendo a parâmetros como temas, gêneros, autores, datas e dentre outros.

Imprimir acentua os efeitos do texto escrito, possibilitando imprimir um número considerável de textos idênticos e uniformes, conferindo autonomia aos seus leitores. Ao contrário do manuscrito, no qual haviam vestígios de uma variação contínua, no texto escrito ao ser impresso, nota-se um objeto inalterável, dispondo de caracteres invariantes no espaço branco de uma página semelhante às outras, abstraindo o texto da comunicação direta, de pessoa a pessoa. Com a escrita e a impressão, o texto explora o fato de ocupar um certo espaço material. A espacialidade do escrito e do impresso permite também a associação de elementos icônicos (esquemas, desenhos, fotos, gravuras, etc) e um paratexto (fragmentos verbais que acompanham o texto, figurando os prefácios, textos em capas, título, assinatura, data, intertítulo, rubrica, notas de rodapé, etc).

O texto constitui uma imagem, uma superfície exposta ao olhar. No processo de paginação o comprimento das linhas pode ser aumentado, o texto pode ser disposto em formatos variados, como coluna, círculo e também isolado com traço ou pontilhado, etc. Um enunciado não-oral constitui uma realidade que não é puramente verbal, ou seja, que pertence a outro universo de sentido.

As oposições entre oral e escrito ou entre escrito manuscrito e escrito impresso não se apresentam mais em seu formato tradicional. As técnicas de gravação e transporte de informação tem modificado os dispositivos de comunicação, e por consequência, os enunciados verbais. O mundo contemporâneo se caracteriza por novas formas de oralidade que diferem da oralidade tradicional, o que exige atenção quanto aos seguintes parâmetros:

* existência ou não de contato físico entre enunciador e coenunciador numa conversa face a face, seja através de conversa telefônica, rádio, etc., nos quais os apresentadores são invisíveis aos ouvintes e estes são invisíveis uns aos outros;

* a abertura ilimitada do número de destinatários é uma consequência da ausência de contato físico, pois a televisão, o rádio, a internet (acessada através de dispositivos móveis e computador) colocam o público em uma assimetria, entre um enunciador e um auditório cuja extensão e identidade são difíceis de se determinar;

* o caráter estático ou não dos interlocutores depende do mídiun. Por exemplo, o uso de dispositivos móveis permite ao seu usuário realizar outras tarefas enquanto falam;

* a possibilidade ou impossibilidade do coenunciador interromper o coenunciador opõe a conversa num dispositivo móvel ou à comunicação escrita num aplicativo de rede social;

* a existência do *terceiro invisível* caracteriza certos tipos de discurso, como as emissões televisivas, onde os interlocutores em estúdio falam em presença do telespectador ou ouvinte (o terceiro invisível), elaborando as falas em função dele. Mediante isto, a emissão deve administrar essa situação do discurso;

* os enunciados podem ter duração efêmera, é o caso das gravações em discos. De igual modo, existem os enunciados “espontâneos”, ou seja, aqueles que são concebidos em função de gravação (propagandas em televisão ou divulgadas em sites como Youtube) e aqueles cuja gravação é feita de surpresa;

* as máquinas intervêm na produção de enunciados orais, como nos videogames. Da mesma forma, o comando vocal permite aos seres humanos endereçar enunciados orais às máquinas;

* as novas tecnologias trouxeram inovações no que concerne à materialidade do texto. Os computadores e dispositivos móveis conectados à internet, oferecem um texto heterogêneo, podendo ser reconfigurado, em virtude das decisões de seu leitor. É o caso do hipertexto, que consiste numa rede virtual que permite percursos distintos ilimitados, fazendo com que o leitor “navegue” em enunciados que ele pode fazer aparecer e desaparecer e que podem se tornar estáveis através do *download* ou impressão. Em suma, presenciamos na atualidade, a desmaterialização dos suportes físicos dos enunciados.

Considerando nesta análise os textos impressos, não se deve ignorar que esses enunciados são frequentemente produzidos com o auxílio da tecnologia e que são a projeção de uma imagem elaborada num computador.

A organização global do texto noticioso (notícia) refere-se às estruturas da notícia para

além da sentença, como as estruturas temáticas e esquemáticas. A estrutura temática de um discurso é organizada em tópicos globais sobre os quais versa a notícia. A análise da notícia é realizada à luz da teoria de macroestruturas semânticas. Estas constituem a representação do conteúdo do discurso, através de texto ou diálogo, caracterizando o sentido do texto e os esquemas são usados para descrever a forma do discurso.

A noção da análise do discurso é importante para a caracterização da notícia, de acordo com o critério de relevância. A notícia possui estrutura de relevância quando indica ao leitor qual informação possui maior importância no texto. A manchete possui papel fundamental nessa estrutura de relevância, já que expressa o tópico mais importante da notícia, explicitando o discurso presente no texto. É inegável a relação entre texto noticioso e contexto. Formas e sentidos do texto resultam dos hábitos sociais e profissionais de jornalistas em ambientes institucionais e este é um quesito determinante para o processamento cognitivo do texto, tanto por jornalistas, tanto por leitores.

O discurso noticioso, no âmbito dos estudos da notícia, nunca é analisado em sua essência, mas sim como tipo de discurso específico da mídia ou como uma realização sociocultural específica. Abordagens estruturais que contemplam o discurso da notícia, como parte da linguística, análise do discurso, semiótica, estilística e retórica são abrangentes. A notícia é um exemplo ou ilustração de uma análise estrutural de traços discursivos específicos.

Falar sobre as restrições acerca das estruturas da notícia, sem especificar condições sociais e funções sociocognitivas na comunicação de massa, é tarefa que se torna impossível. Os processos de produção, a compreensão e memorização cognitiva da notícia dependem do formato utilizado. Enfoques macrosociológicos da notícia, por sua vez, estão restritos às dimensões institucionais e profissionais da produção de notícias por jornalistas que trabalham em agências de notícias ou jornais, “ou se preocupam com o controle econômico e ideológico da produção de notícias e dos jornais” (VAN DIJK, 1996). Estes estudos, ao mesmo tempo que possuem sua perspectiva positiva, por outro lado, raramente mostram como exatamente tais restrições atuam no processo de produção e no resultado, que é a notícia. Porém, existem exceções na análise ideológica da notícia, como é o caso do trabalho desenvolvido pelo Centro de Estudos Culturais Contemporâneos de Birmingham.

3.4 A análise da notícia e os Estudos Culturais

Nestes estudos inspirados na pesquisa francesa sobre discurso e análise ideológica, a partir de uma análise marxista da produção de mídia, com as noções elaboradas por pesquisadores estruturalistas como Althusser, Barthes e Pêcheux, a notícia se orienta por um viés expresso em estruturas sintáticas, como as construções ativas ou passivas, que permitem ao jornalista explicitar ou suprimir o agente dos atos noticiados. É possível encontrar correlatos linguísticos de posições ideológicas, tanto de jornais, como de jornalistas. A pesquisa, em sua maioria, recai sobre o contexto da notícia, destacando as condições práticas, socioculturais ou ideológicas envolvendo o processo de produção da notícia e estudos de recepção.

Segundo Marino, Caparelli, Albuquerque e Kieling (1999 apud HALL, 1996: 270:271), nesta linha de estudos, conceitos tais como “discurso”, “texto”, “código”, “leitura dominante”, trazem questões importantes como a concepção passiva das audiências; a recuperação do papel dos mídia na circulação das definições e representações ideológicas dominantes; a crítica à ideia de que os textos midiáticos estabelecem uma relação de transparência com a realidade e com a significação; a preocupação em aprofundar as formas de estruturação ideológicas e linguísticas. Estas problemáticas questionam os limites da codificação textual e põem em cena a relação das audiências com os textos e discursos midiáticos.

A partir dos sistemas de sentido, Stuart Hall transformou o modelo funcionalista comunicacional (jakobsoniano), partindo de uma perspectiva marxista. É proposto um estudo dos processos de comunicação massiva, segundo um modelo que contemple as instâncias de produção, circulação, consumo e reprodução. Assim, ao considerar a prática comunicativa como cultural, o discurso torna-se essencial. Para Hall, o discurso é a forma pela qual os produtos da comunicação massiva são acessíveis às audiências. A materialidade linguística, que caracteriza a instância de produção, diferencia-a de outras formas de produção social. Porém, cabe destacar que essa materialidade não exclui o sentido econômico e institucional da natureza discursiva dos produtos midiáticos, ou seja, o que se refere às práticas da mídia e os processos de produção, como parte integrante da Indústria Cultural.

Apesar do texto ser um ponto de encontro entre discursos, não significa que o texto seja equivalente ao discurso. Os textos apenas privilegiam, ocultam e resgatam determinados discursos e sentidos discursivos. O texto é um campo de significação e a partir dele se dá o acesso aos discursos inscritos no texto. O discurso também pode ser definido como

um processo social de produção de sentidos, dos quais o texto escolhe alguns que aparecerão como significados, a serem reconhecidos, confirmados, rejeitados ou reelaborados pelas audiências. O sentido discursivo seria determinado pelas estruturas sociais que o compõem. Essa aceção questiona, porém, as relações presentes nos discursos e nos textos. De acordo com Marino, Caparelli, Albuquerque e Kieling (1999), “essa representação não é nunca uma relação de equivalência ou de transparência entre os discursos e a estrutura social. Nem entre os discursos e os indícios a partir dos quais as audiências podem decodificar e interpretar esses discursos”.

As posições sociais textuais em conflito remetem à gama de discursos extra midiáticos, que compõem a formação discursiva, à qual se liga o texto a ser analisado. Isso leva, inevitavelmente, à reflexão acerca da significação dos textos, que depende dos indícios textuais encontrados na própria estrutura do texto, quanto nos discursos ativados pelo texto. As audiências acessam o texto através de competências, vinculam o texto a discursos e práticas, de acordo com classe social, religião, nacionalidade, gênero, preconceitos, contexto econômico, histórico e social no momento em que ocorre a leitura. Estes fatores não indicam relação de correspondência entre a leitura do texto e a posição social, a identidade ou nacionalidade de suas audiências. O que significa que não há relação de transparência entre “‘códigos de produção’ e ‘códigos de recepção’, entre o texto e suas audiências, nem entre o discurso e a realidade social”. (Marino, Caparelli, Albuquerque e Kieling (1999 apud Morley 1992: 17:173; Hall, 1992b)

Hall afirma que a distinção entre conotação e denotação apenas se dá no âmbito analítico, processo inverso ao que ocorre na teoria linguística. Para isto recorre a Volochínov, para dizer que a intervenção ativa da ideologia no discurso estabelece a luta de classes na linguagem. Conotação e denotação são ferramentas úteis para distinguir os diferentes níveis em que se cruzam ideologias e discursos. Barbosa e Sovik (2003 apud HALL, 1980) afirmam que a polissemia não deve ser confundida com pluralismo, pois, “a conotação atribuída ao signo emerge do repertório de classificações do mundo social, cultural e político de cada sociedade ou cultura”.

No processo comunicativo, para Hall, mesmo não existindo a exata correspondência entre codificação e decodificação, existem articulações que podem ser combinadas com o objetivo de testar e definir posições hipotéticas acerca do discurso, especificamente o televisivo, como:

* posição hegemônica-dominante- o telespectador opera num código dominante, um

metacódigo, já que a mensagem codificada recebeu significado de forma hegemônica;

* código negociado- quando a mensagem possui definições dominantes por conectarem eventos a grandes totalizações, visões de mundo, assumindo perspectivas sobre questões, definindo um ponto de vista a ser negociado com âmbitos locais, atravessando a ideologia dominante;

* código de oposição- o telespectador entende a inflexão conotativa e literal do discurso e decodifica a mensagem de modo contrário, dando início uma leitura de contestação, levando ao que Hall chama de “política da significação”, a luta no discurso.

Hall não crê na linearidade do processo comunicativo e na existência de significado fixo. A noção de sentido possui camadas, o que faz com que a produção da mensagem não seja uma atividade tão transparente quanto parece ser. Da mesma forma, a decodificação não é homogênea, pois uma leitura pode ser feita de modos diferentes. O modelo de codificação/decodificação está fundado numa noção, segundo a qual, existe algo separado e fora do discurso.

A linguagem enquanto entidade que articula diferenças, faz pensar no modelo codificação/decodificação como uma engrenagem que procura mover os circuitos da comunicação dentro de uma totalidade complexa e determinada. Para tentar demonstrar de que modo duas dimensões do significado são operadas no circuito, Hall (1980, pág. 343) elucida que “cada ato de significação transforma o estado efetivo de todas as significações já existentes”, com o propósito de demonstrar assim que a base cultural/ideológica pertence ao âmbito da significação em geral e as práticas significantes dentro das instituições de comunicação, ou seja, tudo que integra o mundo social, político e cultural.

O mundo não é algo separado do discurso, não está fora da significação. Compõem uma totalidade. Ao trazer esta afirmação, Hall está atribuindo esta ideia à noção althusseriana da totalidade complexa sobre determinada. Hall opta por um modelo que não exclua a ideia de poder. A leitura está situada no ponto onde o poder atravessa o discurso, estando na mensagem e além dela. Mas o modelo proposto não explica suficientemente a heterogeneidade no caso das empresas de comunicação, por se tratar de espaços contraditórios, por ser “algo demasiadamente unidirecional e diretamente ligado à ideologia dominante”. (HALL, 1980)

A linguagem é textualidade, ou seja, um processo contínuo que não permite fixar ou estancar o texto e a ideologia e pretende, segundo Hall, construir um significado

particular, afinal, o poder necessita de linguagem. A propósito da decodificação em suas três modalidades (preferencial, negociada e de oposição), Hall afirma que “as leituras negociadas são provavelmente o que a maioria de nós faz, na maior parte do tempo” (pág.350, *ibid.*) e as audiências se movem entre três posições categorizadas posicionalmente. Quanto à leitura preferencial, diferenciada entre codificação e decodificação, esta é a tentativa do poder no sentido de amarrar a mensagem a um significado e isto leva Hall a concluir que “um texto contém o que só posso chamar de significantes indicativos, que tentam se imprimir dentro da própria mensagem na qual podem ser decodificados” (pág.351, *ibid.*).

As leituras dominantes e preferenciais são aquelas que não entram em contradição com a ideologia dominante. As leituras negociadas, ocorrem quando o destinatário não se opõe totalmente, mas questiona aspectos do código e da realidade nele apresentada. Nas leituras de oposição, o destinatário interpreta o discurso, em dissenso quanto à ideologia dominante.

Para os Estudos Culturais, essas leituras dependem de características dos textos, das instituições, das posições sociais, através das quais o texto interpela as audiências e essa interpelação se dá de acordo com grupo étnico, etário, de classe, de gênero sexual. Neste sentido, os Estudos Culturais adotam uma perspectiva de certo modo ambígua ao definir os destinatários como seres reais, materiais, através do conceito de audiência ou telespectador ou como construções discursivas ou leitor implícito pelo texto.

No entanto, as categorias de *receptor*, *destinatário* e a de *leitor* apontam questões problemáticas. A noção de “receptor” está ligada ao paradigma funcionalista, enquanto que a categoria “destinatário” está ligada a uma ideia que não coincide com a proposta das audiências como seres reais, pois o *destinatário* é a imagem do enunciador sobre o receptor, portanto, não é o ser real (de acordo com as perspectivas semióticas e com a linha francesa da Análise do Discurso). A noção de *destinatário* possui uma significação mais estável que permite englobar o sujeito construído pelo texto e o leitor ideal. É uma categoria criada com o objetivo de, também, evitar a associação com as categorias “autor-leitor” e “emissor-receptor”.

Vale chamar a atenção para o conceito de *enunciador*. Este termo, embora não muito utilizado nos Estudos Culturais, às vezes não se estabelece diferença entre o enunciador como imagem construída e como produtor material do texto. Nos Estudos Culturais, o sujeito da enunciação é designado como produtor, conceito utilizado para abarcar a materialidade determinada tanto pela estrutura socioeconômica, quanto pela condição

discursiva de produção.

No âmbito dos Estudos Culturais não existem regras determinantes para as condições de produção. Elas dependem das codificações de gêneros e das matrizes culturais, além das condições de produção e das estruturas míticas e as relações intertextuais que o texto estabelece com os discursos que circulam socialmente, ao mesmo tempo em que estão inclusas as condições de produção e as relações de produção e de classe.

Não existe nenhum tipo de codificação universal, da mesma forma que os processos de codificação e decodificação não possuem regras universais. Devido à falta de simetria e transparência no momento da codificação e decodificação, assinalada por Hall, a codificação e a decodificação são processos interligados, mas independentes. Isso não implica numa relação de correspondência entre a codificação do emissor e a decodificação das audiências. Na teoria da articulação, Hall demonstra a relação existente entre práticas discursivas e seus efeitos, textos e seus significados e estes com a realidade. A teoria não elimina a distinção entre discurso e texto, interior e exterior e discurso e realidade. Inclui também a coerência interna nos textos e discursos, observando as posições sociais e a contradição, a luta dos significados e posições sociais em conflito, como também a correspondência entre texto e significado e a não-correspondência entre os códigos do enunciador e os códigos das audiências.

Quanto ao que concerne ao discurso da notícia, existem mecanismos que auxiliam a construir a estrutura temática, manchetes e lead. Manchetes e lead podem ser utilizados como sinais que preveem qual a informação mais importante do texto. E quando isto não ocorre, segundo Van Dijk, o que existe é uma distorção.

Há outros traços que dizem respeito à organização temática no discurso da notícia, tanto na perspectiva estrutural, quanto de um ponto de vista cognitivo, dinâmico. A manchete traz o tópico mais importante e a macroestrutura completa do texto é formulada no lead, enquanto que os parágrafos iniciais do texto expressam um nível inferior da macroestrutura. Quanto ao layout, obedecendo a linearidade, no sentido da leitura do texto noticioso, serve como mapeamento da macroestrutura subjacente semântica. A tendenciosidade da manchete aponta um tópico do texto que se organiza a partir da informação promovida a tópico principal. Este tópico domina a maior parte do texto e é expresso apenas por uma manchete inserida em parte do texto. Esse dado parece ser determinado por uma regra jornalística que se inscreve implicitamente: os últimos eventos merecem maior destaque. Esta regra vale-se do princípio de atualidade da imprensa.

Através de vários mecanismos, o texto noticioso pode exprimir ou atribuir, valores de relevância a determinados tópicos, obedecendo a uma hierarquia, por meio do lead, manchete ou mesmo pela ordem linear do texto. Os temas tratados no texto noticioso não são apenas relevantes na construção de uma estrutura de sentido do texto, mas possuem papel fundamental na ativação, recuperação e transformação de modelos na memória. A produção do discurso noticioso age de acordo com a ativação de modelo na memória; derivação de uma estrutura a partir deste modelo na memória, com o objetivo de expressar temas através de um texto noticioso; quais temas são mais relevantes e importantes, mediante um sistema de valores da notícia, normas, rotinas ou ideologias jornalísticas; início da produção a partir do tema principal mais relevante como manchete e a estrutura restante de temas tomada como lead do texto noticioso e em cada parágrafo deve ser desenvolvido um tópico de acordo com os princípios de produção, como as estratégias de escrita.

Esses passos demonstram como se dá o processo de escrita do texto noticioso e como tal processo influi nas estruturas características de um artigo noticioso na imprensa. Para facilitar a compreensão acerca da interação entre o processo de escrita do texto noticioso, suas características e o discurso, Van Dijk elaborou um esquema que demonstra a relação entre os elementos contidos no discurso, através de uma análise semântica.

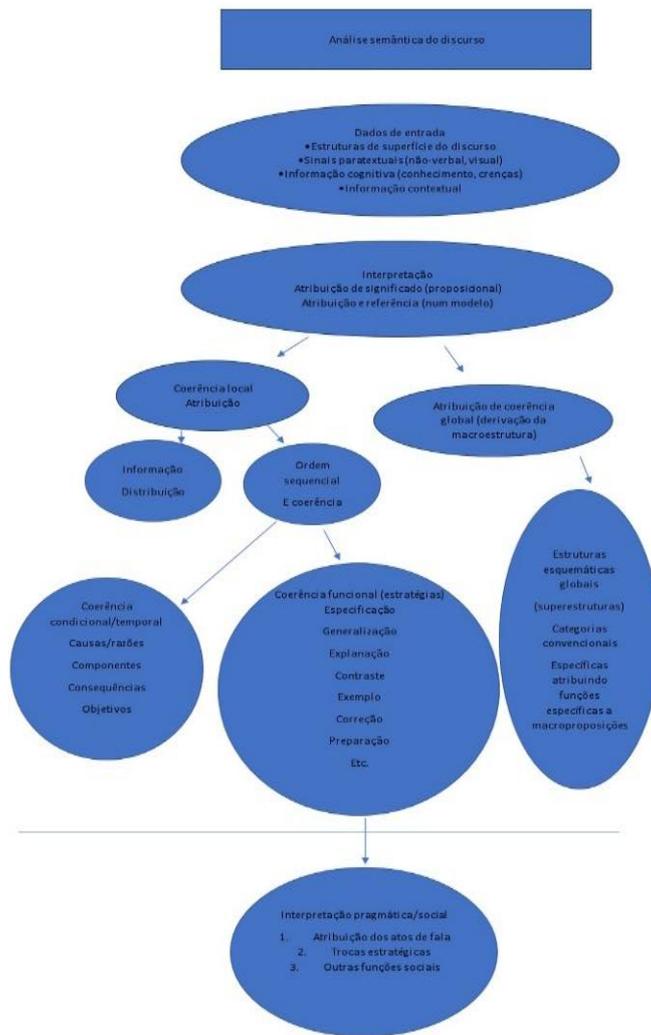


Figura 6- Adaptado de Van Dijk, pág. 72 (1996)

A semântica se situa no grupo das teorias semióticas, se concentrando no comportamento significativo e simbólico. Por sua vez, se subdivide em semântica das elocuições ou atos da linguagem natural, do comportamento não-verbal, mas o que interessa a título de entendimento, é a semântica das elocuições da linguagem natural, ou seja, dos discursos e seus elementos constitutivos. As palavras, os sintagmas, orações, períodos, parágrafos e outras unidades constituintes do discurso.

“Interpretação” é o conceito usado para denotar o objeto específico de uma teoria semântica. A interpretação é abstrata quando é enfocada pela gramática e a interpretação é abstrata quando pertence a um modelo cognitivo em psicologia. A primeira se refere a

interpretações do discurso e dos elementos do discurso e a última se refere a interpretação realizada pelos usuários de determinada linguagem. Interpretar é atribuir. A interpretação é a atribuição de significado (s) ao discurso. O resultado desse processo é a representação conceitual que o discurso gera na memória.

Os discursos consistem em sequências de sentenças e proposições, porém, não consiste apenas nisso:

[...] Um discurso não é apenas um conjunto de sentenças, mas uma sequência ordenada, com condicionamentos convencionais sobre as ordenações possíveis, desde que seja significante e represente certas estruturas, por exemplo, episódios [...] (Van Dijk, 1996)

Assim como no discurso oral, no discurso escrito as sentenças estão dispostas uma após a outra, de maneira linear. Mas as proposições podem ter uma organização hierárquica adicional. Os fatos denotados pelo discurso têm organização espacial, causal, condicional ou temporal. Não somente a ordem das proposições num discurso, é condicionada por regras de significação. Seu conteúdo, ou seja, significados e referências, estão sujeitos a estas regras. A sequência de proposições no discurso deve satisfazer condições de coerência. De igual modo, as expressões da estrutura de superfície devem indicar esta coerência, tais meios são denominados por “coesão”.

A ordenação das sentenças no discurso pode indicar uma ordenação entre fatos representados, mas também indicar o uso da sentença como uma explanação. Estes usos exigiriam a análise pragmática das sequências e sentenças. Diante desta constatação, é necessário distinguir duas categorias de coerência: condicional e funcional.

O discurso não é pura e simplesmente representar fatos relatados, mas deve também respeitar condicionamentos para processar informação, seja por um ponto de vista cognitivo, interacional ou social. Em contextos sociais, os discursos são realizados como sequências de atos de fala e tem por função estabelecer a representação. Um discurso deve respeitar princípios, como ser informativo, relevante e suficientemente claro. Seu aspecto informacional surge em vários níveis: no modo de organização de sua estrutura informacional, a função tópica, indicada por traços, como a ordem das palavras, funções gramáticas, pronomes, artigos definidos e a ordem hierárquica das orações.

O significado do discurso perpassa o nível local, atingindo o nível global (macroestrutura). A macroestrutura consiste numa reconstrução de noções como

“tópico” e “tema” de um discurso. A macroestrutura demonstra o mais importante na informação semântica do discurso e define sua coerência global, sem esta não existiria controle nas conexões locais e sequenciações. Confere unidade global ao discurso e essas estruturas aparecem, muitas vezes, como títulos, anúncios, sumários, sentenças ou em planos de ação. A macroestrutura é uma função de transformação, ao projetar sequências de proposições do texto sobre sequências de macroproposições em níveis gerais, abstratos ou globais de significados.

Estas transformações ou “macrorregras” suprimem a informação proposicional que não seja necessária para a compreensão do discurso. A macrorregra é expressa pelo tópico ou tema que possui maior destaque e a macroestrutura geralmente se expressa através do resumo do discurso, já que “os discursos que não se prestam a resumos não têm macroestrutura ou a tem fragmentariamente”. (VAN DIJK, 1996)

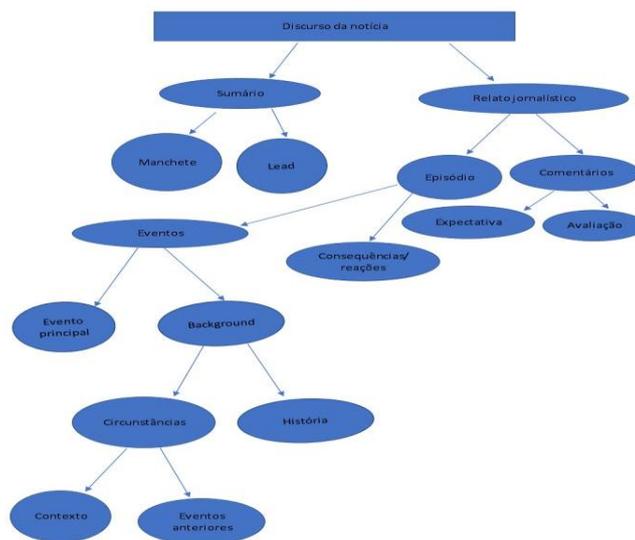
As interpretações semânticas e a coerência são determinadas pelo discurso ou fragmento deste, como elocução verbal acabada. A interpretação não se estabelece pelo funcionamento de regras estabelecidas entre unidades e níveis. Os usuários da linguagem aplicam estratégias para atingir a interpretação pretendida, como informações do tipo textual, contextual e cognitiva ao mesmo tempo. Não existe fronteira definida entre estes tipos semânticos, ou seja, a semântica estrutural, de uma teoria linguística do discurso e a semântica estratégica e processual de um modelo cognitivo.

O discurso não possui significado, mas seu significado é atribuído pelos usuários da língua, baseados em processos cognitivos, em interação e em contextos determinados. A interpretação é um processo que ocorre socialmente e cognitivamente. Falantes e ouvintes cumprem regras gerais de coerência local e global, mas usam estratégias para cumpri-las. Estas estratégias envolvem cortes interpretativos ou a solução de dúvidas de interpretação.

No contexto do jornalismo impresso, a ordem semântica não é determinada por uma estrutura condicional de fatos, mas pela coerência funcional baseada na relevância. Os discursos se caracterizam por um significado global ou macroestrutura, que formaliza o tópico ou tema do discurso. Esta estrutura se expressa por títulos, cabeçalhos, posição temática inicial ou sentenças sintéticas finais. As proposições da macroestrutura são derivadas das macrorregras a partir de proposições expressas pelo texto e do conhecimento de mundo.

Sem a macroestrutura semântica não há coerência global, em suma, nenhum tema para discurso. As macroestruturas podem ser organizadas por princípios, que especificam funções esquemáticas ou categorias de parágrafos. O discurso do jornal oferece fatos principais, conclusões ou consequências, seguidas por causas, acontecimentos, explanação, ambiente e contexto.

Acerca da construção do discurso na notícia e seus elementos existem relações que corroboram na tessitura do texto impresso e influem no layout do jornal impresso:



Fonte: Van Dijk (1996)

Figura 7- Adaptado de Van Dijk (1996), pág. 147

Os artigos noticiosos obedecem a um formato que organiza o conteúdo. Este formato recebe o nome de superestrutura, mas é também conhecido por “esquema”. Esta noção, retomada na década de 1970, tem por objetivo destacar os aglomerados cognitivos, denominados como scripts ou frames. Estas estruturas abrangem as narrativas, que consistem em regras de formação, arranjo linear e hierárquico das estruturas em uma narrativa. São uma modalidade de discurso, onde predomina a ação, mas é importante ressaltar que nem todo discurso de ação é narrativa.

As superestruturas pertencem a unidades de sentido global e que apresentam categorias, algo defendido por estudiosos de alguns ramos da Análise do Discurso. De igual modo, existe um esquema fixo, convencional nas categorias do discurso da notícia. Cada categoria corresponde a uma sequência de proposições do texto e a ordem das categorias termina por determinar o arranjo das sequências episódicas.

No nível mais alto do discurso noticioso estão a Manchete e o Lead. São como um sumário do discurso da notícia e se agrupam sob a categoria de Sumário. Tal categoria pode sofrer com restrições, em relação ao layout gráfico, já que a Manchete e o Lead vêm impressos no alto, tipos bold grandes e havendo mais de uma coluna, reabrindo várias colunas. Porém, estas regras podem ser modificadas de acordo com a cultura ou o jornal.

Background e Citações são reações qualificadas verbais. O Background predomina nas porções de texto onde se dá a informação que não faz parte dos eventos noticiosos atuais, mas fornece o contexto ou as condições desses eventos. A descrição desses eventos é o Evento Principal. A lembrança aos leitores do evento ocorrido, é o Evento Prévio. A categoria Consequências organiza os eventos descritos como tendo ligação direta com o Evento Principal.

É preciso lembrar que não existe apenas um evento principal, mas vários. Portanto, a categoria Evento Principal pode ser repetida várias vezes. Uma forma diferente, sugerida por Van Dijk (1996), é de organizar os Eventos Principais como “unidade Coerente, um Episódio, para o qual valem certas restrições semânticas”. O primeiro Evento Principal de um Episódio pode exigir um tema que é causa ou condição do tema a ser preenchido pelo segundo Evento Principal de um Episódio.

O autor assinala, porém, que estas categorias formais do esquema não têm em si mesmas relações de sentido como causa ou consequência umas em relação às outras. Ao fim do artigo noticioso, há a seção Comentário, que contém as conclusões, expectativas, especulações e outras informações que são do jornalista acerca dos eventos. A categoria que tem por função organizar toda informação de natureza histórica como eventos passados que se relacionam indiretamente com eventos presentes é a História. Mas convém ressaltar que História difere de Eventos Prévios, pois esta categoria se refere a um evento específico que precede os eventos atuais e pode ser tomada como causa ou condição direta dos eventos atuais.

Contexto é uma categoria que tem por função organizar a informação sobre a situação

atual, onde o evento principal possui valor significativo. Em alguns casos, as categorias História, Eventos Prévios e Contexto podem vir amalgamados e as superestruturas podem apresentar ambiguidades a depender da interpretação formal ou pessoal da informação contida no texto.

A ordenação das categorias determina o arranjo da informação no texto, mas neste caso as regras de ordenamento são menos rígidas. A partir de então, conclui-se que, ao mesmo tempo que algumas regras são rígidas e gerais, outras possuem uma natureza opcional, diferem de acordo com a cultura, com o jornal e o jornalista. Regras e estratégias têm natureza cognitiva e tais regras podem ser variáveis e as estratégias dependentes de contexto facilitam a compreensão e produção do discurso.

Princípios de relevância podem afetar a estrutura final do artigo noticioso, o que significa que categorias situadas próximo ao fim do texto podem vir à frente se a informação nelas contida apresentar relevância. A ordenação do discurso é uma problemática importante. Os temas da notícia são conteúdos dos espaços vagos da categoria da notícia, o que implica em categorias realizadas de forma descontínua,

Evento principal abrirá o corpo da narrativa da notícia, mas a categoria poderá “voltar” no resto da história. Da mesma forma, pode-se encontrar bem cedo no artigo alguns fragmentos de comentários ou Reações Verbais. Esse problema é sério porque o esquema não somente deveria nos dizer que funções categorias verbais podem ter os temas na notícia, mas também em que ordem convencional eles costumam aparecer. (Van Dijk, 1996)

Tanto a estrutura temática como a esquemática do discurso noticioso tem natureza abstrata. Independentemente de sua realização, essas estruturas apresentam temas e inter-relações e as funções noticiosas (categorias) que os temas podem ter no texto. O esquema da notícia vale como porta de entrada (*input*) para estratégias de produção. Estas estratégias dizem respeito aos temas e as categorias que deveriam vir primeiro e a informação de cada tema ou categoria. A relevância possui condições gerais, partilhadas (é o caso dos valores notícia), mas há aquelas condições derivadas do conhecimento de contexto.

Para Van Dijk, apenas um modelo cognitivo pode dar conta de toda essa complexidade. Apenas este enfoque pode incorporar e integrar restrições e tipos de informação para o jornalista e para o leitor. Este modelo é capaz de explicar processos de produção e seus resultados na estrutura da notícia e também para os processos de compreensão do texto.

Tanto a estrutura temática como o esquema da notícia ajudam o leitor a organizar a informação na memória, o que permite o acesso e seu uso posterior.

Por fim, o autor conclui que, se os esquemas da notícia se tornarem de conhecimento comum, eles facilitarão a produção da notícia, pois tem a capacidade de organizar a complexidade de temas da notícia, permitindo ao jornalista esquadrihar estrategicamente sua memória ou bases exteriores de informação como serviços de documentação.

Há pouco trabalho voltado para as estruturas do discurso da notícia. Grande parte da pesquisa segue um viés sociológico, concentrando-se apenas nas rotinas profissionais, controle institucional ou ideológico da notícia. Apenas abordagens situadas no campo da linguística e da microssociologia se aproximam de uma descrição de sentidos e formas das notícias. Porém, a análise do discurso, pode abarcar essas vertentes de pesquisa.

A análise global do discurso da notícia envolve estruturas de nível superior, que avançam além do estudo de palavras ou frases. Este será o tema do próximo capítulo, onde serão analisadas notícias de dois veículos, dentro de uma linha do tempo, considerando a relação existente entre discurso, texto, linguística, memória, narratividade e cobertura jornalística.

4. O discurso em jornais impressos: uma análise global

4.1 Introdução

Este capítulo está voltado para o discurso e sua natureza, no âmbito da notícia, principalmente no que se refere ao jornalismo impresso. Com este objetivo, foram analisadas notícias dos periódicos baianos *A Tarde* e *Correio*, referentes aos festejos realizados pela Irmandade da Boa Morte no mês de agosto, no município de Cachoeira, Recôncavo Baiano, compreendendo a margem de tempo 2008-2011. A análise feita nesta linha do tempo teve o propósito de delimitar um *antes* e *depois* do registro da Festa da Boa Morte no Livro de Registro Especial de Eventos e Celebrações como patrimônio imaterial do Estado da Bahia em 2010, demonstrando como este fato repercutiu no discurso da notícia em ambos os jornais.

Desta forma, a análise contempla as relações existentes entre discurso, texto, linguística, memória, narratividade e cobertura jornalística, possibilitando uma visão global da construção do discurso na perspectiva da notícia. Refletir sobre esta noção é trazer um ponto importante nesta discussão, de que “os discursos não tem significados, mas tais significados são atribuídos a eles, pelos usuários da língua com base em processos cognitivos em interação e contexto determinados [...]” (VAN DIJK, 1996). Tais significados servem para reforçar determinado ponto de vista no texto jornalístico, que num processo interacional-contextual, construirão novos sentidos.

O discurso não apenas representa os fatos relatados, também respeita os condicionamentos para processamento da informação a partir de um ponto de vista tanto cognitivo como interacional ou social. Ao longo da análise notou-se a presença maior de textos inerentes ao universo religioso do candomblé e das culturas africanas e afro-baianas durante o mês de agosto. Notícia e contexto aqui se relacionam, já que no mês em questão ocorrem diversos festejos do calendário religioso afro-baiano, o que concorre para fortalecer e destacar o próprio discurso de baianidade.

De acordo com Pereira (2008), torna-se relevante a compreensão do que vem a ser os instrumentos linguísticos utilizados no texto, sendo este capaz de reconstruir realidades e produzir identidades sociais, que por sua vez, se relacionam com grupos sociais e

ideologias de poder. Para compreender o discurso acerca das festas na Bahia, em especial as celebrações religiosas, é preciso recorrer à historicidade, capaz de explicar como se produziu o discurso ao longo do tempo e como se imbrica com aspectos como identidade. Festejos de qualquer ordem, marcam a história, a cultura e as tradições da Bahia. Relatos sobre festas são recorrentes em registros feitos por viajantes ou cronistas que por aqui estiveram.

Tanto as autoridades, quanto a Igreja Católica estimulavam as festividades, obrigando a participação de todos, porém, isto não significa que as festas abolissem as diferenças sociais, que marcavam a sociedade colonial. Mas haviam brechas que permitiam a ocupação por setores marginalizados socialmente:

Dentro de limites estreitos e de espaços reduzidos e mesmo, muitas vezes, sob intensa perseguição e repressão, a sabedoria das classes populares nunca deixou de acionar estratégias e táticas de participação no mundo da festa que, a exemplo da religião, acabou por transformar-se em território de resistência e continuidade culturais desses setores sociais. (OLIVEIRA, P., 2002)

Neste contexto os negros se assumiram como indivíduos capazes de desenvolver táticas de resistência física e cultural, criando e reinventando práticas e instituições, como é o caso da Irmandade da Boa Morte, que tiveram papel decisivo na conformação geral da nossa personalidade cultural. São frequentes neste período investidas contrárias, por parte de alguns periódicos baianos, como *O Alabama*, que circulou de 1863 a 1890, que se opunha às práticas religiosas de matriz africana em Salvador, qualificando o Candomblé “como algo da barbárie, superstição e até promiscuidade sexual”. (SODRÉ, 2010)

Este periódico, porém, forneceu informações acerca de práticas religiosas, consistindo em rica documentação sobre o candomblé baiano oitocentista, demonstrando as transformações que consolidariam o Candomblé em sua forma atual, no tocante à predominância feminina e o declínio de lideranças masculinas, ressaltando a independência econômica e mobilidade social da mulher no ambiente escravocrata soteropolitano.

No fim do século XIX e nas primeiras décadas do século XX vieram a abolição da escravidão, a implantação da República e as agitações políticas vividas na Bahia, que influíram profundamente no discurso de periódicos como o jornal *A Tarde*, que será também estudado nesta análise. Com a assinatura da Lei Áurea em 13 de maio de 1888,

a escravidão em termos formais chegou ao fim, porém a luta do povo negro continuou, por diversos aspectos. Uma dessas lutas foi o direito de culto aos orixás, representando a busca por igualdade e espaço social. A assinatura da Lei Áurea representou para brancos e para negros a reafirmação de seu lugar na sociedade baiana ao fim do século XIX.

Antes que a abolição fosse decretada, uma grande parcela da população negra era livre e buscava conquistar espaço social, mas o período pós-abolição acirrou as lutas em busca de mais espaços de integração numa sociedade discriminatória e que criou mecanismos para tentar controlar a população negra. O código penal instituído pelo Decreto 847 em 1890 incriminou práticas religiosas como o candomblé e criminalizou a capoeira, enquadrando-a como perturbação pública e vagabundagem.³

³ Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890 promulga o Código Penal da República dos Estados Unidos do Brazil:

Capítulo III
DOS CRIMES CONTRA A SAUDE PUBLICA

Art. 156. Exercer a medicina em qualquer de seus ramos, a arte dentaria ou a pharmacia; praticar a dosimetria, o hypnotismo ou magnetismo animal, sem estar habilitado segundo as leis e regulamentos:

Penas de prisão cellular por um a seis mezes e multa de 100\$ a 500\$000
[...]

Art. 157. Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilegios, usar de talismans e cartomancias para despertar sentimentos de odio ou amor, inculcar cura de molestias curaveis ou incuraveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade publica:

Penas de prisão cellular por um a seis mezes e multa de 100\$ a 500\$000
[...]

Art.158. Ministras, ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo, e sob qualquer forma preparada, substancia de qualquer dos reinos da natureza, fazendo, ou exercendo assim, o officio do denominado curandeiro:

Penas de prisão cellular por um a seis mezes e multa de 100\$ a 500\$000

Capítulo XIII
DOS VADIOS E CAPOEIRAS

Art. 399. Deixar de exercitar profissão, officio, ou qualquer mister em que ganhe a vida, não possuindo meios de subsistencia e domicilio certo em que habite; prover a subsistencia por meio de occupação prohibida por lei, ou manifestamente offensiva da moral e dos bons costumes:

Pena de prisão cellular por quinze a trinta dias
[...]

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercicios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumultos ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal:

Pena de prisão cellular por dous a seis mezes

O povo baiano apresentou resistência em aderir à República que havia sido proclamada. Esta resistência terminou após embates entre monarquistas e republicanos, numa conspiração chefiada pelo coronel Frederico Cristiano Buys, no Forte de São Pedro, em Salvador. A nova forma de governo exigia uma constituição, o que ocorre em 1891, com a criação da primeira Constituição na Bahia republicana. Mas os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade que influenciaram na criação do texto constitucional, não se fizeram presentes na prática, pois o princípio de igualdade que definia o Brasil como país laico, não impediu que o Candomblé fosse reprimido. (NOGUEIRA, 2017)

De acordo com Couto (2013), “as irmandades dos negros e pardos recebiam constante vigilância do clero na tentativa de eliminar as influências dos cultos africanos. As procissões noturnas, o toque dos atabaques, as danças rituais e lavagem de igrejas eram cada vez mais combatidos, proibidos, muitas vezes com o apoio das autoridades civis e a polícia”. Na contramão, apesar das perseguições, ampliou-se o número de candomblés, favorecendo a manutenção da identidade e a preservação da cultura e dos cultos de matriz africana em um novo cenário: os terreiros. A proclamação da República e a separação entre Igreja e Estado, segundo a autora, não representaram decadência para as irmandades, mas levaram a transformações significativas, que geraram profundas mudanças na vivência religiosa de seus membros.

Adotando a Europa como exemplo de modelo econômico, político social e urbanístico, em várias capitais do Brasil, como Rio de Janeiro e Salvador, ocorreram reformas urbanas, inspiradas naquelas realizadas em Paris, no século XIX. Esse movimento de modernização com as reformas urbanas, por exemplo, contribuiu dentre outras coisas, para intensificar a perseguição aos candomblés, já que o ideal civilizador excluía o negro e tudo que lembrasse sua cultura. Em contrapartida, nos anos 1930, o negro passou a ser visto como elemento positivo na formação da sociedade e cultura brasileira. Isto se torna bastante significativo, pois intelectuais movidos por esse ideal escrevem nos jornais sobre a história e a cultura do povo negro. Porém, ao lado dessa tendência, ainda eram publicadas notícias que desqualificavam a cultura e perseguiam a religião dos negros e com o jornal *A Tarde* não será diferente.

Circulando pela primeira vez na cidade de Salvador, em 15 de outubro de 1912, com 4 páginas, o jornal *A Tarde* trazia, entre os destaques, a monografia escrita por Theodoro

Sampaio sobre a “Sé de Palha” , usos e costumes do tempo; a passagem do político paraense Dr. Lauro Sodré por Salvador; tópicos sobre o governo; campanha para a criação da estátua de Eça de Queirós e uma publicação escrita por Simões Filho sobre o início do jornal, onde assumia o compromisso do periódico com a luta pelos deveres nobres da civilização, a liberdade no uso da palavra escrita, sem deixar de informar.

Em seus primeiros anos o jornal se destacou com um discurso diferenciado de seus concorrentes no que diz respeito aos problemas da cidade, trazendo para si a imagem de mensageiro do povo e guardião de seus direitos. Reafirmando suas concepções inicia a partir de 1915, uma série de reportagens acerca das práticas religiosas de matriz africana, alegando que estas eram indício de “incivilidade” e representava “vícios e ruindades”.⁴As notícias reproduzem uma visão da elite sobre a sociedade baiana de então, formando opinião e personificando uma sociedade que tem voz, cor, gênero, religião e classe social. O periódico torna-se, assim, mais que um comunicador ao noticiar sobre o Candomblé, assumindo por vezes, o papel de agente de perseguição.

O posicionamento discursivo adotado é justificado perante a influência do racismo científico no meio intelectual do período, que encontrou na imprensa espaço para divulgação e debate de suas ideias (conforme se verá mais adiante neste capítulo), além da orientação político-ideológica. Nas primeiras décadas do século XX a Bahia e o Brasil passaram por profundas transformações, principalmente na política, levando o periódico algumas vezes a assumir o lugar de oposição. A mudança de discurso veio aos poucos, quando mesmo em meio ao auge das perseguições ao candomblé na década de 30, aumentaram as discussões acerca das religiões de matriz africana, em especial o candomblé, envolvendo a cultura do povo negro da Bahia. Os debates se tornaram acalorados devido, em parte, por cientistas influenciados pelos dois Congressos Afro-Brasileiros, realizados respectivamente em Recife e em Salvador. A partir destes eventos, o candomblé começa uma trajetória que levará alguns anos para se cumprir, saindo do campo das leis (da perseguição também), para o campo da cultura, buscando seu lugar como elemento de identidade religiosa, cultural e histórica.

O conceito de cultura, fundamental nesta discussão, pode ser entendido como sentidos e percepções que se articulam de acordo com a relação estabelecida com o mundo, traçando um percurso entre identidades. Na contemporaneidade este campo se move para além de suas próprias fronteiras, alcançando outros campos da vida social. O que

⁴ REIS apud NOGUEIRA, 2017, p.41

não significa seu desaparecimento como campo social específico, comparecendo de forma singular e simultânea, em outras esferas sociais. As tensões que outrora marcaram as relações entre cultura e sociedade, hoje ampliam e redefinem relações, fenômenos e elementos, as tecnologias de comunicação e informação, “interculturalidades, multiculturalidades, transculturalidades, hibridismos, espetacularização, turistização, localismos, globalismos, glocalismos” (OLIVEIRA, P., 2014), que dão forma a diversas possibilidades e desafios.

Dentro desse contexto, o lugar que a cultura ocupa leva-a a se deslocar, da “low politics” (saúde, emprego, educação, segurança, etc.) em direção a “high politics” (repertório de exclusiva e estrita agenda de temas tido como vitais para o Estado), se tornando provedor de políticas públicas para a cultura e garantidor dos direitos básicos inerentes à cultura, em termos de cidadania. É inegável a contribuição da imprensa escrita na renovação do campo cultural na Bahia ocorrida entre o fim da década de 1940 e início dos anos 1960. Este movimento sustentou a emergência de um campo intelectual e artístico, direcionando para uma lógica de cultura de mercado ou indústria cultural. Os anos seguintes servirão para afirmar e ampliar esta lógica como elemento primordial do campo cultural baiano.

Em 15 de janeiro de 1979 entra em circulação a primeira edição do jornal *Correio da Bahia*, com o compromisso de trabalhar para o desenvolvimento econômico, social e cultural da Bahia, assegurando o destaque do estado nestes setores. Mantém seu espaço cultural até 1986, divulgando e participando das discussões sobre a cultura e o movimento artístico baiano. A partir dos anos 1990, o caderno de cultura ganha novos contornos, se aproximando do modelo utilizado por jornais paulistas e cariocas, cedendo maior espaço para títulos e fotos, além de contar com uma diagramação moderna. (OLIVEIRA, L., 2009)

O destaque para a cultura fazia parte de um investimento político de Antônio Carlos Magalhães, fundador do periódico, servindo como estratégia também de criação de marca. Tomando o lugar da crítica e reflexão sobre cultura, comuns nos anos 50 e 60, o entretenimento ganhou destaque, devido ao advento das assessorias de imprensa nos anos 70, que passaram a ditar a cobertura dos cadernos culturais.

Para fundamentar as reflexões deste capítulo, será apresentada a análise do discurso das notícias dos veículos supracitados, possibilitando através da observação dos dados, a leitura do discurso em suas estruturas principais, levando em conta fatores que contribuem e influenciam em sua construção e interpretação.

4.2 Breve história da imprensa no Brasil e na Bahia

No século XVIII o governo português tomou várias medidas controladoras no sentido de evitar a propagação de ideias políticas e filosóficas de inspiração iluminista provenientes da França por parte da população letrada da colônia. Estas medidas implicaram em impedimentos legais como a formação e funcionamento de bibliotecas, além da circulação de livros. Mesmo com a implantação da imprensa motivada pela vinda de D. João VI e a família real em 1808, a censura permaneceu em terras brasileiras. A missão da imprensa se resumia apenas em manter a corte informada dos acontecimentos e para este fim foi criada a Imprensa Régia na cidade do Rio de Janeiro.

Com a criação da Imprensa Régia é estabelecida uma “censura prévia”, realizada por uma junta diretora responsável, segundo Araújo (1836 apud FERREIRA, 2018), em examinar “os papéis e livros que se mandaram publicar, e de vigiar que nada se imprimisse contra a religião, governo e bons costumes”. Após um período de censura antes da Independência, vários jornais receberam autorização para circularem. Mas neste primeiro momento, apenas circularam jornais que defendiam os interesses do governo português. É o caso da *Gazeta do Rio de Janeiro*, primeiro jornal impresso no Brasil, cujo primeiro exemplar circulou em 1808 e o periódico baiano *Idade d'Ouro do Brazil*, conhecido também como *Gazeta da Bahia*, que circulou pela primeira vez em 14 de maio de 1811.

O *Idade d'Ouro do Brazil*, impresso na Typographia Silva Serva, pertencente ao comerciante português Manuel da Silva Serva⁵ se caracterizou por seu caráter aliado ao governo português e por ser um dos pioneiros na cobertura de fatos relacionados ao fim do tráfico de escravos. Outros periódicos merecem menção, como o *Sentinella Bahiense* e o *Seminário Cívico*, sendo que o primeiro circulou de junho de 1822 a outubro do mesmo ano e o segundo circulou de 1821 a 1823, administrados pelo mesmo articulista, o português Joaquim José da Silva Maia. O discurso de ambos defendia o ponto de vista luso em relação às ocorrências inerentes às lutas pela independência do Brasil na Bahia:

⁵Após a morte de Silva Serva, a *Typographia* passou a ser administrada pela viúva Serva, passando a ser denominada Tipografia da Viúva Serva e Carvalho (SENA, 2016).

Esta cidade, por assim dizer o berço da Constituição no Brasil, apresenta agora syntomas, não equívocos, de estarem muitos de seus Habitantes contaminados daquellas sugestões pérfidas: o reconcavo (principalmente a Cachoeira) tem dado mais de uma prova desta corrupção. Julguei que nesta perigosa, e arriscada crise, não devia esmorecer e de novo devia gritar alerta, alerta constitucionaes, que o despotismo vos pretente lançar novas cadeas (*Sentinella Bahiense*, 1822 apud SENA, 2016)

Logo após a independência, uma das primeiras medidas de D. Pedro I foi a criação da Lei de Imprensa em 22 de novembro de 1823.⁶ A sua criação, porém, não impediu a continuidade da censura de periódicos no Brasil. Na Bahia, por exemplo, a Coroa Portuguesa não se descuidou da vigilância do que seria publicado. As primeiras tipografias a funcionarem em território baiano estavam sob tutela do Estado. Esta censura explica, por exemplo, a ausência de informações ou a quase inexistência de notícias nos jornais referentes às revoltas de escravos na Bahia entre 1811 e 1823. Este silenciamento tinha o objetivo de garantir o controle das informações por parte do poder público, evitando que notícias favoráveis ao fim do tráfico se espalhassem, já que eram africanos, principal mão-de-obra do regime escravista, sustentáculo do país e do império, que se rebelavam.

Apesar da censura, houve crescimento considerável de periódicos após a promulgação da lei, principalmente nos grandes centros urbanos. Na Bahia, em 1826, circulavam 15 jornais e ao fim da década, já haviam 35, classificados em diversos formatos. Mas estes periódicos em sua grande parte, não chegaram a um ano de funcionamento, já que a imprensa era resultante das transformações naquele momento de um país que estava em construção.

Esses jornais atuaram especificamente, como veículos que representavam segmentos sociais, reproduzindo seus valores e manifestando suas opiniões a respeito de problemas há muito considerados importantes para o país, como a escravidão. Desta forma o debate em torno da extinção do tráfico ganha destaque, abrangendo discussões sobre a manutenção da escravidão.

Muitos destes periódicos, para burlar a censura, utilizaram a estratégia da publicação de textos literários. Assim, houve aumento considerável de jornais de variedades ou

⁶Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/historicos/dim/DIM-22-11-1823.htm> 16 de junho 2020.

voltados para o público feminino. Segundo Mattoso (apud DINIZ, 2009), a imprensa baiana do século XIX é bastante desenvolvida. Para a pesquisadora, os grandes jornais do período foram o *Diário da Bahia* e o *Jornal de Notícias*, o primeiro fundado em 1833 e o segundo, em 1883. E diz mais:

Em 1880, Salvador tinha sete diários, alinhados com os liberais ou os conservadores (Diário de Notícias, Diário da Bahia, O Monitor, Gazeta da Bahia, Jornal de Notícias, Alabama e Gazeta da Tarde), e cinco periódicos (Gazeta Médica, Escola, Voz do Comércio, Baiano e O Balão). Era bastante para uma cidade em que só um terço da população era alfabetizada.

E aqui surge uma dúvida: Para quem estes jornais eram escritos, já que apenas um terço da população era alfabetizada? De acordo com o primeiro recenseamento do Império realizado em 1872, o país contava com uma população de escravos composta por 15% (totalizando 1.510.806) e homens livres formavam, ao todo, 8.419.672, somando uma população de 9.930.478 pessoas. Destes 54,4% eram brancos, 16, 5% eram pardos e os pretos eram 14, 5%. O censo introduz outras categorias, como o grau de instrução e de alfabetização. (COSTA, 2007)

O censo iniciado em 1872, foi terminado apenas quatro anos mais tarde e teve ampla divulgação na imprensa. Os dados coletados comprovaram que ao contrário da visão romântica e nacionalista vigente, uma pequena parcela da população sabia realmente ler. Os analfabetos eram, ao todo, 84% da população. A população feminina, de acordo com o censo, composta por 4.806.609, apenas 550.981 mulheres sabiam ler, totalizando cerca de 11, 46%.

Partindo destes dados, pode-se inferir qual o público-leitor dos jornais do Brasil do século XIX. Na Bahia, embora os homens cultos lessem bastantes jornais e literatura francesa, como era a moda do período, havia pouca produção escrita. Se destacaram algumas raras exceções, como a poesia com Castro Alves e a prosa com Xavier Marques.

Apesar do ensino ser restrito aos filhos de membros das elites dominantes, é preciso trazer algumas observações. O mesmo censo (1872) encontrou negros alfabetizados em algumas localidades do Recôncavo, como Cachoeira, Santo Amaro e Nazaré, mesmo sendo a instrução proibida aos escravos e seus descendentes. Na vila de Nazaré foram encontradas mulheres escravizadas que sabiam ler e escrever. A explicação para este dado importante é que o aprendizado se dava na casa dos próprios senhores.

A institucionalização da educação, impulsionada no século XIX, principalmente na primeira metade, caracterizou este período pela organização da instrução e o estabelecimento da escola como local de formação das novas gerações. O século XIX também é marcado pelo ideal iluminista de civilizar e educar. Outras instâncias surgem nesse cenário com papel educativo, como o teatro, a literatura e a imprensa. Deste período vem a crença da imprensa como formadora de opinião. Tanto no Brasil, quanto na Europa, os jornais traziam o princípio de veicular valores e ideias, visando educar o público leitor.

Desta forma, de acordo com Pallares-Burke (1998 apud PINTO e JINZENJI, 2017), “[...] a imprensa passa a ser constantemente referida como o meio mais eficiente e poderoso de influenciar os costumes e a moral pública, discutindo questões sociais e políticas”. Nesta perspectiva, o jornalista é visto como educador, os jornais são agentes participantes das dinâmicas sociais, não apenas como veículos ou suportes e a atividade jornalística é capaz de construir práticas e discursos, gerando uma cultura política particular a cada sociedade e a cada período.

Em 1890, dos 1.379.616 habitantes adultos da Bahia, 81,9% eram analfabetos. Em 1920, com a taxa populacional elevada para 0,80%, o número dos que não sabem ler caiu para 75%. No mesmo período, a população de Salvador que era de 283.422 habitantes, concentrava a porcentagem maior de letrados. Para Reis (2000 apud SPANNENBERG, 2006), “assim, a elite letrada compunha um quadro restrito da sociedade baiana, e os jornais eram feitos para essa elite que hegemonizava culturalmente uma cidade com o seu saber e influência”.

Foi para e por esta elite que o jornalismo continuou sendo exercido na Bahia, especificamente em Salvador. As primeiras décadas do século XX acompanham os primeiros passos dados rumo à valorização da atividade jornalística e o estabelecimento de regras para a estrutura do texto e a apuração da notícia. O marco inicial desse processo foi a criação da Associação Brasileira de Imprensa em 1908, concedendo à imprensa foro de legitimidade institucional como instância pública.

Neste cenário é fundado o periódico baiano *A Tarde* em 15 de outubro de 1912. Surge com uma proposta inovadora, tanto no aspecto da construção das notícias, quanto no aspecto gráfico, acompanhando a tendência que vinha desde o fim do século XIX, conforme afirma Luca (2008 apud LENE e LOPES, 2018):

considerada como um período de inflexão na trajetória da imprensa brasileira. Máquinas modernas de composição mecânica e rotativas cada vez mais velozes alteraram o processo de compor e reproduzir textos e imagens, e passaram a ser utilizadas pelos periódicos de algumas das principais capitais brasileiras. Se, por várias décadas, a luta política constituiu-se no motor fundamental do jornal, o foco passou a ser o negócio, o aumento de tiragem e do número de páginas e da oferta de uma mercadoria mais atraente. Esse contexto foi marcado pelo final da escravidão, instauração do regime republicano e seu ideal de reformar o ensino e disseminar o letramento, prosperidade trazida pelo café, crescimento dos centros urbanos e do setor de serviços, com particular destaque para o Rio de Janeiro e São Paulo.

Deste modo, as mudanças trazidas pelo periódico faz com que, aos poucos, seus concorrentes se sintam ameaçados. O aparecimento do jornal *A Tarde*, segundo Carvalho Filho (2005 apud SPANNENBERG, 2006), representa a estreia da Bahia na imprensa moderna, seguindo o modelo do jornal carioca *A Noite*, criado por Irineu Marinho.

O jornal *A Tarde* surge com diversas características que o diferencia dos demais periódicos que circulavam no mesmo período, como a organização gráfica (desde a introdução de manchetes na primeira página, até fotos ampliadas e títulos em destaque), a estrutura redacional e as opções temáticas.

Apesar das inovações, o jornal permanecia preso a vínculos políticos. Em algumas matérias é evidente que o periódico constrói para si a imagem de porta-voz da opinião pública, um defensor dos interesses da população. Exemplo disso é a matéria “Martyrios ignorados-Uma orphã deshonrada, ao abandono é agora perseguida e sob ameaças de torturas”. O texto narra a história de uma jovem menor de idade seduzida por um homem chamado Alberto, descrito como “vil seductor” e que era “amasiado” com uma “preta feiticeira”, chamada Eufrásia, que estaria perseguindo a órfã. (SPANNENBERG, 2006)

Esta matéria demonstra que o jornal “chama para si” a responsabilidade de agente defensor da moral e dos bons costumes da sociedade à qual ele pertence e adota um discurso de perseguição, discriminando as religiões de matriz africana. Esse posicionamento se notará em outras matérias publicadas pelo periódico no decorrer do século XX até a década de 1960, quando opta por uma linha mais progressista.

Em 17 de agosto de 1930, um grupo de jornalistas reunidos nos salões da Associação Tipográfica Baiana, fundam a Associação Bahiana de Imprensa (ABI), cuja trajetória se

confunde com a própria história da Bahia e do Brasil. Criada em um contexto de censura, surgiu pela necessidade de organização dos jornalistas com várias finalidades, como fiscalizar e reprimir atos de censura aos quais os profissionais eram submetidos. Sua criação foi destaque nos principais jornais do período, como *A Tarde*, *Diário de Notícias* e *Diário da Bahia*.

No período de sua fundação, circulavam em Salvador jornais de extrema importância para a imprensa baiana, como os já citados *A Tarde*, *Diário de Notícias*, *Diário da Bahia*, além de *A Época*, *Era Nova*, *Fôia dos Rocêro*, *O Imparcial*, *A Bahia* e dentre outros. Se destacam também as revistas *Única* (fundada em 1919) e *A Máscara* (LENE e LOPES, 2018).

A década de 30 foi um período conturbado por agitações políticas, a exemplo da Revolução de 30, alternativa encontrada pelas classes dominantes para superar a estagnação provocada pelo regime oligárquico. A insatisfação crescia e com ela os levantes militares, conspirações de políticos e militares, greves de operários industriais e trabalhadores, além da ameaça de separação que pairava, por parte dos estados e o fortalecimento dos coronéis.

Na Bahia, o grupo dominante no Estado era comprometido com o governo Washington Luiz. Esse grupo, composto pelo ex-governador Francisco Marques de Goés Calmon e seus irmãos, apoiaram a candidatura do governador paulista à presidência, como também negociaram a vice-presidência para o governador Vital Henriques Batista Soares. Em razão destas medidas, os irmãos Calmon, facções e indivíduos no poder fecharam a Bahia para a campanha da Aliança Liberal.

Mesmo recebendo apoio em outros estados, a Aliança Liberal perdeu para as oligarquias pelo sistema de favores e fraudes que faziam parte do cenário eleitoral. Apesar de tentativas no sentido de denunciar as irregularidades, Getúlio Vargas e seus aliados praticamente foram derrotados pelas oligarquias.

O assassinato de João Pessoa (vice na chapa de Vargas), de acordo com Skidmore (2003 apud LENE e LOPES, 2018), serviu como motivo de protesto para a revolução que estava em marcha. O movimento aconteceu em vários estados do país e em pouco tempo, tenentes e apoiadores conseguiram retirar Washington Luiz do poder, tornando Vargas presidente.

Em seu governo Vargas utiliza mecanismos para fortalecer o poder do Estado e aperfeiçoar as formas de controle. O ideal centralizador que caracterizou este período

era composto por cerceamentos às liberdades individuais, interferindo na imprensa. Mesmo apoiando as medidas do governo, os jornais eram vigiados de perto, contando com a presença de censores nas redações. Os periódicos contrários, tiveram suas sedes invadidas e depredadas. Veículos foram fechados e alguns tiveram seus dirigentes presos.

Foi nesse cenário que foram criados o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em 1939, com a função de controlar o que era produzido pelos jornais e difundir a ideologia “estadonovista”⁷ e o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC) e o Departamento Estadual de Imprensa (DEI).

Eram períodos marcados por profundas tensões: de um lado, ditadura e punições para aqueles que ousavam enfrentar o regime e do outro lado, a II Guerra Mundial (1939-1945), conflito que ceifou milhares de vida e trouxe enormes prejuízos e perdas para diversas nações. A calma veio apenas na década de 50, durando até a década seguinte, período que coincidiu com a renascença baiana, época de explosão de criatividade e inovação no campo cultural. Mas com a ditadura militar a partir do golpe de 1964, instaurou-se um período chamado por estudiosos como *vazio cultural*. Os jornais, através dos suplementos, se tornaram a tribuna onde intelectuais, artistas e escritores discutiam diversos temas pertencentes ao âmbito da cultura.

É um momento marcado por transformações em outros setores sociais, conforme pontua Risério (2004 apud SPANNENBERG, 2006):

Até a década de 1950, a Cidade da Bahia e o seu Recôncavo permanecem compondo um espaço coeso, essencialmente tradicional. Ainda é a Bahia do saveiro, do terno branco, da vegetação exuberante, das ruas que se espreguiçam sob o sol. Tempos do chamado “enigma baiano”. Mas, a partir da década de 1960, tudo muda. Surgem estradas e distritos industriais. Avenidas, trevos e túneis. A Cidade da Bahia explode para todos os lados, experimentando problemas e tensões até inéditos.

Expressão criada por Otávio Mangabeira, que governou a Bahia entre 1947 a 1950, “enigma baiano” se refere ao longo estado de letargia em que viveu mergulhado o

⁷Termo empregado para designar a ditadura implantada por Vargas, o Estado Novo (1937-1945), período conturbado caracterizado por censura nos meios de comunicação de massa, perseguições, prisões e mortes de inimigos do regime vigente.

estado, marcado pelo atraso em diversos setores. Inovações como a industrialização, a urbanização acelerada, emergência de um proletariado industrial e de classes médias urbanas, desenvolvimento técnico-científico, modernismo artístico-cultural e etc., ainda não tinham chegado à Bahia.

A situação apenas começou a mudar a partir dos anos 50, quando o estado “abraçou” o espírito do tempo, se inserindo no processo de acumulação de capital, em meio à uma nova divisão do trabalho comandada pelo capital nacional e internacional, obedecendo a lógica da ideologia desenvolvimentista.

A respeito deste momento importante Risério (2004 apud SPANNENBERG, 2006) afirma que:

a Bahia irá ingressando- progressiva, mas decisivamente- na dança do capitalismo moderno. [...] Basicamente, por dois caminhos: a criação de um setor petroleiro em nossa economia e a política de isenção tributária do Governo Federal, via Sudene- às quais se aliam, de resto, nossos primeiros gestos de planejamento econômico estadual.

Esse processo se dá com a implantação da Petrobras em 1950, a criação da Refinaria Landulpho Alves, impulsionada pela descoberta do petróleo na Bahia, a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), em 1959 e com as construções da BR 324 e da Hidrelétrica de Paulo Afonso.

Acompanhando o ritmo de modernização no Estado, diversos jornais incorporaram características que contribuíram com a própria modernização do jornalismo. O *A Tarde* neste momento busca aliar a experiência com o novo e mais adiante neste trabalho, se perceberá como esta tendência se refletiu no periódico, principalmente, a partir dos anos 1970.

A década de 1970 é o marco de mudanças que vinham em marcha desde as décadas anteriores no jornalismo baiano. Com a criação do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Bahia em 1962, novos profissionais foram inseridos no mercado soteropolitano, o que contribuiu com alterações significativas decorrentes dessa formação, diferenciando o jornalista daquele momento específico, do jornalista treinado apenas pela dinâmica das redações.

No ano de 1969 são publicados os estudos de Luiz Beltrão acerca da rotina e produção jornalísticas, enfatizando os gêneros jornalísticos. No mesmo ano é fundado o jornal

Tribuna da Bahia, um dos primeiros a utilizar manual de redação e de treinamento para seus profissionais. Em 1979 é a hora e a vez do jornal *Correio da Bahia*, que transformou o modo de cobrir temas ligados ao universo cultural, como mais adiante se verá.

A modernização vivenciada pelo jornalismo baiano nas últimas décadas envolve uma série de fatores e não pode ser compreendida dentro de uma ótica linear. Existem elementos sócio-políticos-econômicos que corroboram para esse processo. Segundo Spannenberg (2006), “a narrativa jornalística- especialmente os elementos gêneros, temáticas e hábito de leitura (o qual não foi anteriormente mencionado) - podemos reconstruir, ainda que parcialmente, esse desenho e, com ele, o desenho da sociedade na qual ele se desenvolve”.

4.3 Cultura, campo cultural e jornalismo cultural: conceitos

No segundo capítulo desta pesquisa foram discutidos o discurso e os diversos elementos que se imbricam na teia discursiva do jornalismo impresso, no plano da construção da notícia. Neste capítulo a reflexão terá continuidade, mas levando em conta elementos constituintes e influenciadores do discurso. Assim, é inevitável não trazer a noção de campo cultural, fundamental em termos analíticos. Mas para aprofundamento, é necessário compreender os conceitos *cultura*, *campo cultural* e *jornalismo cultural*. Falar de cultura, por si é um desafio, devido a multiplicidade de sentidos e significados atribuídos pelos diferentes campos de conhecimento que se habilitam em tentar explicar o conceito.

Essa complexidade se evidencia “ao expressar uma variedade muito grande de fenômenos humanos e referir-se a um conjunto bastante diversificado de interesses, a noção de *cultura* acabou por ocupar um lugar de relevância nas reflexões produzidas nos distintos ramos do saber” (OLIVEIRA, P., 2002). Complementando o argumento, o pesquisador cita Sodré (1988, p.43), que afirma que “a multiplicidade das definições acompanha a diversidade dos interesses institucionais ou disciplinares”.

As noções de cultura variaram ao longo do tempo e seu significado atual explica um pouco dos rumos tomados pelo jornalismo cultural. Atualmente não é possível falar em cultura sem mencionar a internet, que por sua vez é sinônimo de novas formas de

comunicação, de entretenimento. A cultura adquiriu dinamismo no contexto das transformações sociais e no desenvolvimento humano, contribuindo com a globalização mundial. Neste sentido, os meios de comunicação possuem papel fundamental na formação das identidades do mundo globalizado, ganhando assim, nova relevância.

Desta forma, áreas se reuniram em torno do conceito de cultura, como a antropologia e a sociologia, classicamente dedicadas a este fim, além dos estudos de comunicação, a ciência política, a história, a geografia, a crítica literária e a economia. Isto explica a quantidade de significados que o termo abarca e a dificuldade de se encontrar um consenso.

Em 1871, Tylor trouxe a definição considerada marco-zero da conceituação do que é cultura no campo da antropologia. De acordo com Laplantine (1995 apud OLIVEIRA, P., 2002), em 1952, foi a vez dos antropólogos Alfred Kroeber e Clyde Kluckhohn pensarem numa conceituação para cultura, elaborando até cinquenta definições. Vinte anos depois, Abraham Moles, teórico da informação acrescentou cem novas definições ao levantamento realizado pelos dois antropólogos. Estes debates ao mesmo tempo que serviram para ampliar os horizontes de significação do termo *cultura*, causaram grande confusão conceitual. Foi então, que em 1973, Clifford Geertz considerou a necessidade de diminuir a amplitude do conceito *cultura*, para se tornar um instrumento mais poderoso e especializado teoricamente.

Situação diferente não é encontrada na sociologia. As discussões são intensas e não há consenso específico quanto à conceituação de *cultura*. De acordo com Raymond Williams, a cultura situada no campo da sociologia representa interesses e métodos diversos, alinhados a pontos de concordância, ao lado de conflitos e insucessos. Na sociologia, o problema não se restringe apenas à formulação conceitual, antecede a discussão propriamente. Surge com a discussão acerca do local ocupado pela sociologia da cultura. Entendida quase sempre como área ambígua, tópico de variedades, para Williams (1992 apud OLIVEIRA, P., 2002) *cultura* aparece nos últimos lugares da lista de interesse da sociologia.

Refletindo a respeito do assunto, Williams afirma que o entrelaçar de métodos e interesses que definem a sociologia da cultura, constituem a partir dos vários sentidos atribuídos à palavra *cultura*, um novo ramo, os Estudos Culturais. Não se configurando como um ramo da sociologia no sentido clássico, os Estudos Culturais não conformam uma área específica ou um campo da sociologia dedicado exclusivamente a *cultura*. Constituem-se como uma convergência, no dizer de Williams, que acolhe questões da

sociologia em geral, de um ponto de vista particular quanto à compreensão das problemáticas estudadas.

Embora interessados nos sistemas de significações presentes na sociedade, os Estudos Culturais ocupam-se mais de perto com as práticas e produções culturais, exigindo tipos de análise social de instituições e formações pertencentes ao âmbito da cultura, além de estudar as relações entre estas e os meios materiais de produção cultural e as formas culturais. Assim, menos que uma nova sociologia da cultura, para Williams (1992 apud OLIVEIRA, P., 2002) os Estudos Culturais se caracterizam como uma “sociologia de novo tipo”.

Ao rever a multiplicidade de conceitos que o termo cultura recebeu ao longo do tempo e em campos diferentes de estudo, é possível observar que esse caráter múltiplo é apenas um reflexo da própria complexidade que o envolve. Diante desta realidade, é preciso fazer algumas observações.

A palavra cultura, etimologicamente, deriva do verbo latino *colo*, que também originou as palavras colonização e cultivo. A forma nominal *Cultus*, designava para os antigos romanos, a reverência aos mortos, mas também o cultivo da terra. A forma *culturus*, tinha em latim duplo significado: trabalhar a terra e educar os homens para a vida, de acordo com Bosi (1996 apud OLIVEIRA, P., 2002).

A partir de seu surgimento, o termo cultura foi ganhando outras acepções entre outros povos. De *cultura animi* dos romanos- o ato de cultivar o espírito, o trabalho de formação humanista do indivíduo à *paideia* para os antigos gregos. São a *paideia* e a *cultura animi* as bases para a noção moderna de *cultura*, que começa a se desenvolver com o Renascimento. Neste período, *cultura* remete ao cuidado com os animais e o cultivo da terra, mas passa a designar também o desenvolvimento humano, especificamente o cultivo da mente. Apenas no fim do século XVIII que o vocábulo é empregado em vários idiomas europeus como termo independente, designando processo geral ou produto desse processo.

No entanto, sua utilização não ocorre de modo uniforme. São distintos os significados de cultura em francês e inglês e em alemão. O que explica esta diferenciação está na ligação do sentido da palavra com as aspirações das classes burguesas dominantes em ascensão nestes países. Na França e na Inglaterra, por exemplo, o termo *cultura* é empregado com um significado próximo de *civilização*. Em ambos os idiomas, *civilização* se referia tanto a boas maneiras e trejeitos que faziam parte da gala da Corte

e dos salões da aristocracia francesa, quanto às conquistas tecnológicas realizadas pelos ingleses. *Cultura* era empregada no sentido de “espírito formador”, influência direta do espírito iluminista.

No idioma alemão, o vocábulo *cultura* (*Kultur*) se referia ao espírito nacional, o traço comum, o elo de ligação entre alemães, expressando a ideia de unificação política da Alemanha, chefiada pela burguesia. Já civilização (*Zivilisation*) remetia ao universo aristocrático inspirado no modelo francês, consistindo numa representação das superficialidades do homem como a polidez e o refinamento da vida cortesã.

De acordo com Sodré (1988 apud OLIVEIRA, P., 2002) com a Revolução Industrial e o Romantismo no século XIX, *cultura* passa a ser utilizado para designar um “sistema de vida”, um espaço interdito às camadas populares. Esta noção ao estabelecer uma distinção clara entre segmentos sociais, vai alimentar o desenvolvimento do sentido geral e comum do termo (cultivo da mente), em direção aos significados utilizados na atualidade, conforme explica Williams (1992 apud OLIVEIRA, P., 2002):

i) *um estado mental desenvolvido*- como em 'pessoa de cultura', 'pessoa culta', passando por
ii) *os processos desse desenvolvimento*- como em 'interesses culturais', atividades culturais', até
iii) *os meios desses processos*- como em cultura considerada como 'as artes' e o trabalho intelectual do homem.⁸

Alguns aspectos deste modo de conceber *cultura* se fazem presentes ainda hoje no uso da palavra cultura. A exemplo disso está a ênfase na ideia de espírito formador, a necessidade do cultivo de valores mais elevados, a referência às letras e às artes e a crença iluminista no progresso e na ciência. Pelo sentido de distinção social e o inegável toque de eurocentrismo, estes aspectos limitam a concepção clássica de cultura. Limitações rompidas apenas na segunda metade do século XIX, quando a reflexão sobre cultura é incorporada à antropologia, disciplina proveniente das ciências sociais. Aos poucos o conceito de cultura vai perdendo alguns de seus aspectos etnocêntricos, em virtude das demandas do trabalho etnográfico, interessado em elucidar, num contexto marcado pelo colonialismo, a vida das sociedades extra europeias.

⁸Grifos do autor

Falar em colonialismo, é remeter a alteridade. Conciliar a diversidade cultural sempre foi um desafio para os homens. Mesmo quando soluções foram apresentadas, algumas raras não foram excludentes. Embora os termos fossem mudando com o passar do tempo, acompanhando a marcha da sociedade, de bárbaro na antiguidade clássica a primitivo em sua acepção atual, *o outro* sempre foi visto por um prisma de inferioridade.

A ideia de um *outro* ganhou força com a expansão e conquista de terras e povos além-mar, realizadas a partir do século XVI por nações europeias. O encontro com as civilizações situadas além-mar, vai tornar a alteridade um problema, objeto de reflexão. De acordo com Sodré (1988 apud OLIVEIRA, P., 2002), o Ocidente que criou o *outro*, vai criar também teorias que expliquem sua existência, oferecendo-lhe um lugar devido.

No século XVIII, com a filosofia iluminista que traz o conceito de homem, volta o debate e a reflexão acerca da alteridade. É neste período que a etnografia começa a ensaiar os primeiros passos, iniciando uma transição importante, deslocando a alteridade da fé religiosa para o plano da ciência, processo apenas completado no século XIX. Foi neste momento que a antropologia lançou um olhar científico sobre o *outro*, amparada por uma nova noção de *cultura*, causando grande reviravolta na maneira de lidar com a questão da alteridade.

O resultado dessa transformação foi o surgimento do racismo, enquanto doutrina científica, uma das marcas do pensamento científico oitocentista. Ganha importância, passando à condição de ideologia, invadindo espaços acadêmicos, presente em debates, ganhando adeptos entre as elites intelectuais e políticas europeias e vai desempenhar um papel de destaque nas transformações políticas vivenciadas pelo mundo ao fim do século XIX.

Atualmente a postura antirracista encontra-se institucionalizada tanto na ciência como na mídia. Não é possível dissociá-la da noção de cidadania presente nas democracias contemporâneas. Mas não significa ainda dizer que em determinadas sociedades tenham deixado de existir o racismo e a intolerância. É preciso ressaltar que o racismo científico encontrou respaldo não apenas nas academias e laboratórios, mas se instalou também nos meios de comunicação de massa, na cultura de massa e nos produtos da indústria cultural.

Com a legitimação e difusão da *cultura*, saberes artístico e científico se integram. Deste processo advém outras consequências como:

a ideia de arte autônoma (*arte pela arte*) ganha força; emergência de um *mercado da cultura* e uma *indústria cultural*, trazendo para a cena novos atores (produtores e consumidores de *bens culturais*); surge a *comunicação massiva* e *cultura de massa* e aparecem conflitos envolvendo a noção de cultura, como *cultura de massa vs cultura erudita*, *cultura vs mercado*, *cultura erudita vs cultura popular*, *cultura de massa vs cultura popular* (grifos do autor). (OLIVEIRA, P., 2002)

Todos estes elementos apontam que, inserida ou não no discurso antropológico, a noção de *cultura* e sua afirmação, remeterão sempre às práticas de organização simbólica, produção social de sentido e de relacionamento com o real.

Tratando-se de *cultura*, não se pode deixar de lado a noção de *campo*, mais especificamente, a de *campo cultural*. Para este fim serão apresentados e discutidos estes conceitos. *Cultura* configura um espaço próprio com estrutura, regras e conteúdo enquanto “prática”, “prática diferenciada”, possuindo autonomia com as demais “práticas” presentes na sociedade. Esse espaço é designado como *campo*. Por sua vez, *campo* implica no estabelecimento de condições, regras ou sanções que qualificam o que é ou não é um fato cultural.

A noção de *cultura* não se dissocia da ideia de campo normativo, como conceitua Sodré (1988 apud OLIVEIRA, P., 2002) a respeito de campo, definindo-o como:

*um espaço próprio e distintivo de um modo específico de relacionamento com o sentido e o real, isto é, com aquilo que possibilita a delimitação de uma cultura. O emprego deste conceito implica numa tática de determinação. O campo designa, normativamente, os atos obrigatórios num determinado regime simbólico e exclui os elementos não pertinentes, as predicções que não devem ser feitas aos objetos.*⁹

Falar sobre a noção de campo torna inevitável não recorrer a Pierre Bourdieu. O pensador francês aplicou o conceito de “campo” a distintos universos sociais, classificando-o como guia de pesquisa. Bourdieu vai se referir a um “campo cultural”, “campo jurídico”, “campo religioso”, “campo econômico” e dentre outros. Ele se reporta também a um “campo artístico e intelectual”, um “campo pictórico”, um “campo poético”, ao buscar recortes mais específicos.

⁹Grifos do autor

Em sua obra *O mercado de bens simbólicos*, Bourdieu aplica pela primeira vez a noção de “campo”. Este estudo investiga a formação de um campo intelectual e artístico nas sociedades europeias ocidentais, entre os séculos XV e XIX, que vai se definindo em contraposição aos campos religioso, econômico e político. Porém, ao estudar a sociologia religiosa de Weber, Bourdieu acredita ter alcançado a “primeira elaboração rigorosa” do conceito, importante passo para a identificação das propriedades dos campos.

Bourdieu (1989 apud OLIVEIRA, P., 2002) define “campo” como “o espaço social das relações objetivas”. A noção de campo enquanto “instrumento de pensamento” permite identificar em distintos domínios da vida social (cultura, economia, literatura, etc.), não somente os traços invariantes (que Bourdieu chama de “propriedades gerais dos campos”), revelados pela comparação entre os domínios, como também as propriedades entre ambos.

Os traços invariantes, de acordo com Bourdieu, apontam que existem estruturas em comum em todos os campos. Estes traços regem a estrutura e a história dos diferentes “campos”. As propriedades do campo expressam regras e normas, a crença que o sustenta, os jogos de linguagem, relações de poder, bens simbólicos e materiais nele gerado e etc. São estas propriedades que evidenciam os traços invariantes, presentes em todos os campos.

Por fim, a noção de “campo” se configura como um espaço que se autonomiza em face da história, através do estabelecimento de condições, regras e sanções que legitimam ou não, um fenômeno como pertencente a este domínio.

Apresentado o conceito de “campo” e analisada sua complexidade, agora é o momento de refletir sobre a ideia de *campo cultural*. Seu conceito apresenta-o como espaço que admite a possibilidade de sub-campos. Termos como, “campo literário”, “campo pictórico”, “campo artístico e intelectual”, ajudam a identificar práticas diferenciadas, espaços autônomos dentro do campo cultural, levando à conclusão de que “os sub-campos culturais são entendidos como zonas em que predominam práticas com seus códigos, normas e instâncias de legitimação”. (OLIVEIRA, P., 2002)

A modernidade chega trazendo consigo muitas transformações e diversas rupturas. É um tempo marcado pela reorganização social, transformações políticas, econômicas, sociais e no campo cultural. Com a modernidade é inaugurada a possibilidade de sub-campos no campo cultural. A modernidade

dá o arremate final ao processo que Bourdieu assinalou como sendo o da 'autonomização progressiva do sistema de relações de produção, circulação e consumo de bens simbólicos', ou seja, o processo de libertação da vida intelectual e artística da tutela de instâncias de legitimação externas, tanto políticas quanto religiosas e a correlata constituição de um corpo profissional socialmente distinto, formado por artistas e intelectuais. Seu resultado vai ser a constituição de um *campo intelectual e artístico* organizado à volta de duas esferas também autônomas (portanto, dois *campos* ou *sub-campos*): a da *produção erudita* e a da *indústria cultural*.¹⁰ (OLIVEIRA, P., 2002)

Este processo começou a ganhar contornos no Renascimento e se solidificou no século XIX, marcando o espírito de modernidade. Várias foram as transformações que conduziram à aparição do sub-campo intelectual e artístico. Estas transformações influenciaram de forma direta o processo de autonomização deste campo no entendimento de Bourdieu e foram enumeradas pelo pesquisador:

- 1) a constituição de um público consumidor extenso e heterogêneo, capaz de garantir aos produtores de bens simbólicos (artistas e intelectuais), simultaneamente, demanda e independência econômica e legitimação cultural;
- 2) a constituição de um corpo profissional formado por produtores e empresários de bens simbólicos, disposto a reconhecer como legítimas as determinações de ordem técnica e regulatória estabelecidas pelo próprio campo;
- 3) o crescimento e a diversificação das instâncias de legitimação da produção e consagração do campo (academias e salões) como das instâncias de difusão do que aí é produzido (teatro, museus, salas de concerto, revistas, etc.).

Outros pontos importantes nesse processo foram a mudança na relação entre escritor e leitor; o surgimento de uma atitude nova em relação ao público leitor; a produção de obras de arte passando a ser encarada como um dos tipos especializados de produção; o

¹⁰Grifos do autor

destaque crescente da teoria da “realidade superior” da arte como sede da verdade imaginativa e a ideia do escritor considerado gênio.

A emergência do campo intelectual e artístico pode ser vista a partir da formação das categorias de intelectuais. Gramsci (1978 apud OLIVEIRA, P., 2002) estabelece uma tipologia em função da categorização dos intelectuais, distinguindo intelectuais entre orgânicos e tradicionais. Desta forma, Gramsci estabelece três categorias de intelectuais: os criadores culturais, que inclui os artistas, filósofos e cientistas; os organizadores e administradores da esfera cultural (gestores e produtores culturais) e, por fim, os transmissores e difusores da cultura, incluindo os educadores e os profissionais da área de comunicação.

A formação escolar tem importante papel neste processo, já que, segundo Gramsci, ela é o instrumento responsável pela formação de intelectuais em diversos níveis. A complexidade que envolve a função intelectual pode ser medida pela quantidade de escolas especializadas e sua hierarquização. Existe uma relação de proporcionalidade entre a extensão da área escolar e seus graus. Para Gramsci, esta relação de causa e efeito possui íntima relação com o mundo cultural.

As três categorias de intelectuais apresentadas acima são imprescindíveis para que o *campo cultural* venha existir. Esse campo exige criação, organização (também preservação) e divulgação. À medida que cada um destes requisitos adquirem complexidade, se tornam instâncias de especialização, institucionalização e mobilização de recursos, sejam financeiros ou humanos.

Mediante a contextualização histórica da sua categorização, o surgimento do campo intelectual e artístico necessita ser compreendido dentro dos parâmetros da sociedade moderna e da sociedade industrial, constituindo o momento em que o campo profissional socialmente distinto reúne artistas e intelectuais.

Com a modernidade e a possibilidade de constituição dos sub-campos culturais e a noção de *cultura* elaborada enquanto conceito de verdade universal, configura-se o sub-campo da *cultura erudita*. A emergência desse sub-campo tem na autonomia da estética o seu ponto culminante. Dessa autonomia surgem as concepções da arte enquanto criação subjetiva, manifestação de uma realidade superior e a do artista como produtor independente, dotado de gênio criativo, buscando pela ruptura dos códigos e regras estabelecidas a verdade e o belo da criação.

O sub-campo reúne os saberes humanísticos e científicos produzidos e operados por

uma *intelligentsia* (OLIVEIRA, P., 2002) que se profissionalizou em função da divisão do trabalho na esfera da produção simbólica. Esta *intelligentsia* que surge regula o processo de produção e estabelece as sanções definidoras da culturalidade dos fatos. São institucionalizadas instâncias legitimadoras como a crítica, o sistema de ensino, academias, museus, etc. Entra em cena um discurso hermético que discrimina e exclui aqueles que não dominam os códigos para a sua decifração.

A autonomia e a consolidação do campo intelectual e artístico contribuem com o surgimento do sub-campo da indústria cultural. Ambos os campos aparecem num momento histórico marcado pela ideia da arte pela arte e a cultura de mercado. Com a autonomia dos sub-campos culturais da produção erudita e da indústria cultural, nasce também a divisão que os separa. O artista, até então livre, vê-se na iminência de voltar a estar submetido à uma instância externa, neste caso, o mercado cultural.

Nesse primeiro momento esse mercado ainda se limita a um público letrado pertencente à burguesia e às classes médias. Este público com certeza não estaria nas camadas populares, que viviam em condições de miséria e ignorância. Em meados do século XIX a cultura permanece sendo mercadoria destinada a um público consumidor restrito. Porém, o limitado tamanho do mercado não impede o estabelecimento do antagonismo entre as duas esferas culturais.

Esse antagonismo não trará mudanças, como um novo conceito, por exemplo. Mas não se pode negar o estabelecimento de uma nova prática de produção no campo cultural por parte da indústria cultural, prática esta que difere daquela pertencente ao sub-campo da cultura erudita. É uma prática influenciada pela lógica de mercado, submetida ao interesse pelo lucro e sempre em busca de um público consumidor que venha garantir a rentabilidade pelos capitais investidos.

A produção e o consumo de bens simbólicos é uma relação capaz de marcar a oposição existente entre ambos os sub-campos culturais. A cultura erudita se destaca por manter relação de proximidade entre as instâncias de produção e consumo, conforme produtores de bens culturais tem por público outros produtores de bens culturais (público capaz de operar o código necessário à compreensão do conteúdo produzido por este campo). Com base nesta ideia, Bourdieu (1992 apud OLIVEIRA, P., 2002) denomina o sub-campo da cultura erudita de *esfera de bens restritos*.

O sub-campo da cultura de massa inaugura a distância entre as duas instâncias. O surgimento de um mercado da cultura propicia, pela primeira vez, o aparecimento do

sujeito-consumidor, figura de destaque neste cenário, onde não há exigência para a fruição do que é produzido. Bourdieu denomina este sub-campo de *esfera de bens ampliados*.

A distância entre produção e consumo na esfera de bens ampliados é uma questão cara aos estudos frankfurtianos, que fundam a discussão a respeito da indústria cultural enquanto lógica específica. Segundo Adorno (1994 apud OLIVEIRA, P., 2002), o termo indústria cultural foi criado com o objetivo de evitar que a expressão *cultura de massa* sugerisse, erroneamente, “a cultura surgindo espontaneamente das massas” refletindo tal problemática. O público, para o qual são produzidas mercadorias culturais produzidas pela indústria cultural, consome-as, mas mantém distância de seu processo produtivo.

Diferentemente do sub-campo da cultura erudita, a indústria cultural não possui a pretensão de alcançar verdades universais. A eficácia do campo não depende de verdades de qualquer tipo. Sua eficácia, de acordo com Sodré (1988 apud OLIVEIRA, P., 2002), se encontra “em sua forma- tautológica, repetitiva, mágica- que produz um real próprio (modelos, simulações), capaz de invadir discursivamente a vida cotidiana, provocando a adesão dos consumidores a seus enunciados”.

Ao contrário do sub-campo da cultura erudita, a cultura de massa não necessita de sanções ou normas que venham garantir a sua legitimidade ou a própria eficácia do seu discurso. Estas são garantidas pela abrangência e forma com que os conteúdos produzidos são comunicados.

Aspectos deste sub-campo cultural tais como a separação radical entre produção e consumo; a forma mercadoria que reveste os produtos; a não-produção de verdades; a ausência de sanções legitimadoras e a produção deste sub-campo voltada a um público heterogêneo e indiferenciado, terminaram por relegar a cultura de massa a um lugar inferior, segundo o olhar de produtores e instâncias legitimadoras pertencentes à esfera da cultura erudita.

Para Eco (1993 apud OLIVEIRA, P., 2002), esta é uma nostalgia de uma época onde os valores da cultura eram característicos de uma classe e não estavam à disposição de outros segmentos da sociedade. Estas formulações atribuem um caráter inferior aos produtos da indústria cultural e trazem consigo indisfarçável marca aristocrática.

A cultura de massa não é uma cultura diferente da cultura burguesa. Trata-se apenas de um sub-campo do campo cultural. O que a difere é o modo produtivo, a cultura de massa se articula aos mecanismos de mercado. A condição de sub-grupo não reduz sua

importância histórica ou papel central, desempenhado na atualidade, na esfera das relações produtoras de sentido.

Um público que passa a acessar, embora de modos diferenciados, um mercado de bens culturais é um fenômeno com profundas repercussões histórico-culturais. Ao contrário do que parece, a indústria cultural não está submissa aos imperativos de seu público consumidor. É a própria indústria cultural que gera sua demanda, constatação que afasta qualquer ideia de que a demanda do público direciona a produção da cultura de massa.

Outro ponto que merece atenção é o fato da cultura de massa abrigar caracteres próprios da cultura erudita. Para Sodré (1988 apud OLIVEIRA, P., 2002), estes caracteres são “a criação de uma hierarquia de gostos; de uma crítica sofisticada; a existência de produtores que também experimentam o mito do artista-gênio e a presença de receptores que, por deterem 'capital cultural', funcionam como instâncias de reconhecimento e legitimação de determinados produtores”.

Neste tipo de recepção há uma diminuição da distância estabelecida pela cultura de massa entre a produção e o consumo de bens culturais. A razão que explica este fato é a maturidade do mercado cultural, o que contribui com o fluxo intenso entre os dois sub-campos culturais, ocorrendo relações de permuta.

Estas trocas se revelam ainda mais intensas quando se considera as múltiplas potencialidades trazidas pelas inovações sócio-tecnológicas contemporâneas. Os meios eletrônicos, por exemplo, derrubam as fronteiras classicamente estabelecidas entre os sub-campos da cultura erudita e a cultura de massa. Neste contexto, são redefinidas as relações entre cultura e mercado, ao mesmo tempo que se complexificam, com repercussões que vão desde o campo erudito, como também ao campo da cultura popular.

As trocas entre os sub-campos e a reorganização do campo cultural acirram a tensão entre a lógica de mercado e aquela que é referente à criação cultural. Este cenário estabelece uma redefinição no jogo das diferenças, o que significa requalificação entre práticas específicas no campo cultural. Mas não significa, porém, que haverá esquecimento das diferenças que tensionam ou impulsionam o campo cultural. O fluxo entre os sub-campos recoloca em novas bases, em grau de complexidade maior, o antagonismo cultura/ mercado, o que não impede que neste processo se encontrem possibilidades novas para o campo cultural.

A presença dos meios eletrônicos em um mundo cada vez mais dominado por novas

tecnologias, leva pesquisadores como Muniz Sodré, a pensar na possibilidade de se tornar obsoleta a distinção entre cultura erudita e a indústria cultural. Segundo Sodré (1988 apud OLIVEIRA, P., 2002), as mudanças vivenciadas pelo sistema de ensino (instância de reprodução e legitimação da cultura erudita) devido à “neo-racionalidade” trazida pela indústria cultural, estão na base dessa possibilidade.

Para Canclini (2000 apud OLIVEIRA, P., 2002), em sua reflexão sobre “culturas híbridas”, as fronteiras que separavam de modo compartimentado, cultura erudita, cultura popular e indústria cultural, praticamente foram diluídas. Os contínuos rearranjos experimentados pelos sub-campos e o campo cultural tem levado signos e espaços da cultura erudita e da cultura popular não somente se mesclarem, como também se massificarem, convertendo-se em mercadorias.

Deste modo, os sub-campos terminam por compartilhar cada vez mais formas e linguagens artísticas, intelectuais, públicos, recursos humanos e etc. O autor cita o exemplo das vanguardas que inauguraram a arte moderna no começo do século XX, que beberam na fonte das formas e linguagens artísticas de sociedades e culturas consideradas arcaicas e tradicionais, para demonstrar que não funciona a oposição que interrompe o fluxo entre tradicional e moderno e que o culto, o popular e o massivo se encontram em locais diferentes daqueles que costumam ser-lhe reservados.

Neste sentido se reorganiza também o arranjo que dentro do campo cultural alinha Estado, produtores culturais e cidadãos. Assim, não se pode ignorar a necessidade das ações de política cultural realizadas pelo Estado não permanecerem estranhas às práticas do mercado de cultura. No entanto, Quintana (1990 apud OLIVEIRA, P., 2002) é categórico ao afirmar que não se pretende tomar qualquer pretexto para substituir o Estado pelo mercado ao que se refere a cultura. A responsabilidade do Estado é intransferível.

As transformações de inspiração neo-liberal vivenciadas pelo Estado resultaram, dentre outras coisas, na desobrigação com as políticas de proteção social, revelando-se desastrosas, principalmente no que tange a cultura. A obrigação do Estado não deixar a cultura de lado, entregue a interesses mercadológicos (OLIVEIRA, P., 2002). Indústrias culturais, políticas culturais privadas e o marketing cultural são ferramentas essenciais para a esfera cultural na contemporaneidade. O Estado é peça-chave para o campo, seja como provedor de políticas culturais públicas, regulador do mercado cultural ou garantidor dos direitos culturais básicos, importantes para a cidadania.

São muitas as transformações que interferem no campo cultural e seus sub-campos na sociedade contemporânea. As tensões sempre presentes na relação cultura e mercado, agregam, ampliam e redefinem estas relações. Não se pode esquecer também de fenômenos e elementos como as novas tecnologias de comunicação e informação, interculturalidades, multiculturalidades, turistização e dentre outros, que dão forma a uma gama de possibilidades e desafios neste contexto.

Falar em campo cultural e seus sub-campos e tudo que lhe são intrínsecos, é lembrar da cultura baiana, enquanto constituinte de campo cultural, nordestino e brasileiro. Durante um espaço de tempo denominado “longo século” (OLIVEIRA, P., 2002), a Bahia não se tornou uma sociedade moderna, com cultura moderna. Assim, a constituição de um campo cultural e dos seus sub-campos, de acordo com os conceitos aqui trabalhados, só se concretizará na segunda metade do século XX.

Entre os anos 1920 e 1940, conhecidos como período de estagnação e paralisia da vida baiana, é possível encontrar elementos que não propiciarão o surgimento de um campo intelectual e artístico. Não havia público consumidor suficiente de bens culturais que pudesse garantir a independência econômica e legitimidade cultural a artistas e intelectuais. O público se restringia a uma pequena elite letrada, ficando de fora os escravos analfabetos e pobres.

Não havia a preocupação com a formação dos intelectuais a partir de um sistema escolar como aparece na reflexão de Gramsci mencionada anteriormente. Escritores e poetas, em sua grande maioria, dividiam a vida entre as repartições onde trabalhavam e o recanto reservado onde produziam suas obras, que não tinham grandes chances de serem publicadas. As iniciativas dentro do campo editorial eram poucas, restando apenas a alternativa de publicação pela imprensa e financiamento pelo estado.

O circuito cultural se reduz apenas às únicas instâncias de consagração e legitimação existentes no período: A Academia de Letras da Bahia, o Instituto Geográfico e Histórico, a Escola de Belas Artes, a Faculdade de Medicina e a de Direito. Além destes espaços, haviam os Salões de Ala. No que se refere às instâncias de divulgação da produção simbólica, o cenário é o mesmo. A cidade possuía apenas um museu, não tinha galeria de arte e não haviam boas casas de espetáculo e as que existiam não ofereciam boas condições aos espectadores.

Analisar esse panorama é notar a tendência que marca o momento que antecede a chegada da modernização e do modernismo em terras baianas, alavancando o

surgimento do campo intelectual e artístico na segunda metade do século XX. Essa onda de modernização atinge a Bahia por volta do fim dos anos 1940 inserindo a economia estadual no mercado capitalista brasileiro.

É o período da energia hidroelétrica, dos campos e refinaria de petróleo, ampliação e transformação da malha viária da região e do estado, levando os saveiros ao fim, desarticulando um processo geo-antropológico, que perdurando por mais de três séculos, sustentou a formação histórica da cultura baiana. Inicia-se nesta fase a construção de uma nova regionalização, trabalhando com a ideia da Bahia em fragmentos. Entretanto, essa desarticulação não afeta o campo cultural, que já se encontrava devidamente estruturado e individualizado devido ao isolamento relativo vivido pela Bahia, conforme referido anteriormente.

O mercado de trabalho também acompanhava o ritmo dessas mudanças, convivendo lado a lado com a expansão dos sistemas bancário e financeiro, além do incremento dos setores imobiliários e de consumo da capital e os surtos industriais com o Polo Petroquímico de Camaçari e o Centro Industrial de Aratu. Estas transformações contribuíram com a marginalização da economia do Recôncavo, além de proporcionarem em Salvador o crescimento populacional desordenado, que causou problemas, a exemplo da deficiência de serviços e habitação, abastecimento precário, criminalidade e violência.

O momento é marcado por transformações no campo da cultura. O ano de 1944 recebe a exposição-marco da arte moderna na Bahia, que vê chegar uma nova geração de artistas plásticos baianos. É nesse período que surge Alexandre Robatto a registrar cenas, paisagens e costumes da cidade e do seu povo. Chegam à Bahia o francês Pierre Verger, que através da fotografia e da antropologia muito contribuiu com os estudos a respeito das religiões de matriz afro-brasileira, em especial, o candomblé; a italiana Lina Bo Bardi e o argentino Carybé, que inspirados pela cultura local fizeram suas obras com o objetivo de mostrar a beleza e a riqueza da cultura baiana.

A cultura ganha um novo espaço para reflexão e debate com o surgimento dos cadernos culturais, que congregaram gerações de artistas, a favor da liberdade e da democracia. Estes cadernos foram muito importantes para a divulgação e maturidade da cultura baiana e soteropolitana, ao apoiarem iniciativas como patrocínio a edições de livros, realização de exposições e leilões de arte, além de contribuírem para com a crítica literária, cinema e arte. As revistas também se destacaram ao divulgarem textos, promoverem debates e publicações diversas referentes a literatura e cultura em geral.

Na gestão de Octávio Mangabeira (1947-1951), a cultura recebe os signos da modernidade, deixando-se permear pelas manifestações provenientes da cultura popular. Neste momento a educação cumpre importante papel através da figura do educador Anísio Teixeira. À frente da pasta de educação no governo de Mangabeira, Teixeira institui as Escolas Classes, para instruir os alunos quanto à leitura, aritmética, escrita, ciências físicas e sociais e a Escola Parque, articulada às Escolas Classes, oferecendo ensino em tempo integral, onde se destacavam atividades artísticas, o trabalho manual e as artes industriais, contemplando as camadas mais carentes da sociedade.

Ao articular educação e arte em suas ações em prol da educação, Anísio Teixeira se aproxima do pensamento de Gramsci, ao defender o papel da escola na formação de intelectuais, elemento essencial para a constituição de um campo artístico e intelectual. Este fator, parece, influenciou na criação da Universidade da Bahia em 1946, instituição que muito contribuiu com a cultura da Bahia, ao mesmo tempo que reivindicou para si a responsabilidade de produtora de cultura, está concebida como ciência e arte.

Como já foi visto, num primeiro momento a cultura baiana era sumamente literária, o que conferia aos jornais certa primazia, já que os *media* ainda não estava plenamente configurado. Até o fim dos anos 1960 nem na Bahia e nem no Brasil ainda havia um sistema midiático dinâmico capaz de configurar um circuito específico cultural. Aqui já se pode falar em sub-campo intelectual e artístico baiano, mas ainda é cedo para falar de um sub-campo da indústria cultural. Em Salvador neste período é comum o aparecimento de embates provocados pelas diferenças entre cultura erudita e a cultura orientada pela lógica do mercado, na Universidade, no rádio, na recém-surgida televisão, não impedindo complementaridades entre ambos os campos.

Os jornais com os suplementos e cadernos culturais eram os espaços por excelência de divulgação cultural, abertos às polêmicas intelectuais e a arte dos jovens artistas que surgiam. Os meios de comunicação como lugares de produção e divulgação de cultura se inscreviam na dinâmica da cultura local. Os jornais se destacaram nesta função, já que eram o local que reunia jovens intelectuais comprometidos com o pensamento e as artes baianas. Neste período a inexistência praticamente total de um mercado cultural e a incipiente profissionalização da atividade jornalística favoreciam o intelectual no exercício dos papéis de criador e jornalista estimulando o trânsito entre cultura local e jornalismo.

Quanto aos campos da cultura erudita e da cultura popular é necessário por um parênteses. No plano erudito se destacam duas questões antagônicas: a primeira,

representada pela cultura oficial da elite baiana da qual faziam parte intelectuais que em sua maioria eram formados na Escola de Medicina; já a segunda, mais recente, constituída por artistas imbuídos do ideal de rebeldia moderna, mas com alcance limitado aos segmentos da sociedade, mas em desenvolvimento e agitada graças às influências recebidas de estrangeiros que trouxeram consigo signos estéticos vanguardistas, principalmente europeus.

No plano da cultura popular convivem duas matrizes desconectadas e com pouco intercâmbio entre si, africana e nordestina. A segunda, reivindicada por intelectuais de esquerda agrupados em organizações políticas e culturais do movimento estudantil e no Partido Comunista Brasileiro, como referencial de construção cultural. A primeira, desconsiderada pela cultura oficial, era desprezada pela grande parte da intelectualidade de esquerda por estar alicerçada numa religião (candomblé) e por incorporar a festa, uma de suas bases, considerado fator alienante.

Estas relações díspares, conflitantes e ao mesmo tempo complementares, constituíram na Bahia durante os anos 1950-60 o que Oliveira (2002) chama de *peculiar campo artístico e intelectual*, principalmente se for considerado o panorama cultural brasileiro do período. A Bahia não vivenciou a reprodução da renovação político-cultural que se processava no país. Não que a vida cultural na Bahia estivesse distante desta dinâmica, mas os movimentos articulados em torno do nacional-popular tinham presença expressiva na produção simbólica baiana daquele momento.

Ao mesmo tempo em que existiam semelhanças e proximidades entre a dinâmica político-cultural nacional e baiana, existiam diferenças profundas. Estas se devem aos elementos cosmopolitas que influenciaram a renovação cultural no período. Porém, o elemento cosmopolita se fez presente em outros momentos do cenário cultural baiano. Exemplo disso são o barroco e as ideias libertárias de inspiração europeia, elementos cosmopolitas no Brasil colônia e que atuaram a favor da construção da ideia de identidade e cultura nacional

No entanto, a renovação cultural baiana é interrompida no início dos anos 1960 por diversos motivos. O primeiro foi o Golpe de Militar de 1964, que provocou um êxodo expressivo de artistas e intelectuais que fugiam da perseguição política ou em busca de alternativas de mercado de produção. Outro fator que contribuiu para este processo é a modernização urbana experimentada por Salvador no fim dos anos 1960, quando a cidade cresce em sentido norte, levando ao deslocamento de prédios da administração estadual e atividades de lazer, ficando para trás o centro antigo, que havia cumprido

papel fundamental durante a renovação cultural na Bahia. E, por fim, com o surgimento da televisão e a porção Centro-Sul do país convertido em polo irradiador de cultura, reconfiguram-se a cultura e a sociedade brasileiras do período e a indústria cultural no Brasil é consolidada.

A renovação cultural realizada na Bahia ao mesmo tempo que sustentou o surgimento de um campo intelectual e artístico, experimentou também os primeiros movimentos que caracterizariam posteriormente uma lógica própria de mercado. Os anos seguintes servirão para ampliar e afirmar essa lógica de indústria cultural como elemento estruturante do campo cultural baiano.

Neste novo contexto os jornais que tiveram importante papel. Em 1969 surge o jornal *Tribuna da Bahia* que trouxe importantes inovações para o campo da mídia impressa baiana. A obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão de jornalista e a formação universitária para profissionais vinculados à comunicação midiática, é outro fator de propulsão a este processo.

Este segundo elemento seguia a tendência que crescia em outras partes do país, a da profissionalização de trabalhadores do campo cultural, o que distinguiu intelectuais encarregados da difusão cultural como jornalistas, por exemplo, daqueles que se dedicavam à criação cultural como cientistas e artistas. Desta forma ganhavam nitidez a função e o papel social dos intelectuais, evidência significativa por demonstrar que a constituição do campo cultural que também alcançava a Bahia.

Falar em campo cultural baiano leva à necessidade inevitável de falar sobre um aspecto intimamente imbricado à área: o turismo. Para este fim é necessário, primeiramente, compreender o desenvolvimento do setor, que de acordo com Queiroz (2001 apud OLIVEIRA, P., 2002), foi se realizando paulatinamente, dentro de uma linha do tempo dividida em quatro fases.

A primeira fase decorre entre os anos 1930 e 1962, caracteriza-se por uma atividade turística incipiente, que ainda não gerava impacto do ponto de vista econômico. A oferta dos serviços estava praticamente restrita a Salvador e os turistas eram basicamente passageiros dos transatlânticos que estavam de passagem por Salvador ou visitantes regionais que buscavam as instâncias hidrominerais de Caldas do Jorro e Itaparica. O órgão responsável pelo setor apenas executava ações referentes à prestação de informações e apoio a festas populares como o Carnaval.

Nos anos 1950 o setor dá alguns passos. Na gestão de Octávio Mangabeira é inaugurado

o Hotel da Bahia e em 1954 é elaborado o Plano Diretor de Turismo da cidade, o primeiro do país, mas não foi implementado. Ao fim da década o segmento é incorporado à lista de preocupações do planejamento estadual, contando com ações explicitadas no Plano de Recuperação Econômica da Bahia.

A segunda fase, compreendendo o período que vai de 1963 a 1971, é caracterizada pela transição, por ser o momento em que começam a se constituir os elementos que servirão de orientação para o desenvolvimento do setor. No plano nacional a atividade ganha relevância com a criação da EMBRATUR e do Conselho Nacional de Turismo (CNTur) e na Bahia o setor experimenta transformações, como o aumento do número de turistas impulsionado pela abertura da rodovia Rio-Bahia. Em 1964 é criada a Superintendência de Turismo de Salvador (SUTURSA). Com o objetivo de elaborar o Plano Estadual de Fomento ao Turismo, o governo estadual organiza o Departamento de Turismo, subordinando-o à Secretaria dos Assuntos Municipais e Serviços Urbanos.

Em 1968 na gestão Luís Vianna Filho é criada a Hotéis de Turismo da Bahia S/A (BAHIATURSA), órgão fundado para explorar a indústria e o comércio hoteleiro voltados para o turismo. O setor se desenvolve seguindo um modelo caracterizado pela presença de capitais externos interessados em investir na implantação de equipamentos de hospedagem.

Na década de 1970 começa a se configurar o modelo de desenvolvimento do turismo na Bahia. Nesse momento há o registro do crescimento do turismo nacional, influenciado pelas ações desenvolvidas, passando o setor a ser visto como indústria, seguindo o processo de monopolização da economia nacional. Assim o segmento passa a experimentar o incremento de ações institucionais.

Na Bahia o setor passa a ser administrado pela Secretaria de Indústria e Comércio (SIC). São criados o Conselho Estadual de Turismo e a Coordenação de Fomento ao Turismo. Em 1970 é elaborado o primeiro plano estadual do setor, denominado Plano de Turismo do Recôncavo (PTR). O documento destacou o turismo como atividade prioritária para a economia baiana e apontou diretrizes para uma política estadual de turismo articulada ao desenvolvimento econômico do Estado, porém não foi implementado. Contudo, esse documento fornece elementos importantes à ação da BAHIATURSA, iniciando as primeiras ações de marketing voltadas para o turismo histórico-cultural.

Com o objetivo de promover a interiorização do turismo, aumentar a permanência do

turista no estado e fomentar a construção de equipamentos de hospedagem, recepção e lazer é criada pelo governo, em 1976, a Empreendimentos Turísticos da Bahia S/A (EMTUR). Em 1977 é fundada a CONBAHIA S/A pelo governo, empresa destinada a administrar o Centro de Convenções da Bahia. Em 1979 Salvador passa a receber os primeiros voos internacionais diretos e são extintos o Conselho Estadual de Turismo e a Coordenação de Fomento ao Turismo e é unificado o comando administrativo e político da BAHIATURSA, EMTUR e CONBAHIA, dando forma ao Sistema Estadual de Turismo.

No decorrer dos anos 1970 a ação do governo estadual se organizou da seguinte forma: primeiro, em articulação com a EMBRATUR, visava a concessão de benefícios fiscais da Sudene e do Banco do Nordeste para a implantação de grandes empreendimentos hoteleiros no Estado e em segundo, a implementação de ação de marketing voltada para os estados da região Sudeste, maior centro emissor de fluxo turístico para a Bahia.

Em virtude da retração econômica que acometeu a economia brasileira e do surgimento de novos pontos turísticos, sobretudo em outros estados nordestinos aumentando a competitividade no turismo doméstico na década seguinte, o marketing volta-se para o mercado internacional. Mas isto não significa, porém, que cessou o esforço em captar fluxo turístico interno. É característico dessa fase a divulgação da Bahia como produto em programas e novelas, em troca, era oferecido apoio a produções televisivas que tivessem a Bahia como cenário, fortalecendo as relações entre turismo e o campo cultural baiano.

A quarta fase desse ciclo tem início nos anos 1990, período em que o turismo, do ponto de vista institucional se torna estratégico para o governo estadual. Em 1992 é iniciada a implementação do Programa de Desenvolvimento Turístico da Bahia (PRODETUR), que passa a integrar em 1994 a política de turismo para a região Nordeste. São utilizados recursos para a realização de obras de infraestrutura, a exemplo de saneamento básico, estradas, comunicações, aeroportos, úteis ao desenvolvimento de regiões identificadas como polos turísticos no estado.

Em 1995 o setor é desvinculado da Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo passando a integrar a recém-criada Secretaria da Cultura e Turismo. A BAHIATURSA passa por transformações também, passando a concentrar suas atividades na infraestrutura turística, marketing, qualificação e capacitação da mão-de-obra e educação voltada para o turismo.

Ao fim da década, a Bahia passa a ocupar a segunda posição no ranking de destinos turísticos do país. De acordo com Andrade (2000 apud OLIVEIRA, P., 2002) este dado poderia ser significativo para o desenvolvimento do setor, mas não é o que acontece, pois em 1998 o setor correspondia apenas a 3,6% do PIB estadual, demonstrando a ausência de uma participação expressiva na economia baiana.

Quando o turismo passou a ser visto como setor da economia a relação com a cultura não ultrapassava a de simples oferta de patrimônio arquitetônico histórico-cultural ou de arquitetura simbólico-cultural da cidade, vista do ponto de vista folclorizado. Neste primeiro momento os contatos entre turismo e cultura eram estabelecidos dentro da esfera de circulação.

Ao longo dos anos 1980 o turismo adentra o campo cultural e é influenciado pela lógica da indústria cultural. Desta forma o setor vai produzir ou co-produzir bens culturais que destacam o “Produto Bahia” (OLIVEIRA, P., 2002). Com esta finalidade são realizados eventos, shows, feiras e dentre outras iniciativas, que se reportam desde às manifestações tradicionais baianas e também àquelas modernas.

Essa ligação de turismo com um mercado voltado para a cultura se consolida aos poucos, subordinada à lógica da indústria cultural e ao mesmo tempo em que se processa este fenômeno, aparecem a comunicação midiaticizada e a cultura midiática, já atuantes em território baiano. Com a oferta aumenta a demanda de turistas, agregada aos consumidores provenientes das classes médias urbanas formadas a partir do processo de industrialização vivido pela Bahia desde décadas anteriores.

A partir do conceito *cultura* pode se compreender o campo denominado jornalismo cultural. Mesmo com os questionamentos inerentes à sua denominação, jornalismo cultural é definido como a especialização em abordagem sobre cultura, sendo influenciado pelo momento político e cultural vivido pelo país no qual está situado. Mesmo com as mudanças sofridas, o jornalismo cultural sustenta ainda duas regularidades.

A primeira diz respeito à função em mediar o conhecimento, aproximando-o do público. O jornalismo cultural é visto como ambiente adequado onde se tem acesso ao saber, não o tornando restrito a um seguimento social apenas. A segunda regularidade refere-se ao caráter reflexivo do jornalismo cultural, caracterizando-se pela análise crítica. Esse fator, de acordo com Melo (2007 apud OLIVEIRA, L., 2009), o distingue das demais editoriais, pois “[...] enquanto o caderno de Economia, de Cidades, de Política vai

noticiar as práticas, o jornalismo cultural vai fazer uma reflexão sobre essas [e outras] práticas em suas críticas e crônicas”.

O jornalismo cultural acompanhou as transformações vivenciadas pela sociedade e no próprio jornalismo. Até as décadas de 1950 e 1960 predominam os suplementos, com opiniões, críticas e reflexões, fazendo uso de um estilo rebuscado, tipicamente acadêmico. Na Bahia prevalecia nos anos 1950 os suplementos sobre cultura, as revistas literárias, que duplicavam o discurso e a cultura das academias. No mesmo período circulavam no estado jornais como *A Tarde*, *Diário de Notícias*, *o Estado da Bahia* e o *Jornal da Bahia*, que desempenhou importante papel para a sociedade, devido às suas ideias e elementos inovadores.

A partir do anos 1970, com o jornalismo cultural diário surgem críticas e resenhas voltadas para o leitor, com a função de guia cultural. Dotado de caráter informativo, o novo modelo comportava nas páginas dos cadernos culturais opinião e entretenimento, sugerindo uma composição híbrida do gênero. Segundo Gadini (2007 apud OLIVEIRA, L., 2009) os cadernos culturais desse período, sob influência da cultura televisiva e da indústria cultural, inauguram a era de lançamentos e eventos, o que não ocorria em períodos anteriores:

É, contudo, com o fortalecimento e penetração televisiva no cotidiano brasileiro que os cadernos de cultura acentuam a mudança de sua cobertura- marcada por ensaios, textos mais longos e apreciação crítica dos bens/serviços culturais- para notas, imagens e informações que comentam ou apenas atualizam situações da programação televisiva.

Após a renovação cultural-artística ocorrida na Bahia durante os anos 1950 e 1960, diversas mudanças ocorreram, principalmente no cenário político do país, com o golpe militar em 1964. A década de 1970 se caracteriza pelo *vazio cultural* e atraso socioeconômico na Bahia. A ditadura militar estimulou a reorganização em torno de um novo panorama cultural midiático com a chegada da televisão, que tornou dominante a lógica da indústria cultural. Em contrapartida, esta medida não significou grandes avanços em termos de desenvolvimento da comunicação e da cultura midiática no Estado.

O surgimento das assessorias de imprensa nos anos 1970 é um dos fatores que contribuíram para que o entretenimento ocupasse o lugar da crítica e reflexão comuns

nos anos 1950 e 1960 nos cadernos sobre cultura. Os jornais impressos nacionais e os jornais da Bahia se submetem às assessorias que passam a pautar cada vez mais os cadernos. As assessorias, além de serem importantes fontes de pautas, principalmente na Bahia, vão além da dimensão cultural, auxiliando na sobrevivência de empresas privadas.

Apesar do surgimento dos cadernos de cultura diários nos anos 1970, alguns mantiveram seus suplementos literários até os anos 1990, quando ocorre definitivamente a ruptura com o modelo herdado da academia, conforme afirma Rebinski (2008 apud OLIVEIRA, L., 2009):

Símbolo de ruptura desse modelo, o caderno 'Mais!', lançado em 1992 pela Folha de S. Paulo, rompeu com o formato acadêmico dos suplementos, que desde os anos 1950- época em que surgia a “Ilustrada”-, eram feitos exclusivamente por gente da academia. Produto direto da transformação gráfica e editorial empreendida pelo “Projeto Editorial da Folha” (1985-86), o “Mais!” substituiu o “Folhetim”, caderno dominical que circulou até 1989 e que mantinha características dos primeiros suplementos: poucas fotos, predominância do preto- e-branco, projeto gráfico sofrível e textos longuíssimos, que não raras vezes preenchiam todo o espaço físico do jornal, de ponta a ponta.

Seguindo esse fluxo de expansão, o jornal *Correio da Bahia*, fundado em 1979, manteve seu caderno cultural na década de 1980, se destacando na divulgação e discussão do movimento artístico baiano naquele momento, coincidindo com a ampliação do espaço dentro do sistema midiático concedido às manifestações da cultura afro-baiana nos anos 1980, culminando com a expansão do Carnaval e o surgimento da axé music. Nos anos 1990 o discurso de baianidade toma forma e a partir de então o jornalismo cultural praticado pelo *Correio da Bahia* assume os recursos simbólicos baianos, inspirado pelo modelo de cadernos de jornais cariocas e paulistas.

Com o advento da internet, ainda no fim dos anos 1980, o jornalismo cultural sofre mais uma transformação: o leitor deixa de ser mero leitor, para se tornar uma espécie de coemissor. Esse momento que marca a passagem da era do especialista, figura marcante da modernidade, à era do amador, sujeito tipicamente pós-moderno segundo Lemos (2002 apud OLIVEIRA, L., 2009).

Diante desta realidade marcada também pela exclusão digital por parte de classes menos abastadas e de pessoas que não tem facilidade em utilizar computadores, dispositivos

móveis e internet, o jornalismo impresso vem buscando se adaptar, encontrando novos meios. Os leitores de jornais comumente compreendem um público situado na faixa etária superior a 40 anos, acostumados com o hábito tradicional de ler um jornal. Na tentativa de manter este público e se adaptarem aos novos tempos, os jornais impressos modificam seus padrões gráficos e estilísticos.

A suposta “crise” que atinge o jornalismo cultural em meios impressos é explicada através de sete problemas que o gênero lida nas redações. Para Stycer (2007 apud OLIVEIRA, L., 2009), o primeiro destes problemas é o excesso de espaço, que leva cadernos a terem em média de dez a doze páginas. O segundo problema se refere ao excesso de oferta por parte da indústria cultural. A gama de opções que o jornalista possui, o leva a ter dificuldades para selecionar, avaliar e comentar cada obra e produzir um texto dentro das normas jornalísticas.

O terceiro problema se relaciona com o segundo, por se tratar da influência da publicidade, responsável pela ideia de que cultura e entretenimento pertencem a um único gênero. O quarto problema reflete o conflito trazido pela necessidade de adequar o jornalismo cultural ao mesmo modo de operação de outras editorias a exemplo de *Cidade*. Enquanto que nesta a exigência se dá nos níveis da apuração, concorrência e furo jornalístico, em *Cultura* entram em jogo a crítica, a reflexão e a sensibilidade, como afirma Hirzman (2007 apud OLIVEIRA, L., 2009):

Não é por acaso que a reflexão crítica abandonou as redações. Estas já não são mais as mesmas. Não há mais troca de ideias, tempo para leitura, espaço para criação [...], a avalanche crescente de pautas tornou as redações locais mais parecidos com fábricas do que com a visão romântica que temos delas.

O quinto problema identificado é o chamado jornalismo de celebridades, que torna a vida mais importante que a obra do artista. Os jornais organizam uma equipe de profissionais com o objetivo de pautar tais artistas nas redações. O sexto motivo está ligado às assessorias de imprensa, que possuem a função de serem uma ponte entre os artistas e os meios de comunicação. O sétimo e último ponto desta lista trata da adaptação do jornalismo especializado em cultura às inovações tecnológicas, cujo processo se intensificou no Brasil a partir da década de 1990, alterando o modo de fazer jornalismo e levando o consumidor a ter acesso a novas mídias, além do rádio e da

televisão.

Essa dinâmica contribuiu para tornar o cidadão um disseminador de informação ou dotá-lo da capacidade de emitir opinião acerca de um produto cultural. Diante dessa nova realidade, os jornalistas perderam a exclusividade da notícia. Outro aspecto digno de nota é a delimitação de espaço, pois enquanto que na internet não existem limites, no papel há um espaço limitado para a veiculação de conteúdos por dia.

4.4 Jornais *A Tarde* e *Correio* na trincheira do jornalismo cultural

O século XX chegou e com ele um novo periódico soteropolitano: *A Tarde*. Sua primeira edição circulou em 15 de outubro de 1912, com a missão de ser, segundo as palavras de seu fundador, “um jornal honesto, bom e bem educado e fazer da luta pelos mais nobres deveres da civilização, preocupação assídua e constante, sem esquecer da feição principal, a de informar, honrando a franqueza e a liberdade no uso da palavra escrita” (NOGUEIRA, 2017). Seu idealizador, Ernesto Simões Filho, ao criar o jornal *A Tarde*, se inspirou no jornal carioca *A Noite*, tido como exemplo de modernidade.

Trazia em destaque um trabalho de Theodoro Sampaio sobre a “Sé de Palha”, os usos e costumes do tempo, lamentando a demolição da Igreja d' Ajuda, segundo Sampaio, “testemunha da civilização que se iniciou com a fundação da primeira metrópole da América portuguesa e da história da Bahia”. A primeira edição destacou também a passagem pela Bahia do político paraense, Dr. Lauro Sodré; tópicos sobre o governo; campanha para criação da estátua de Eça de Queiroz; esclarecimentos sobre empréstimos; informações sobre a Marinha e serviços de telegrafia; notícias sobre o Jubileu Sacerdotal de D. Majolo, Abade do Mosteiro de São Bento; uma nota assinada por Simões Filho sobre o início do periódico, além de trazer colunas sobre teatro, política, festas religiosas, concursos, notícias de viajantes, consórcios, aniversários e falecimentos. Todo este conteúdo estava organizado em quatro páginas, reforçando a tese de Simões Filho sobre a missão social do periódico.

Para compreender o discurso do jornal *A Tarde*, é preciso, antes de mais nada, conhecer quem foi seu fundador. Ernesto Simões da Silva Freitas Filho, nascido em Cachoeira (BA) em 04 de outubro de 1886, dedicou-se desde cedo ao jornalismo, fundando ainda

no ginásio uma revista humorística, *O Papão*. Quando cursava a Faculdade Livre de Direito da Bahia, participou ao lado do futuro líder político Otávio Mangabeira, da redação da *Gazeta do Povo*, do qual se tornaria proprietário em 1907. Nessa época, o Partido Republicano da Bahia (PRB) foi dividido em duas alas e Simões Filho ficou ao lado do governador José Marcelino de Sousa, que apoiava a candidatura ao governo estadual de João Ferreira de Araújo Pinho, que foi eleito. A outra ala, liderada pelo senador Severino Vieira, apoiava a candidatura de Joaquim Inácio Tosta. Com a eleição presidencial em 1910 e a alteração no quadro da elite dirigente baiana, Simões Filho apoiou a oposição ao governo federal.

Nesse pleito, as candidaturas de Rui Barbosa e Manuel Joaquim de Albuquerque Lins foram apoiadas pelo PRB, sendo derrotadas, enquanto José Joaquim Seabra, chefe da oposição local, apoiou a chapa vitoriosa, composta pelo marechal Hermes da Fonseca e Venceslau Brás. J.J Seabra fundou o Partido Republicano Democrata (PRD) e com o apoio do presidente Hermes, elegeu-se governador em 1912. Simões Filho iniciou sua carreira jornalística e política sob a liderança de Seabra, rompendo com ele definitivamente pouco depois de sua posse no governo baiano. Por fim, Simões Filho acompanhou Luís Viana, chefe do Partido Republicano Conservador, deixado à margem do acordo pré-eleitoral entre PRD e PRB.

Nos seus primeiros anos, o jornal *A Tarde* adota um discurso diferenciado em comparação a seus concorrentes, ao problematizar questões referentes a cidade, demonstrando assim, estar voltado para as discussões dos problemas e rumos da sociedade. O jornal se mobiliza em prol de várias campanhas, como a construção do monumento em homenagem a Castro Alves, a melhoria das escolas públicas, casas próprias para operários e dentre outras. Este exemplo demonstra a imagem do periódico sobre si mesmo, como mensageiro e defensor dos direitos do povo. Neste período, o jornal já demonstra a preocupação com o patrimônio material e imaterial do Estado da Bahia. A atenção dada ao tema seguia o princípio de que, “[...] o bom jornalismo se preocupa com a preservação do patrimônio cultural construído no passado, com a narração dos fatos que constituem o processo de afirmação da sociedade em vários campos de atividade[...]”. (informação verbal)¹¹

Os jornais impressos constituem fonte importante para a construção da história do país, ao expressarem valores, opiniões, interesses e visões de passado, presente e futuro,

¹¹Entrevista cedida por Florisvaldo Mattos ao Jornal *A Tarde*. Especial 100 Anos (1912-1937).

distintas entre si, comuns a diversos setores sociais. Suas abordagens refletem aspectos da sociedade do período, partindo da perspectiva de que os assuntos abordados resultam de uma construção coletiva, que intervém na vida social.

Atento ao que acontecia na cidade e reafirmando suas concepções, o jornal *A Tarde* iniciou em 1915 uma série de reportagens acerca das práticas religiosas de matriz africana, se posicionando contra, alegando que o candomblé, “era um indício da incivilidade e representante de 'vícios e ruindades””. Combater o candomblé, de acordo com Reis (2000 apud NOGUEIRA, 2017), era uma forma de entrar para o mundo moderno e civilizado além de contribuir para que o jornal ganhasse respeitabilidade.

Para compreender a posição do periódico *A Tarde* acerca do candomblé e como se manteve em seus primeiros anos e décadas posteriores, é necessário trazer alguns aspectos fundamentais. O culto da religião afro no Brasil veio com homens e mulheres provenientes de diversas regiões da África, submetidos à escravidão, que como forma de resistência, usavam, dentre outras estratégias, o culto aos orixás, culto este mais tarde, denominado candomblé. O candomblé surge e permanece numa sociedade cristã, que via com maus olhos práticas religiosas, ainda mais quando se praticadas por escravos e ex-escravos. No fim do século XIX, a grande parcela da população era constituída por ex-escravos que sofreram preconceito, sendo perseguidos e inferiorizados pois suas crenças eram depreciadas e tidas como desvio dos padrões civilizatórios europeus, simbolizando atraso.

Diante deste fato, homens e mulheres praticavam sua religião com discrição para não serem descobertos e por esta razão também, o candomblé passou a ser praticado em áreas afastadas do centro urbano, diminuindo o risco de denúncias. A sociedade baiana no século XIX acreditava que os terreiros eram sinônimo de atraso e eram reduto para abrigar vagabundos e criminosos que perturbavam a ordem e não respeitavam a moral (NOGUEIRA, 2017). Mediante esta forma de pensar, o candomblé viveu sobre o olhar repressor do Estado, muitas vezes precisando silenciar para resistir. A repressão policial às práticas religiosas de matriz afro-brasileira foi desautorizada pelo governo federal em 1939, através da Lei 1.202 de 08 de abril do mesmo ano.¹²

Nos jornais impressos, são diversos os discursos e razões que levaram à perseguição ao Candomblé. Dotados de uma visão preconceituosa, os jornais impuseram seus posicionamentos e preferências religiosas, num país e num estado onde a laicidade era

¹²Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/os-deslocamentos-dos-candombles-na-reforma-pereira-passos/>>

garantida por lei. Mas a prática era outra, pois alguns cultos eram subjugados e criminalizados, principalmente o candomblé, com o amparo do código penal.

Neste cenário de perseguição, diversos intelectuais publicaram obras sobre temas como os candomblés. Estes estudos contribuíram com a desmistificação de determinadas crenças, como aqueles desenvolvidos por Manuel Querino, Roger Bastide, Pierre Verger, Rute Landes e dentre outros, destacando a temática do negro e sua religiosidade. Esta discussão surge na década de 1930, concomitante aos dois primeiros Congressos Afro-Brasileiros, movimentos políticos frutos da Revolução de 30, fomentos nas áreas de economia, cultura, crescimento do cangaço na Bahia, seca em 1933, tentativa de industrialização no estado e expansão de linhas férreas. Durante toda a década é possível notar uma mudança na maneira dos jornais baianos, como o *Diário de Notícias*, tratarem temas como a capoeira, o samba e o candomblé, porém, processo semelhante não ocorre com o jornal *A Tarde*. (NOGUEIRA, 2017)

Com o decorrer dos anos 1930, as discussões sobre cultura e religião afro-brasileiras ganham maior visibilidade, principalmente com intelectuais como Arthur Ramos e Edson Carneiro. Carneiro se destaca por sua representatividade quando publica no ano de 1936 diversos textos no Jornal *Estado da Bahia*, ao mesmo tempo em que planejava o 2º Congresso Afro-Brasileiro, realizado em 1937. O periódico *A Tarde* publica nota na edição de 24 de novembro de 1936 sobre o lançamento do livro “Religiões Negras”, de autoria de Edson Carneiro, ressaltando a importância do trabalho realizado, tanto para estudiosos sobre o negro brasileiro e o candomblé da Bahia.

No mesmo ano, o jornal publica notícia a respeito do adiamento da realização do 2º Congresso Afro-Brasileiro para janeiro de 1937, cuja data de realização coincidiu com a Festa do Bonfim, segundo a matéria. Não se pode deixar de comentar a importância histórica deste evento, que contou com a presença de intelectuais, como Donald Pierson, Arthur Ramos e dentre outros, além de jornalistas, escritores como Jorge Amado, personalidades de religião de matriz africana, como Eugênia Ana dos Santos (Mãe Aninha do Axé Opô Afonjá), Maria da Conceição Nazaré (Mãe Menininha do Gantois), Manuel Bernardino da Paixão (Bernardino do Bate Folha) e entre outros. Em 13 de janeiro de 1937, o periódico publica uma nota rápida referente aos principais acontecimentos do Congresso, sem muito destaque, talvez pelo apoio dado pelo governador ao evento ou dado ao histórico de matérias referentes à perseguição aos candomblés.

Ao contrário do 1º Congresso, no 2º Congresso foi possível discutir e denunciar o

cenário de perseguição em Salvador e na Bahia, dando voz ao povo negro. Em 15 de janeiro, o periódico publica matéria referente a uma ação policial, que terminou com a prisão de Pedro Telha, que afirmou em entrevista que a denúncia que culminou em sua prisão foi feita por outro pai-de-santo, devido a desentendimentos entre ambos. Esta matéria é um exemplo dos inúmeros que se seguirão da perseguição ainda mais incisiva feita pelo jornal. No momento em que as discussões sobre o negro no plano da ciência e o candomblé no plano da cultura se destacam, cresce o número de notícias referentes às perseguições, que chegaram ao auge no fim da década de 1930, apresentando discursos pejorativos acerca do candomblé de acordo com Nogueira (2017):

Pedem-nos familiares residentes á rua do Imperador e Largo dos Mares, chamemos a atenção da policia de costumes, para um candomblé existente na Avenida Arthur Santos. Porão n.17, que não deixa os moradores locais consillarem o sonno, tal a barulheira infernal dos atabaques e os palavriados de baixo calã, que serve de comentário ás praticas selvagens do ritual negrista.
(Jornal *A Tarde*, 13/04/1937)

Em fevereiro de 1937, o periódico passa a trazer nas edições diárias parte do livro *O Feiticeiro*, do romancista Xavier Marques. Este romance escrito em 1890 conta a história de Eulália, cunhada do Ogã Paulo Boto, que vivia angustiada por ter recorrido aos rituais do candomblé devido a questões sentimentais. Em torno desses personagens, a história mostra a Bahia a partir da regionalidade, trazendo o cenário brasileiro e os problemas do império, inclusive discussões sobre a República, enfatizando transformações sociais, políticas, econômicas e culturais do período.

Mesmo reconhecendo a importância da obra escrita por Xavier Marques e suas contribuições para as discussões acerca do negro na Bahia e no Brasil, o periódico deixa claro seu posicionamento quanto ao candomblé ao dizer: “Neste romance pode-se apreciar o que era um candomblé autenticamente africano, bem diferente das patacoadas do presente desfigurado por supostos elementos caboclos”. (NOGUEIRA, 2017)

As intensas transformações trazidas pelo romance são utilizadas como ponto de comparação pelo jornal, para justificar a necessidade de publicação, mas ao mesmo tempo o periódico adota uma visão estereotipada o que vem reforçar o discurso de perseguição. Desta forma, conclui-se que, o periódico assume o papel de perseguidor. Papel este que perdurará durante algumas décadas, sofrendo transformação,

principalmente, a partir da década de 1970. Mas cabe salientar que esta mudança se processará gradualmente, influenciada pelos movimentos culturais que tomaram a cidade de Salvador, principalmente a partir de 1944, ano marcado por diversas rupturas.

A influência do Modernismo, trazido de São Paulo e do Rio de Janeiro neste contexto é inegável, se estendendo desde à literatura, artes plásticas, até ao cinema, teatro e música. Ao lado desta tendência, as manifestações e práticas culturais populares, sempre vistas como algo indigno e até mesmo, “caso de polícia” (OLIVEIRA, P., 2002), continuaram a sofrer hostilidades. Ganha destaque neste período a proibição dos tambores de candomblé e do Carnaval, alvos da segurança pública. Multiplicam-se editoriais, reportagens e cartas de leitores indignados, em nome da “civilização”, dos valores e das instituições católicas ameaçadas pela “barbárie” das festas e cultos religiosos populares.

Estas sanções se revelaram ineficazes, já que estas manifestações permaneceram vivas e atuantes, seja nos candomblés, nas festas de rua, mercados, feiras, nos bairros populares e nas ondas do rádio, que começava a se integrar ao cotidiano das pessoas. O rádio contribuiu para dar maior visibilidade às práticas culturais populares, em especial, o samba, elemento importante para a cultura brasileira.

Este universo não deixava as marcas de sua presença somente nas ondas do rádio, mas impregnou também a cultura letrada do período. Influência facilmente sentida na maioria das obras escritas pelo romancista Jorge Amado, por exemplo. Nesta época, a imprensa noticia reservadamente, fatos relacionados à cultura negra fora das páginas policiais. É um momento especial para o campo cultural baiano, já que começa a reunir elementos, que constituirão futuramente seu campo artístico e intelectual.

Pouco tempo depois, em 1947, começa a ganhar maior espaço a nova geração de artistas plásticos baianos. Durante toda a década Alexandre Robatto Filho realiza seus curtas-metragens, registrando paisagens, costumes e festas da cidade. Chegam estrangeiros como o fotógrafo e antropólogo francês Pierre Verger, a arquiteta italiana Lina Bo Bardi e o artista plástico argentino Caribé, de acordo com Rubim (2000 apud OLIVEIRA, P., 2002), “encantados com a cultura local, confeccionam suas obras e reflexões e fazem os baianos atentar para uma riqueza que, muitas vezes, não parecia ter a dignidade de ser reconhecida como cultura”.

Com o surgimento dos *Cadernos da Bahia* em 1948, publicação fundada por intelectuais como Wilson Rocha, Vasconcelos Maia, Cláudio Tuiuti Tavares e dentre outros, ecoa um discurso a favor da liberdade e dos valores democráticos, como reflexo

da derrota do nazi-fascismo. Foram publicados, ao todo, seis números dos Cadernos entre 1948 e 1951, reunindo artistas, escritores e intelectuais. Dentre os colaboradores dos Cadernos estão Mário Cravo Jr., Carlos Bastos, Rubem Valentim, Lígia Sampaio, Luís Henrique Dias Tavares, o etnólogo Edison Carneiro, o músico Paulo Jatobá, o poeta Sosígenes Costa, o jornalista Heron de Alencar, o cineasta Walter da Silveira e entre outros. O grupo teve continuidade através do suplemento literário do jornal *A Tarde*, que passou a ser editado por Heron de Alencar, um dos colaboradores dos *Cadernos*. Esta nova geração de artistas, intelectuais e escritores foi responsável por uma ampla atuação no campo da cultura na cidade, patrocinando edições de livros, exposições e leilões de artes plásticas, contribuindo com a crítica literária, de arte e de cinema.

Na década de 1950 é a geração Mapa que surge no cenário cultural baiano. Tudo inicia-se com as *Jogralescas*, em 1957, espetáculos de teatralização poética de textos modernistas de autores, a exemplo de Cecília Meirelles, Manuel Bandeira, Raul Bopp, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes e entre outros. No mesmo ano um grupo de secundaristas funda a publicação que daria nome ao grupo, a revista *Mapa*. Tendo à frente, nomes como Glauber Rocha, o grupo ainda vai contar com escritores e artistas plásticos como Sante Scaldasferri, Lina Gadelha, João Carlos Teixeira Gomes e dentre outros.

No mesmo período é criada a revista *Ângulos*, publicada pelo Centro Acadêmico Rui Barbosa, da Faculdade de Direito da Universidade da Bahia, embora direcionada ao debate de questões jurídicas, publicava artigos voltados para a literatura e a cultura.

Em meio a estas ações inovadoras no campo cultural baiano, que transformaram a cena cultural soteropolitana, é necessário ressaltar que nessa nova dinâmica que agita a esfera cultural, durante a gestão de Octávio Mangabeira (1947-51), novos signos provenientes do que Oliveira (2002) chama de “universo cultural paralelo”, para se referir às práticas culturais populares, passam a permear as manifestações culturais do período.

Da década de 1950 até o Golpe Militar em 1964, período intitulado por Rubim (apud OLIVEIRA, P., 2002) como “renascença baiana”, marca a explosão de ritmo, amplitude, profundidade e a desenvoltura agitada que geraram profundas transformações em uma sociedade arraigadamente tradicional, como era a sociedade baiana de então. Nesse momento se destaca o papel desempenhado por instituições em reter, produzir e difundir capital e/ou bens simbólicos, como a Universidade da Bahia. Responsável por criar uma nova dinâmica cultural, a Universidade estimulava através do diálogo nacional e internacional, a renovação cultural que se processava na Bahia, através do

experimentalismo, invenção e o espírito de vanguarda característico de várias de suas unidades.

Exemplo disso é a criação do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) em 27 de setembro de 1959 pelo professor português George Agostinho, com o propósito de restabelecer o fluxo entre Bahia e África, desempenhando importante papel quanto à cultura afro-baiana. Com a criação do curso da língua iorubá, a população “negromestiça” baiana (OLIVEIRA, P., 2002) tinha a oportunidade de conhecer e aprender uma das línguas faladas por seus antepassados.

Em 1956 é criada a Escola de Dança, que sob a orientação da dançarina polonesa Yanka Rudzka, opta inteiramente pela dança moderna e se abre às influências da capoeira e dos terreiros de candomblé existentes na cidade.

Conforme dito anteriormente, os jornais e em particular, seus cadernos e suplementos culturais no período, além de discutir e divulgar a cultura, eram espaços abertos às polêmicas e às experimentações. No suplemento literário do jornal *A Tarde*, Heron de Alencar prosseguia com as discussões da geração *Cadernos da Bahia*. O período converte-se em transformação midiática na Bahia, que não atinge somente o jornalismo impresso, mas chega ao rádio também.

Para explicar estas mudanças, o conceito de ecologia midiática (OLIVEIRA, P., 2002) demonstra ser capaz de explicar as mudanças que se desenrolavam naquele momento específico no campo dos *media* baianos. Para Postman (2000 apud PENTEADO e RENÓ, 2016) a ecologia dos meios “analisa como os meios de comunicação afetam a percepção humana, a compreensão, os sentimentos e os valores; e como nossas interações com os meios facilitam ou impedem nossas chances de sobrevivência. A palavra ecologia implica o estudo de ambientes: suas estruturas, conteúdos, e impacto nas pessoas”.

A partir desta afirmação, Postman conclui que os meios de comunicação afetam a forma como os seres se relacionam, trazendo impactos coletivos e individuais. A televisão empurra os *media* baianos em direção à uma cultura das imagens, afinada, portanto, com o ambiente nacional e internacional contemporâneo. A imagem vai ganhando importância cada vez maior e incorpora-se ao discurso, se convertendo em elemento que o constrói e o sustenta.

Os exemplos das revistas *Paris Match* e *O Cruzeiro* e o jornal *A Tarde*, corroboram com esta mudança de paradigma. Em 12 de maio de 1951, a revista *Paris Match* publicou

reportagem intitulada “As possuídas da Bahia”. O texto anunciava o lançamento do livro *O Cavalo dos Deuses*, de autoria do cineasta Henri-Georges Clouzot, que veio ao Brasil para fazer um filme sobre o país e em passagem pela Bahia, escolheu o candomblé como tema para uma série fotográfica. O texto e as fotografias, que mostram detalhes de um processo de iniciação, foram criticados por intelectuais como Alberto Cavalcanti e Roger Bastide.

Após esse episódio, a revista *O Cruzeiro*, publicou em 15 de setembro de 1951 reportagem semelhante assinada por Arlindo Silva e com fotografias feitas por José Medeiros, intitulada “As noivas dos deuses sanguíneos”. Estas duas polêmicas levaram a Federação Bahiana do Culto Afro-Brasileiro (Febacab) a convocar reunião a fim de discutir o assunto.

Em pesquisa realizada por Ramos (2009), a respeito das fotografias referentes às religiões afro-brasileiras pertencentes ao Arquivo do jornal *A Tarde*, compreendendo o período 1950-2000, a autora constata que a maioria dos registros são da década de 1970 e se dedica a entender a relação complexa entre candomblé e fotografia, já que os registros realizados nestes espaços ainda são tidos como algo proibido, principalmente em templos mais tradicionais.

O enfoque das reportagens que exigiram as imagens referentes à temática afro-religiosa, mostram o lugar que o candomblé ocupa no imaginário baiano, a ponto de chamar a atenção da imprensa. A fotografia se revela como elemento essencial no jornalismo impresso, compondo com o texto uma única entidade, complementando o texto, trazendo novas perspectivas acerca do fenômeno, permitindo a elaboração de novas interpretações.

O crescimento gradual de matérias referentes às religiões de matriz afro-brasileira, em especial, o candomblé, a partir dos anos 1960 em diante, principalmente em periódicos como o jornal *A Tarde*, aponta para uma tendência da época, com o surgimento de uma agenda cultural e do valor-notícia mercadológico, produto da indústria cultural e dentre outros fatores, modificando a narrativa em torno destas denominações religiosas:

Axé Loôco

Filhas de santo do famoso Terreiro de Samba Diamongo (a yalorixá que deu sustentação ritualística ao Candomblé de Joãozinho da Gomeia) fizeram sua oferenda a Lôoco, orixá de origem vegetal que tem no Catolicismo, correspondência com São Bartolomeu. Havido como um dos mais venerandos 'santos' da linha de Xangô, todos os Candomblés baianos,

sobretudo os de Angola e Gege bateram atabaques em sua honra. Mas, domingo foi o seu grande Dia, em Pirajá, onde os fetichistas se aglomeravam para festejá-lo. Na Cachoeira de São Bartolomeu realizaram-se os centenários atos de fé, com velas acesas e 'ebós' depositados em suas imediações 'na intenção' daqueles que não poupam maldade ao seu próximo (*Jornal A Tarde*, 27/08/1974 apud RAMOS, 2009).

A consolidação da indústria cultural provoca mudanças no campo cultural baiano e brasileiro, configurando a cultura e a sociedade brasileiras em seu bojo. A metade dos anos 1960 marca a transição de uma cultura de caráter escolar-universitário para uma cultura midiaticizada, com padrões de organização econômica e valores estéticos próprios.

Os cadernos culturais dos anos 70, influenciados pela cultura televisiva, inauguram a era dos lançamentos e eventos. Essa lógica de indústria cultural produz resultados profundos para a cultura popular em todo país. No caso da Bahia, são desarticulados os circuitos que promoviam a interação entre cultura erudita e o sistema de mídias, prejudicando a produção cultural local, que de acordo com Oliveira (2002), não encontrará espaço para divulgação e publicização nos meios de comunicação, que passam a estar subordinados ao conteúdo produzido no eixo Rio-São Paulo e de lá chega em todo o país através das transmissões via satélite.

Os anos seguintes serão marcados pela resistência cultural, representada inicialmente pelo Teatro Vila Velha e a Jornada de Cinema, a afirmação e ampliação da lógica de indústria cultural enquanto elemento organizador do campo cultural baiano, marcando profundamente o jornalismo impresso.

Seguindo os novos tempos, a editoria de cultura do jornal *A Tarde* (*Caderno 2*), passou por reforma gráfica e editorial nos anos 80, com o objetivo de se tornar mais atrativa, com uma identidade própria, obedecendo às regras de marketização (OLIVEIRA, L., 2009). Após esta reforma, no início dos anos 90 ainda integravam o caderno assuntos que não pertenciam à esfera cultural, como colunas militares, atos administrativos e judiciários. A consolidação da linha editorial do *Caderno 2* enquanto caderno de cultura ocorreu apenas no decorrer da década de 90.

Em setembro de 2009, com a reforma realizada no jornal *A Tarde*, foram extintas três editorias: *Cultural*, *Caderno Dez!* e *Digital*. Os assuntos dos suplementos foram reunidos num único espaço, o *Caderno 2*, que com a mudança, tornou-se *Caderno 2+*. Para cada dia da semana a editora aborda um assunto específico, como cultura pop, artes

visuais, literatura e entre outros. A revista *Muito*, criada em 2008, circula aos domingos e traz em suas páginas diversos temas, como cultura, gastronomia e personalidades. A mudança ocorrida no Jornal *A Tarde* reflete o enxugamento dos cadernos em diversos periódicos, mas é uma amostra também da crise financeira, que levou à demissão de dezenas de repórteres e editores.

Em 1979 Salvador possuía um mercado jornalístico bastante competitivo, que convivia lado a lado com efervescência cultural e questões econômicas. Existiam quatro jornais a saber: *A Tarde*, *Tribuna da Bahia*, *Diário de Notícias* e o *Correio da Bahia*, recentemente lançado. Estes periódicos concorriam com diversos jornais do país, como o *Estado de S. Paulo* e o *Jornal do Brasil*, que possuíam sucursais em Salvador. Com a crise econômica e a inflação nos anos 80, diversas empresas nacionais precisaram reduzir seus investimentos na Bahia, mantendo apenas um correspondente em Salvador.

No entanto, o jornalismo impresso inicia uma nova fase com o jornal recentemente fundado, o *Correio da Bahia*. Indo às bancas pela primeira vez em 15 de janeiro de 1979, o jornal surgiu quando o grupo da família Magalhães ingressou no segmento da comunicação. Fundado por Antônio Carlos Magalhães, o jornal criado principalmente para fins políticos, durante seus primeiros anos não conquistou considerável parcela da população soteropolitana por sua parcialidade implícita. Suas tiragens, inicialmente, chegavam em torno de 2 mil a 3 mil exemplares, exigindo do grupo o investimento elevado em torno de 2,5 milhões a 3 milhões de dólares.

Como ainda não era visto como um negócio, o jornal não circulava aos domingos e somente a partir de 2000 a edição dominical passou a circular. Com a consolidação da *Rede Bahia de Televisão* e da parceria com a *Rede Globo* em 1987 e a retransmissão da programação da emissora, o grupo decidiu investir no jornal, alterando seu perfil, sua identidade. A finalidade política agora destinada à televisão, tornou real a necessidade de tornar o jornal uma empresa. Para isto passou-se a investir no projeto de modernização (projeto gráfico e informatização); profissionalização (renovando o quadro de funcionários); investimento no marketing (propaganda, lançamento de brindes), lançando o jornal *Correio da Bahia* na disputa por mercado em Salvador.

No ano de 1989 ocorreu a primeira grande mudança do *Correio*:

Em 1989, firmamos a busca pelas histórias e seus atores. Num quarto do Hotel Le Méridien, atual Hotel Pestana, os jornalistas Paulo Adário e Laerte Moraes discutiam, sob sigilo, uma virada editorial. A novidade seria o 'Quem', o personagem das notícias, as fotos

maiores e informações mais objetivas. Em setembro, inauguramos uma nova forma de pensar e traduzir fatos. 'O princípio só foi aprimorado' [...]. (informação verbal)¹³

Nessa primeira reforma gráfico-editorial, o jornal foi dividido em cadernos. O jornalista Paulo Adário, citado acima, foi quem contribuiu radicalmente para a reforma. Vindo do *Jornal do Brasil*, Adário tinha sido editor do *Caderno B*, voltado para cultura e que serviu de inspiração para outros cadernos sobre o mesmo tema em outras regiões do país.

O Caderno *Arte e Lazer* surgia com a proposta de contemplar as manifestações culturais e artísticas, com traços de modernidade, levando a Bahia para o mundo, explorando fotos com qualidade melhor e uma quantidade menor de texto. Estas mudanças levavam em conta a influência da era das imagens. A exploração da imagem é apontada como o elemento que chamou a atenção do mercado publicitário.

Em 1990, Demóstenes Teixeira assume o cargo de editor-chefe do jornal e coordena em 1996, com Moisés Junior a segunda reforma pela qual passou o periódico. O *Correio da Bahia* se tornou colorido, tanto nas capas, quanto nos cadernos. Essa reforma passou pelo plano do conteúdo também. A área cultural ganhou atenção especial do periódico, evidenciando a necessidade de dar destaque ainda maior às questões de identidade, tendência já seguida pelo Caderno *Correio Repórter*, por exemplo, através do resgate de histórias de personagens negros. De acordo com Demóstenes, em entrevista ao jornal *Correio*, “a ideia era reforçar a cobertura local, cultural e de história da Bahia”. Ao dar um tempero local às reportagens, o jornal buscava o humano, se aproximar mais das pessoas, compreender suas histórias e fazer parte de seu cotidiano, como parte de um projeto de construção e consolidação de uma identidade, a baiana.

Exemplo disso são as manchetes dos dias 26 de novembro de 1998 e 28 de novembro de 1998. A primeira reportagem “II Celebração da Herança Africana”, dizia respeito a um evento que durou quatro dias, contando com shows, exposições, feiras e espetáculos cênicos. A segunda, intitulada “Caminhada Axé”, se referia a um evento que privilegiava as manifestações populares da cultura baiana, como grupos de dança e teatro popular, blocos de Carnaval, filarmônicas, ternos, repentistas, bandas femininas e circenses. Estas matérias exemplificam o destaque dado pelo *Correio da Bahia* à cultura como forma de construir um discurso em torno da baianidade, valorizando as raízes do

¹³Entrevista cedida por Antonio Carlos Júnior, presidente da Rede Bahia, ao jornal *Correio* em 15 de janeiro de 2019.

povo baiano.

No final da década de 1990, o *Correio da Bahia* contabilizava, em média, 22 mil assinaturas e uma tiragem diária de 30 mil exemplares. Convém observar que este número é uma estimativa, já que a tiragem variava de acordo com os dias da semana, atingindo a quantidade máxima de 120 exemplares diários em circulação. Neste período o jornal circulava com seis cadernos fixos: *Folha da Bahia* (segunda a sábado), *Esportes* (segunda a sábado), *Viajar* (quarta), *Informática* (quinta), *Correio Negócios* (sexta) e *Veículos* (sábado).

Folha da Bahia era o caderno dedicado à cultura e o único a sair diariamente no jornal, demonstrando assim a atenção diferenciada dada pelo jornal ao tema. *Folha da Bahia* foi lançado em substituição ao Caderno *Arte e Lazer* em 1992, no entanto, o projeto somente veio a ser consolidado no ano seguinte, 1993. A jornalista Isabela Larangeira, subeditora do caderno anterior assumiu o projeto, dividindo sua função com o jornalista Luiz Lasserre.

O investimento em campanhas publicitárias é apontado como um dos motivos de consolidação do caderno tido como referencial para o melhor do que já foi produzido sobre cultura por um jornal no Estado, conforme afirma Larangeira:

A ideia era focar mais em temas e personagens da baianidade, com forte caráter comportamental, sem esquecer, logicamente, dos eventos factuais. Envolveu uma forte campanha publicitária. Nós mesmos, repórteres e editores, íamos à TV Bahia (da Rede Bahia, grupo do *Correio da Bahia*), diariamente, gravar chamadas com assuntos do dia seguinte. (informação verbal)¹⁴

O caderno seguia a tendência de seu antecessor, *Arte e Lazer*, cobrindo as manifestações artísticas e culturais, sempre com um olhar crítico. Tal ênfase denota uma política de investimento no caderno de cultura do *Correio da Bahia* por parte de ACM. O discurso de baianidade e sua apropriação pelo caderno era feita de modo intencional e não se restringia apenas às atividades políticas de ACM, como as campanhas. Segundo Rubim (2001 apud OLIVEIRA, L., 2009), ACM utilizou recursos midiáticos e turísticos para vender a marca que impulsionou a cultura baiana nos anos 90: “A TV Bahia e depois a Rede Bahia, formada pela televisão e por quase todas as emissoras do interior do estado, têm lugar destacado na socialização, cristalização, construção, apropriação e divulgação

¹⁴Entrevista cedida por Isabela Larangeira a Larissa Oliveira (2009).

do texto da baianidade”.

Havia, portanto, uma forte campanha de marketing com o objetivo de disseminar o discurso de baianidade nos jornais e também na televisão. Com este propósito, o teatro baiano recebeu apoio e espaço na *Folha da Bahia*, que ajudou a divulgar espetáculos como “A Bofetada”, estimulando o público baiano ir ao teatro prestigiá-los. Assuntos de cunho cultural e artístico, como teatro, dança, discos, cinema, artes plásticas, variedades, televisão, música baiana, serviços, livros e discos eram pauta constante.

Posteriormente, a *Folha da Bahia* abriu espaço ao público adolescente, com a publicação de matérias, sempre priorizando notícias locais. As notícias nacionais e internacionais eram selecionadas de acordo com o alcance e interesse do público leitor. Inicialmente havia um tom de revista, com a presença de diversos temas. Porém, com a sensação de esgotamento, decidiu-se voltar a um padrão mais natural de caderno de cultura, com as reportagens, opinião e variedades, tendo como norte a baianidade.

Ao longo da década não houve muitas mudanças, mas algumas foram significativas, como a criação do suplemento *Bazar*, que tratava de temas como moda e misticismo, mas que abrigava matérias ligadas a comportamento, que antes faziam parte da *Folha da Bahia*. Como aconteceu com o *Arte e Lazer* e o *Caderno 2*, do jornal *A Tarde*, o *Folha* manteve durante certo tempo uma cota de espetáculos da agenda cultural, por mais que a editoria não aprovasse tal prática. O exercício das resenhas e das críticas, ao contrário do *Caderno 2*, não era permitido a todos os jornalistas. Apenas três funcionários eram responsáveis pela tarefa.

O Caderno funcionava com 11 repórteres, um jornalista para o roteiro cultural e outro para a coluna social. No início com dois editores, o *Folha* contava com quatro ao fim da década. Um pouco antes da mudança de *Correio da Bahia* para *Correio*, o Caderno *Folha da Bahia*, não possuía o mesmo ritmo. Esta mudança, de acordo com Larangeira, é atribuída a seu descontentamento pessoal com os rumos do jornalismo cultural, o que causou certo comodismo por parte da equipe.

Além do descontentamento pessoal da editora, a morte de ACM em 2007 foi outro fator que contribuiu com o fechamento do *Folha da Bahia*, já que este estava estritamente vinculado à estratégia política de seu fundador. O surgimento da editoria *Vida* tem um significado fundamental nesta nova fase do jornal, como símbolo de desvencilhamento do caderno de cultura do vínculo carlista, que até então prevalecia no *Correio da Bahia*.

O ano de 2008 representa o começo de uma nova história para o periódico. Em agosto

do mesmo ano, o jornal *Correio da Bahia* deixou de ser assim chamado, para se tornar o *Correio*. Foi adotado um novo formato sob a consultoria do grupo espanhol *Innovation*, passando do standard (dimensões 600 x 750 mm- 23,5 pol. x 29,5 pol.) para berliner (dimensões 315 x 470 mm- 12,4 pol. x 18,5 pol.), modelo também adotado pelo *Jornal do Brasil*.

Com o novo projeto foram criadas quatro editorias: *24 horas* (notícias rápidas); *Mais* (matérias mais completas); *Vida* (reportagens sobre comportamento) e *Esporte* (cobertura esportiva). As mudanças foram justificadas pela necessidade de desvincular o jornal do perfil carlista, além de acompanhar a tendência mundial, se adequando ao modelo jornalístico mais moderno, mais colorido, com mais imagens e quantidade de texto menor.

O *Correio* optou por um jornalismo mais popular que dialoga com a internet e as camadas emergentes da população. Embora a pluralidade de temas ainda faça parte do critério na escolha de pautas de cobertura local, ao contrário do que ocorria no *Folha da Bahia*, cultura não é mais o carro-chefe do jornal e nem há a determinação de divulgar a cena local (Oliveira, 2009).

Em média, *Vida* recebe cerca de 200 releases por dia, o que demonstra o crescimento de assessorias de imprensa na cidade. Este fator demonstra também a tendência do jornalismo cultural baiano de ser pautado por assessorias. De acordo com o jornalista Hagamenon Brito, editor-chefe da editoria em 2009, o objetivo é procurar “fazer nosso próprio recorte do assunto. *Vida* procura fugir da armadilha de se tornar um apêndice da indústria cultural, uma agenda estendida ou algo do tipo. Isso seria meio caminho andado para o marasmo. O fechamento fica fácil, previsível, mas a acomodação (parceira da decadência) bate à porta”. (informação verbal)¹⁵

Mesmo que o depoimento do jornalista, na época editor do caderno, venha defender que *Vida* procure fugir da agenda cultural, sendo mais lido que o *Folha da Bahia* ou que a escolha de pautas obedeça critérios tais como, variedade e recortes próprios, foi constatado que a lógica mercadológica proveniente da televisão e o roteiro cultural tem forte presença na publicação (OLIVEIRA, L., 2009). A autora comprova esta tese através da análise de uma semana completa da editoria compreendendo o mês de novembro de 2008.

Nos cadernos anteriores de cultura, jornalistas e colaboradores eram os únicos a

¹⁵Entrevista cedida a Larissa Oliveira (2009).

escrever. Com a mudança de formato, cultura passa a não ter a mesma importância de antes e ao invés de produzir matérias e conteúdos locais, se torna um reproduzidor de textos de agências de notícias. Este é um dos aspectos que marcam a transição de um jornal organizado por cadernos convertido em mosaico de notícias, algo similar à linguagem da internet.

Outra diferença notada foi a ausência de seções fixas por assuntos. Enquanto em *Arte e Lazer* e no *Folha da Bahia* haviam espaços diferenciados para os temas, em *Vida* o único espaço fixo é da coluna do jornalista Osmar Martins, Marrom, que leva o nome dele “Marrom”, sendo composta por notas curtas referentes ao universo da axé music.

A editoria *Vida* segue o modelo de *24h*, com notícias e notas curtas sobre acontecimentos locais e globais, incluindo entretenimento e esportes. Isto sugere aquilo que foi apontado anteriormente, que ao se enquadrar ao modelo da internet, o jornal opta por textos mais leves. Contrário ao que ocorria antes no *Folha*, em *Vida* há uma quantidade menor de anúncios, podendo inferir a partir daí que o espaço para cultura deixou de ser o mais cobiçado para o mercado publicitário e os anúncios passaram a ocupar outras páginas do jornal.

O “Clube Correio”, existente desde *Arte e Lazer*, é o responsável pela publicação de grande parte dos anúncios nas páginas de cultura. Membros do “Clube Correio” são sorteados para receberem ingressos para shows, cinema e espetáculos teatrais em cartaz na cidade.

4.5 Análise de conteúdo dos jornais *A Tarde* e *Correio*

Com o objetivo de compreender o discurso acerca da Festa da Boa Morte, realizada pela Irmandade da Boa Morte no município de Cachoeira, reconhecida como patrimônio imaterial do Estado da Bahia em 2010 foi analisado o conteúdo produzido pelos jornais soteropolitanos *A Tarde* e *Correio*, compreendendo o período de 2008 a 2011, enfocando o mês de agosto no qual a festa acontece. A análise feita neste período tem por objetivo notar possíveis mudanças no interior dos discursos dos periódicos num momento anterior e posterior ao reconhecimento da festa.

Essa leitura analítica será feita sem olvidar os demais aspectos que envolvem o

jornalismo impresso baiano voltado para a cobertura de cultura e o seu olhar para as associações e irmandades religiosas, em especial, aquelas que dialogam com o cristianismo católico e as religiões de matriz africana, como a Boa Morte. Um destes aspectos é o turismo, que impulsiona em grande parte a publicação de notícias dentro do segmento cultural nos periódicos baianos, como *A Tarde* e *Correio*. Para Queiroz (2008), associações e irmandades religiosas, como a Irmandade da Boa Morte, conseguiram espaço nas páginas dos jornais impressos, a partir do momento em que passaram a ser vistas como elementos que auxiliam na construção de uma identidade coletiva- étnica, passando a atrair os interesses de segmentos ligados ao turismo. A “personalidade diferenciada” dos locais onde estão essas irmandades e associações,

é construída pelos sujeitos que os habitam, usam e dão vida, emprestando-lhe traços culturais singulares e contribuindo para a sua valorização e diferenciação em relação a outros destinos na atividade turística. [...] nestes territórios, embora culturalmente híbridos, aspectos culturais étnicos relacionados à população negra alimentam, em grande parte, o mercado de bens simbólicos e são apropriados pelos mais diversos agentes e utilizados para a exploração do segmento turístico étnico (afro) na Bahia. (QUEIROZ, 2008)

A autora prossegue com sua análise, ressaltando que a construção dessa identidade coletiva para o turismo- étnico (afro) é fruto de diversos interesses, em meio às contradições e lutas por espaços de poder no território. Estas lutas não se traduzem apenas no espaço físico, territorial, mas no texto jornalístico também, traduzido pela linguagem, conforme pontua Hall (2003 apud BARBOSA, 2016): “em um discurso de fato emitido, a maioria dos signos combinará seus aspectos denotativos e conotativos, e é no nível conotativo que as ideologias alteram e transformam a significação”. Assim, a intervenção ativa da ideologia dentro do discurso e sobre ele estabelece a luta de classes na linguagem.

Para melhor realizar a análise optou-se em organizar o conteúdo de ambos os periódicos por ano, permitindo a reflexão acerca do conteúdo apurado e dos elementos que constroem o discurso nos dois veículos. Começamos pelo ano de 2008.

* 2008

- Jornal *A Tarde*

Jornal <i>A Tarde</i> Agosto/2008		
Conteúdo		
	Quantidade	Foto
Matérias	6	x
Artigos de opinião	3	
Notas	2	x ¹⁶
Notícia	1	
Chamada de capa	2	

A análise inicia-se com a Coluna *Tempo Presente* do Jornal *A Tarde*, da edição de 01 de agosto de 2008. Duas notas curtas foram selecionadas por interessar a esta pesquisa. Ambas se referem à presença de turistas estrangeiros na Festa, em especial, afro-americanos. Entre estes turistas se encontram jornalistas, tanto da televisão quanto de jornais impressos que foram selecionados previamente pela Associação Brasileira de Operadores de Turismo e vieram a convite da Bahiaturisa. Além de jornalistas, um grupo composto por 230 turistas afro-americanos, parcialmente trazido por agências de viagem e a antropóloga Barbara King vieram prestigiar o evento. O objetivo da iniciativa foi a de divulgar ainda mais os festejos no exterior, principalmente nos Estados Unidos, país de onde provém a maior porcentagem de turistas que visitam Cachoeira devido à Boa Morte.

O conceito de quadrante, fundamental na análise de jornais impressos, é capaz de explicar a hierarquização do conteúdo. De acordo com Faria (2007 apud OLIVEIRA, L., 2009):

¹⁶Algumas notas possuem foto e outras não possuem. Observação nossa.

Quadrantes ou zonas óticas são termos dados às divisões gráficas das páginas de um jornal. Cada página é diagramada conforme uma espécie de roteiro por onde percorrem, espontaneamente, os olhos do leitor. São, portanto, quatro zonas óticas e quatro quadrantes. A zona ótica primária, ou primeira metade superior, é a parte do jornal que costuma ficar em evidência nas bancas e por onde se costuma iniciar a leitura. A zona 3, no segundo quadrante superior, é considerada uma zona morta e menos atraente que a zona 1. A zona 2, ou terminal, localizada em um dos quadrantes inferiores, concentra boa parte do 'peso' da composição porque é o lugar onde o olho sairia da página. Por fim, a zona 4, também considerada morta, é a menos visível espontaneamente.

O conteúdo em um jornal é distribuído entre estas zonas obedecendo critérios ligados aos princípios estruturais e organizacionais das publicações e do próprio periódico. As notas da Coluna *Tempo Presente* ocupam o quadrante inferior (zona 2 ou terminal) da página, ganhando a atenção do leitor e trazendo destaque à festa e aos demais aspectos correlacionados pontuados anteriormente.

A notícia “Rituais lembram o enterro de Maria”, datada de 15 de agosto de 2008, Caderno *Últimas Notícias*, seção *Curtas*, mostra os ritos realizados no dia anterior pela confraria, representando o enterro de Maria. O periódico especifica quais foram os ritos e traz o depoimento de uma das integrantes da Irmandade:

Os ritos realizados ontem pela Irmandade da Boa Morte, com sede em Cachoeira (a 110 km de Salvador), representaram o enterro de Maria. Era o segundo dia da festa em homenagem a Nossa Senhora. 'Quarta foi a sentinela de Mamãe e ontem ela foi sepultada. E hoje Mamãe torna a acordar. Ela passou do sono eterno na terra e acordou no céu', explicou Jorlanda Freitas, 64 anos, há 20 anos na confraria. Às 19 horas, foi realizada uma missa de corpo presente de Nossa Senhora na capelinha da Irmandade, que ficou lotada de turistas e moradores da cidade. Terminada a missa, as irmãs saíram em procissão pelas ruas de Cachoeira [...] (Jornal *A Tarde*, 15/08/08)

A maioria dos enunciados possui marcas que o aproximam da enunciação. Na notícia citada, é possível destacar termos como “os ritos”, “ontem”, “Mamãe”, “ela” e “acordou”, interpretáveis dentro do contexto do enunciado. De acordo com Maingueneau (2013), toda forma de discurso relatado constitui uma enunciação sobre outra enunciação. No discurso direto, especificamente, são sobrepostos dois acontecimentos enunciativos, uma enunciação citante e uma enunciação citada. Neste

sentido, o papel das aspas é marcar essa fronteira.

No exemplo acima, a citação entre aspas em discurso direto, denota um ato de fala que complementa o discurso citante (do enunciador), explicitando uma adesão respeitosa ao que é dito no depoimento. Colocada de forma abrupta, a citação sem verbo ou outro termo introdutor vem se adequar a necessidade de ser breve, harmonizando-se com o *ethos* (traços da personalidade do enunciador), um *ethos* partilhado pelo jornal que se preocupa em ir ao essencial, poupando o tempo do leitor.

As matérias encontradas ao longo da apuração pautam diversos temas, como as etapas da festa e o aspecto sincrético dos festejos, elemento recorrente na cobertura realizada pelo periódico acerca da Boa Morte. O *A Tarde* procura associar a Irmandade da Boa Morte e os festejos à uma tradição que entrelaça heranças cultural, histórica e religiosa, tanto de Cachoeira e do estado da Bahia, sem deixar de lado o segmento turístico, que investe na festa baseado no turismo étnico, que tem recebido atenção maior por parte do governo estadual e de agências e órgãos ligados ao turismo com o reconhecimento da festa como patrimônio imaterial.

Encontradas nas editorias *Bahia*, *Salvador* e *Últimas Notícias*, as matérias apontam que a cobertura realizada acerca da Festa da Boa Morte possui, indiscutivelmente, no período em questão um caráter que apela fortemente para o turismo regional, nacional e internacional, ao mesmo tempo que o periódico confere aos festejos uma identidade propriamente local. Na editoria *Bahia* se encontram as matérias “Irmandade escolhe nova comissão” e “Festa do diálogo religioso”; em *Salvador*, estão as matérias “Infraero prevê 1,8 milhão de passageiros”, “‘Muito’ destaca a Boa Morte” e “Orçamento tem R\$ 12 mi para jovens” e, por fim, em *Últimas Notícias*, a matéria “Irmãs da Boa Morte louvam Nossa Senhora”.

Em todos os textos aparecem elementos que marcam a concordância de determinado ponto de vista acerca da festa por parte do periódico, explicitando o que foi dito anteriormente, a respeito do jornal *A Tarde* aceitar e assumir o papel de mensageiro e defensor dos interesses do povo, o que implica na valorização do patrimônio tanto de natureza material, quanto de natureza imaterial, como é o caso da Boa Morte. Estes elementos ou marcas do discurso são as citações abruptas dos depoimentos, demonstrando que o jornal compartilha do *ethos* que caracteriza o perfil de quem fala, além de demarcar a naturalidade do que é dito, como informação complementar ao texto.

Além do discurso direto, é empregado também o discurso indireto. Nesta modalidade de discurso, o enunciador citante traduz as falas citadas, mas não exatamente as palavras, mas o conteúdo do pensamento. O verbo introdutor mostra um discurso relatado, além de condicionar a interpretação, direcionando o discurso citado, conforme se vê nos exemplos abaixo:

A italiana Donata Damioli veio de Salvador para conhecer a festa da Irmandade da Boa Morte. Ficou especialmente encantada por ser uma 'manifestação de descendentes de escravos' [...] (Jornal *A Tarde*, 14 de agosto de 2008)

[...] Vilson Caetano também destaca que no culto à morte está a ideia de manter viva a memória dos que passaram, os ancestrais. 'Para os africanos, manter os ritos pós-morte era muito importante, porque se acreditava que era graças à manutenção desses ritos que a memória iria permanecer viva', acrescenta [...] (Jornal *A Tarde*, 13 de agosto de 2008)

No primeiro fragmento, a interpretação do mesmo conduz o leitor a concluir que a turista italiana se deslocou de Salvador para Cachoeira movida apenas pela curiosidade de conhecer a festa da Boa Morte e não por outra razão secundária que motivasse sua presença na cidade. O encantamento causado pelos festejos se deve ao fato de ser uma “manifestação de descendentes de escravos”

O segundo fragmento se reporta à associação entre o culto à morte e o culto à memória dos antepassados dentro dos ritos da Boa Morte, trazendo a opinião de um especialista. Além de ser um exemplo de discurso indireto, o trecho se caracteriza por ser um tipo híbrido, ou seja, o enunciador isolou entre aspas um fragmento que ao mesmo tempo ele utiliza e cita. Embora se trate de discurso indireto, este contém palavras atribuídas aos enunciadores citados. O fragmento atribuído ao enunciador do discurso citado recebe o nome de *ilha textual* (Maingueneau, 2013). É o caso dos fragmentos acima.

Outro elemento importante são as marcas linguísticas por meio das quais se manifesta a enunciação. Ao longo da análise no período em questão foi possível encontrar nos textos estas marcas, conhecidas também como embreantes (Maingueneau, 2013). Abaixo seguem alguns fragmentos extraídos das matérias encontradas na apuração que auxiliarão na compreensão dos traços embreantes e das marcas de modalidade fundamentais na elaboração e sustentação discursiva:

Cachoeira (a 110 km de Salvador) começa os preparativos para a Festa da Boa Morte. Hoje, a irmandade que organiza a festa, composta exclusivamente por mulheres negras, vai eleger a comissão dos festejos do próximo ano. A eleição acontecerá às 14 horas, na sede da irmandade.

'A eleição é um dos rituais que as integrantes realizam sem a presença de estranhos. Antigamente, a votação era feita com a contagem de caroços de milho', destaca o escultor cachoeirano Fory; filho de um membro já falecido da Irmandade do Bom Jesus da Paciência, que auxiliava a Boa Morte em seus eventos [...] (Jornal *A Tarde*, 03 de agosto de 2008)

[...] E quem não foi à celebração de Nossa Senhora da Boa Morte, que aconteceu no município de Cachoeira na semana passada, não perde por ver as fabulosas imagens registradas pelo repórter fotográfico Fernando Vivas, que esteve lá com a repórter Tatiana Mendonça.

Eles mostram a fé, a beleza e o misticismo das 22 irmãs, ao mesmo tempo que registra as promessas dos políticos. Só com muita reza, mesmo. (Jornal *A Tarde*, 23 de agosto de 2008)

Dezenas de fotógrafos e cinegrafistas, certamente em maior número que as 22 mulheres que compõem a Irmandade da Boa Morte, acompanharam ontem o primeiro dia de festas em homenagem a Nossa Senhora, em Cachoeira (110 km de Salvador).

Talvez por conta do assédio e poses para as câmeras, as irmãs só deixaram a sede da Irmandade 45 minutos depois do previsto, às 18h45. Atenderam aos clamores de Estelita Santana, 102 anos, juíza-perpétua da Irmandade, para que se apressassem [...] (Jornal *A Tarde*, 14 de agosto de 2008)

[...] Estelita Souza Santana, 101 anos, é a juíza perpétua da Irmandade da Boa Morte. São 60 anos de participação na irmandade. No ano passado, ela foi a provedora (cargo principal da comissão que organiza os festejos) pois a cada sete anos, de acordo com a tradição do grupo, o cargo é reservado para Nossa Senhora, representada pela irmã que ocupa o posto de juíza perpétua.

Dona Ester, como é conhecida, é uma ardorosa defensora das tradições da irmandade. Apesar da idade avançada, a juíza perpétua mantém postura firme em defesa dos princípios da associação e não esconde o seu desapontamento diante de algumas mudanças que vêm testemunhando ao longo dos anos [...] (Jornal *A Tarde*, 13 de agosto de 2008)

Nota-se através dos fragmentos que os enunciados se encontram relacionados com a situação de enunciação. Esses enunciados contêm além de embreantes, outras marcas da presença do enunciador como apreciações, interjeições, exclamações, ordens, interpelação do coenunciador e etc. Os trechos das matérias citadas acima são possíveis perceber o emprego de termos como *hoje*, *ontem*, *primeiro dia* e *ano passado* são

embreantes de tempo que tomam por referência a enunciação e o enunciado.

Outras categorias aparecem nesta análise como embreantes espaciais, a exemplo de, *Cachoeira (a 110 km de Salvador)*, marcando um aqui, o lugar onde está o enunciador e um lá, local distante do enunciador. Implicitamente o jornalista toma como ponto de referência Salvador, sede do jornal e o ponto de vista acerca da festa seja dos habitantes da cidade ou turistas que visitam a mesma. No segundo fragmento destacado, o período “[...] E quem não foi”, traz implicitamente um “você” e em “não perde por ver as fabulosas imagens”, aqui o “você” aparece como alguém que não terá nada a perder por ver os registros fotográficos da Festa da Boa Morte, que “mostram a fé, a beleza e o misticismo das 22 irmãs”.

O enunciador emite juízo de valor acerca das fotografias, ao utilizar o adjetivo *fabulosas*, o que constitui modalidade apreciativa (Maingueneau, 2013). No fim do fragmento, no trecho “[...] eles mostram a fé, a beleza e o misticismo das 22 irmãs, ao mesmo tempo que registra as promessas dos políticos. Só com muita reza, mesmo”, o enunciador utiliza uma leve ironia, conferindo-lhe um leve tom “colorido”, ao fazer a crítica, mas ao mesmo tempo, tomando certa distância de modo que o coenunciador não perceba a ruptura dos dois pontos de vista.

No terceiro fragmento, nota-se a alternância de dois planos, embreado e não embreado. Os comentários do jornalista nos trechos “Dezenas de fotógrafos e cinegrafistas, certamente em maior número que as 22 mulheres que compõem a Irmandade da Boa Morte” e “Talvez por conta do assédio e poses para as câmeras” se alternam com as informações apresentadas, resumindo os acontecimentos. Essa mudança de plano enunciativo permite a narração das ações que levaram ao resultado anunciado no título da matéria. A passagem de um plano a outro está ligada a aspectos organizacionais do texto, quando o jornalista traz seu ponto de vista e “desaparece” quando precisa narrar a festa.

Percebeu-se no último fragmento a preferência pela utilização de verbos em passado simples. A utilização deste tempo verbal se deve à demarcação das relações estabelecidas entre o momento de enunciação e o momento indicado pelo tempo do enunciado. Há três pontos-chave na análise do emprego deste tempo verbal: a coincidência entre o momento da enunciação e o do enunciado, marcada pelo presente, como no trecho “[...] Estelita Souza Santana, 101 anos, é a juíza perpétua da Irmandade da Boa Morte. São 60 anos de participação na irmandade [...]”; diferença temporal, marcada pelo passado ou futuro, conforme se assinala no trecho “[...] No ano passado,

ela foi a provedora (cargo principal da comissão que organiza os festejos) [...]” e por marcar a ruptura entre ambos, evocando o momento apresentado pelo enunciador como não tendo relação com a situação de enunciação, “[...] Dona Ester, como é conhecida, é uma ardorosa defensora das tradições da irmandade. Apesar da idade avançada, a juíza perpétua mantém postura firme em defesa dos princípios da associação e não esconde o seu desapontamento diante de algumas mudanças que vêm testemunhando ao longo dos anos [...]”.

Ao fazer referência a um cargo importante dentro da confraria, como o de juíza perpétua, à ocupante do cargo em questão no período da matéria (Estelita Souza Santana) e a Nossa Senhora, o enunciador transpõe para a juíza perpétua, o arquétipo de mãe, relacionando a Maria, conforme a crença cristã, ao mesmo tempo que valoriza a hierarquia e a representatividade do cargo, que simboliza autoridade e remete também à ideia de fortalecimento da figura feminina dentro do candomblé. É essa autoridade concedida pelo enunciador, que autoriza o discurso da personagem.

Ao contrário de uma matéria ou até mesmo uma reportagem, um artigo se caracteriza pelo seu caráter opinativo, mais do que simplesmente informar. Por esta razão, o articulista faz uso de uma linguagem própria, diferenciada em diversos aspectos daquela utilizada pelo jornalista nos gêneros jornalísticos, exprimindo sua visão de mundo, concepções acerca de uma temática determinada, apresentando argumentos para convencer e informar o leitor. Sendo assim, serão analisados os artigos “É tempo de festa em Cachoeira. É tempo de Boa Morte” e “Das Boas Mortes a São Bartolomeu de Maragojipe”, Coluna *Religião* e “Turismo na Boa Morte”, Coluna *Opinião*.

Os dois primeiros artigos ressaltam os aspectos sagrados da festa, cuja história se mistura com a própria história de Cachoeira e do Recôncavo, as tradições, a identidade e sem deixar de lado o sincretismo, elemento marcante não somente na Irmandade da Boa Morte, mas na religiosidade do povo do Recôncavo. Dessa forma, o articulista argumenta que o maior e verdadeiro patrimônio de Cachoeira, do seu povo e do Recôncavo como um todo, é a religiosidade, a cultura e as tradições que perpassam gerações. O último artigo pauta a Boa Morte, a religiosidade, as tradições e a identidade, mas em uma perspectiva voltada para o turismo. A articulista comemora o crescimento do número de visitantes, em especial, estrangeiros devido a festa.

O contexto situacional (da festa) explica o uso de determinadas expressões e unidades como “mim”, “estarei recebendo”, “escrevi”, “ela”, “a cidade” etc. A interpretação é assegurada pelo contexto (contexto linguístico), onde a memória do intérprete é

mobilizada, quando retoma unidades introduzidas anteriormente no texto, relacionando-as entre si. Utilizar a memória como recurso que favorece a interpretação, remete a um conhecimento de mundo, ou seja, o intérprete necessita ter conhecimento de informações que o auxilie na interpretação do enunciado.

Quando um texto é escrito, o autor é levado constantemente a prever o tipo de competência que o destinatário possui para decifrá-lo. No caso específico dos artigos em questão, por serem textos voltados para uma grande quantidade de leitores, que constituem primeiramente um conjunto de indivíduos, uma imagem ao qual o autor atribui algumas aptidões. Nos artigos analisados, os autores esperam que os leitores possuam competências enciclopédica e linguística para compreenderem os termos, as expressões e informações utilizadas para sustentar o argumento.

Na apuração verificou-se que duas matérias tiveram chamada de capa. Com o título “Boa Morte louva a Nossa Senhora”, a chamada não possui foto devido a sua localização (lado direito da página, quadrante inferior, portanto, não tendo espaço suficiente para foto). A edição em questão deu maior ênfase a cobertura dos Jogos Olímpicos Pequim 2008. As letras do título e da página onde está localizada vem destacados em negrito, simbolizando matéria de destaque. No alto a rubrica *religião* na cor cinza e o nome da editoria em azul, transmitem as ideias de seriedade e credibilidade. Falando a partir do momento da enunciação, o enunciador adota uma polifonia própria do discurso indireto livre no qual duas vozes se mesclam perfeitamente dentro do discurso. Assim, não se pode dizer com exatidão quais palavras pertencem ao enunciador citado e ao enunciador citante:

RELIGIÃO|

Boa Morte louva a Nossa Senhora

Devoção, tradição e fé. Fincada nesses três pilares, a Irmandade da Boa Morte realiza hoje, em Cachoeira, uma comemoração que associa o candomblé ao catolicismo. Será celebrada a assunção de Nossa Senhora. (Jornal *A Tarde*, 13 de agosto de 2008)

Com o título “Cortejo abre a celebração da Boa Morte”, a chamada apresenta as letras em negrito, assim como a legenda da foto e a página onde se encontra no jornal. Aqui a cor preto reflete a necessidade de fazer com que o leitor tenha sua atenção voltada para o conteúdo apresentado. A rubrica *religiosidade* na cor cinza, traduz a ideia de

seriedade, enquanto o azul utilizado como cor no nome da editoria, remete a credibilidade. As irmãs em procissão utilizam vestes brancas, cor que representa o luto pela morte, considerada uma passagem para o renascimento e a continuidade da vida, crença presente no candomblé. Portanto, a cor branca é adequada ao simbolismo do primeiro dia da festa.

No enunciado, o enunciador utiliza termos embreantes que marcam o local de onde fala e o lugar sobre o qual fala:

RELIGIOSIDADE

Cortejo abre a celebração da Boa Morte

As 22 componentes da Irmandade da Boa Morte fizeram ontem a saída ritual em direção à Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, abrindo o primeiro dia da celebração religiosa, realizada todos os anos na *cidade de Cachoeira, a cerca de 110 quilômetros de Salvador* (Jornal *A Tarde*, 14 de agosto de 2008).

O termo *ontem* expressa valor temporal tendo como ponto de referência o momento da enunciação, designando o dia anterior ao ato de fala do enunciador.

A Revista *Muito*, destaque na capa, fala sobre a Irmandade e a festa e dentre outros temas. O título na chamada não está em negrito, apenas a informação referente à localização da matéria na revista. O texto vem acompanhado por uma foto que mostra duas irmãs usando vestes brancas, subindo uma ladeira. O que prende a atenção do leitor não é a foto em si, com as duas irmãs, mas sim o fundo rosa, de uma das paredes de um casarão, que serve como plano de fundo para a foto contrastando com o branco das vestes das irmãs. A cor rosa assume dentro de um sistema simbólico o vínculo com o feminino e no âmbito da notícia se sobressai a natureza feminina da informação. É esta natureza feminina, geradora de sentidos e significados, que o enunciador transpõe para o texto:

REGISTROS DO SINCRETISMO RELIGIOSO

Visões sobre a celebração da festa da Irmandade da Boa Morte

[Páginas 36 a 43 (Jornal *A Tarde*, 24 de agosto de 2008)

Jornal <i>Correio</i> Agosto/2008		
Conteúdo		
	Quantidade	Foto
Matérias	2	x
Artigos de opinião	2	
Notas	1	x
Notícia		
Chamada de capa		

As matérias encontradas na apuração não falam da Boa Morte e da festa, mas chamaram a atenção e foram incluídas nesta análise por se referir a temas que dialogam com a Irmandade e o contexto da festa, enriquecendo as reflexões desta pesquisa. A matéria “África de enfeite” (caderno *Folha da Bahia*) fala da mostra *Herança africana no universo baiano- Um filá de liberdade*. A exposição mostra a assimilação de elementos próprios da estética africana no cotidiano baiano. No início do texto o enunciador enumera elementos como “colar de contas”, “um brinco casando prata e marfim” e “uma bata bordada”, para designar o referente (estética africana), apresentando tudo que sofre a influência do referente, principalmente o que está voltado para o público feminino.

Os elementos destacados pelo enunciador no primeiro parágrafo, mencionados acima, além de desempenharem a função de designar o que vem a ser exatamente a estética africana e sua influência na moda feminina e na produção de joias e bijuterias, sustentam a narrativa que será desenvolvida ao longo do texto. No seguinte fragmento “ [...] Valorizados nos templos de candomblé, esses e outros elementos saltam para a vida cotidiana, como mostra a exposição *Herança africana no universo baiano- Um filá de liberdade*, com abertura amanhã, às 19h, no Museu Carlos Costa Pinto”, o uso do itálico se deve à necessidade do enunciador de chamar a atenção para as unidades destacadas, incorporadas no enunciado.

No fragmento “ 'A ideia principal é dar uma visão de como a estética do passado está presente na modernidade', explica a museóloga carioca Solange Godoy, que assina a

curadoria. Não por acaso, o museu localizado no Corredor da Vitória foi escolhido para abrigar a mostra. Lá se encontra a mais importante coleção de joias crioulas e balagandãs- como são conhecidas as peças utilizadas por escravas e negras livres- do estado [...]”, o uso das aspas indicam uma espécie de lacuna a ser preenchida interpretativamente, em que o enunciador alude a outro discurso que venha complementar o seu discurso.

O mesmo se percebe na matéria “Salvador terá voo diário para Miami” (editoria *Economia*), no fragmento destacado para a análise:

‘É a possibilidade que a Bahia tem em incentivar ainda mais o turismo étnico. Com este voo, abre-se a possibilidade de o estado receber, diariamente, mais de 250 pessoas dos Estados Unidos. Mesmo que seja metade delas, a economia baiana já vai ter resultados positivos. Além disso, a comodidade dos baianos e americanos será outra’, declarou o secretário estadual de Turismo, Domingos Leonelli, que esteve presente no encontro. (Jornal *Correio*, 16 de agosto de 2008)

O enunciador refere-se a um outro discurso dentro de seu próprio discurso e para isto restitui o ponto de vista do indivíduo posto em cena (o secretário estadual de Turismo no período do texto), destacando o depoimento da personagem. Ao utilizá-lo, o enunciador deixa claro que o discurso pertence a outro enunciador e que o leitor acesse informações pelo olhar da personagem presente no texto.

Feitas as análises acerca do conteúdo coletado referente ao ano de 2008, as verificações prosseguem com o ano de 2009.

* 2009

- Jornal *A Tarde*

Jornal <i>A Tarde</i> Agosto/2009		
Conteúdo		
	Quantidade	Foto
Matérias	1	x
Artigos de opinião	2	
Notas		
Notícia	1	x
Chamada de capa	2	

A matéria “Desembarque de turistas americanos cresce 333%”, Editoria *Economia*, possui foto mostrando turistas em visita ao Pelourinho, localidade turística e histórica da capital baiana, e a legenda “turistas estrangeiros durante visita ao Pelourinho: Bahia lidera expansão do setor no Nordeste”. Com base em dados apresentados pela Empresa Brasileira de Turismo (Embratur), a matéria relata mudanças no perfil dos turistas estrangeiros que desembarcaram na Bahia no ano de 2008, apontando para o crescimento no número de turistas norte-americanos, totalizando 15.085, ou seja, um aumento de 333% em relação a 2007.

Em seguida, o enunciador acrescenta que o turismo étnico é o principal fator que levou a este aumento, devido à presença de americanos de origem africana e estudiosos desta cultura. Nos primeiro e segundo parágrafos da matéria, o enunciador inicia o discurso trazendo dados estatísticos, mas interrompe a sequência para acrescentar um dado novo (a aposta no turismo étnico e suas contribuições para o segmento) e volta a interromper para a intervenção da personagem, para logo em seguida, retomar a sequência do enunciado:

Dados do Anuário Estatístico da Empresa Brasileira de Turismo (Embratur) apontam para mudanças no perfil dos turistas estrangeiros que desembarcaram na Bahia em 2008. O Estado entrou na rota dos turistas norte-americanos. Só no ano passado, foram 15.085 desembarques na Bahia, num crescimento de 333% em relação a 2007.

Por trás deste incremento, está a aposta no nicho do turismo étnico, com a atração de norte-americanos de origem africana e estudiosos desta cultura. 'Desenvolvemos uma estratégia como foco em mercado mais segmentado, com ações de promoção do Estado junto às universidades e associações', explica o secretário de Turismo do Estado, Domingos Leonelli. Estes turistas vêm em grande fluxo para conhecer manifestações populares, como a Festa da Boa Morte, em Cachoeira [...] (Jornal *A Tarde*, 01 de agosto de 2009)

O terceiro parágrafo se inicia com uma fala citada de um enunciador que representa uma classe de locutores. Por representar uma coletividade, este enunciador é genérico. O recurso às aspas foi utilizado a fim de colocar em evidência as palavras desse enunciador genérico. O período anterior ao depoimento reforça essa ideia de um enunciador que representa uma coletividade: “Os empresários do setor consideram o país estratégico para incrementar o turismo baiano. 'Devemos investir com força em divulgação nos Estados Unidos. É um mercado com muito potencial aquisitivo', avalia o

presidente da Associação Brasileira de Agências de Viagens na Bahia, Pedro Costa [...]”.

O quarto e último parágrafo complementa as informações apresentadas inicialmente e conclui a matéria com o depoimento de um enunciador específico. Ao contrário da segunda frase, que constitui um exemplo de discurso direto (o período vem marcado por elementos como o uso de verbo introdutor e aspas), a primeira frase trata-se de discurso direto livre, ou seja, um discurso relatado que possui as propriedades linguísticas do discurso direto, mas sem algo que o caracterize como tal. Além do aspecto oral da frase, o conhecimento da citação “A redução no preço das passagens foi um incentivo muito grande [...]” também serve como indício. Neste caso, quem assume o enunciado, é um enunciador que toma para si o papel do jovem, norte-americano, que compõe o público-alvo de iniciativas ligadas ao segmento turístico:

[...] Também influíram nos resultados a desvalorização do real, que resultou na redução do preço das passagens para os americanos, além da implantação de voos diretos, como a linha que liga Salvador a Miami. 'A redução no preço das passagens foi um incentivo muito grande. Para o americano, o que mais pesa é o transporte, principalmente para o público jovem que tem que poupar dinheiro para viajar', avalia o agente de viagens Vandervilson Almeida.

Nesta apuração foram encontrados os artigos “Da Boa Morte à Dormição” (Coluna *Opinião*) e “Lançamento do livro 'A Festa da Irmandade da Boa Morte e o Ícone Ortodoxo da Dormição de Maria’” (Coluna *Religião*). Em ambos os artigos notou-se que o enunciador dirige suas palavras a um leitor específico, representante de uma coletividade (o público que tem acesso ao periódico). Este conjunto de indivíduos (público empírico), é uma espécie de imagem que o autor atribui algumas aptidões. Portanto, o autor utiliza as competências linguística e enciclopédica de acordo com o nível de conhecimento que ele credita ao público, conforme a imagem mental elaborada acerca do mesmo.

Mediante as informações apresentadas nos artigos e com base no argumento acima, conclui-se que o leitor do Jornal *A Tarde* seja capaz de compreender e valorizar as celebrações religiosas que compõem o cenário da cultura popular baiana e parte da identidade do povo baiano; a importância da continuidade nos dias atuais de confrarias seculares, como é o caso da Irmandade da Boa Morte e da devoção popular a Maria,

mãe de Jesus Cristo; o sincretismo religioso (cristianismo católico e o candomblé) como elemento catalisador da cultura, religiosidade e identidade do povo baiano em perspectiva regional, inclusive, e os motivos da realização de determinados rituais na festa da Boa Morte.

O enunciador utiliza termos embreantes como “Hoje”, “amanhã”, “minha”, “admiramos”, “encontramos”, “nós”, “A cidade de Salvador”, “nosso”, “perto” e dentre outros, pontuando uma relação de proximidade com o leitor e com as próprias localidades às quais se refere em ambos os artigos. Os termos embreantes marcam as referências de acordo com a situação da enunciação, ou seja, toma o contexto como base do processo enunciativo:

[...] As irmandades e confrarias foram os catalisadores da cultura afro no nosso país. Lá elas puderam se associar, proteger-se, comprar cartas de alforria para os irmãos de raça, dar proteção aos negros fugidos e até poderem preparar um funeral digno, com direito a missas e aos rituais católicos para aqueles que faleciam [...] (Jornal A Tarde, 15 de agosto de 2009)

Também designam a referência quando é cotextual:

[...] Os dois primeiros dias de celebração em Cachoeira *são marcados* por uma procissão inicial e a celebração da Missa. Podemos dizer que são Missas fúnebres. A imagem de Maria é transportada num esquife mortuário. No primeiro dia, a grande intenção da Missa é pelas irmãs já falecidas, e após a Missa há uma ceia fúnebre, chamada de Ceia Branca. Lá só se serve peixe, arroz branco, pão e salada- são alimentos litúrgicos, leves, simbólicos [...] (Jornal A Tarde, 13 de agosto de 2009)

Mas também não se baseiam na enunciação e no cotexto:

[...] Há várias especulações sobre a origem da Irmandade da Boa Morte. Odorico Tavares é de opinião que a devoção começou no início do século XIX, em Salvador, na igreja da Barroquinha, *em torno de 1820*. Algumas irmãs, já no início do século XX, teriam se deslocado de Salvador para Cachoeira, recriando lá a Irmandade da Boa Morte [...] (Jornal A Tarde, 13 de agosto de 2009)

Embora o autor utilize estratégias, conforme verificado acima, para estar próximo ao leitor, o texto escrito impõe uma certa distância, estabelecendo um espaço para que o

coenunciador teça comentários críticos ou análises, permitindo a sondagem do texto, comparações, a fim de criar interpretações e estimular o confronto entre outros textos.

O *Caderno 2* publicou na seção *Hoje na TV* uma foto retratando as integrantes da Irmandade em procissão com a legenda:

Boa Morte| uma das festas mais emblemáticas da tradição afro-brasileira católica será transmitida amanhã, pela TVE, a partir das 10 horas, direto da cidade de Cachoeira. Hoje, às 22 horas, o canal exibe o documentário a vida na Boa Morte, com relatos de memórias da Irmandade. Foto: Caroline Paternostro| TVE| (Jornal *A Tarde*, 14 de agosto de 2009).

A publicação em questão ressalta o que foi discutido em outro momento desta pesquisa, sobre a televisão pautar os cadernos de cultura. Mas remete a um outro aspecto também importante nesta análise: a espacialidade do escrito e do impresso.

O advento da internet trouxe profundas transformações para o jornalismo impresso baiano, modificando os modos de ler textos, visualizar imagens, interferindo na diagramação e organização dos jornais. Com a influência da internet, elementos icônicos como fotos, esquemas, desenhos etc., passaram a ser associados à espacialidade do escrito e do impresso e do *paratexto*.

A função do texto escrito na publicação no *Caderno 2* é a de complementar a informação trazida pela imagem. A foto converte-se em um enunciado não-oral, uma realidade que não é mais puramente verbal. Demonstrando assim, que todo texto é uma imagem, uma superfície exposta ao olhar e que toda imagem é um texto, ambos possuindo a mesma capacidade de construir sentidos numa prática discursiva.

A notícia “Começa Festa da Boa Morte em Cachoeira” (Editoria *Últimas Notícias*) fala sobre o início das celebrações que integram a programação da Boa Morte e relata a presença de turistas estrangeiros, em especial, norte-americanos. O enunciador inicia o texto com o depoimento de uma das irmãs, integrante da confraria, que deixa claro que ter fé é o requisito fundamental para participar da Irmandade. A coenunciadora inicia o depoimento utilizando o embreante espacial *aqui*, demarcando o local onde se dá o ato de fala:

'Aqui não pode entrar porque acha bonito. Tem que ter fé'. Assim Joselita Alves, 66 anos, define sua motivação para participar há mais de 20 anos da Irmandade da Boa Morte, cujas celebrações em louvor a Maria começaram ontem na cidade histórica de Cachoeira, no Recôncavo baiano [...] (Jornal *A Tarde*, 14 de agosto de 2009)

O enunciador utiliza termos que dialogam com uma perspectiva simbólica, ao ressaltar aspectos fortemente marcados pela tradição e religiosidade afros, das quais a Irmandade é herdeira, como o respeito aos mais velhos, a obediência a hierarquia e a presença forte do elemento feminino:

[...] As 26 irmãs que mantêm viva a tradição secular celebraram missa em homenagem àquelas já falecidas, além de rezar pelas que estão doentes. Uma grande parte do grupo tem idade avançada. A mais velha é dona Estelita Souza Santana, com 103 anos [...]

No terceiro parágrafo o enunciador traz o depoimento de uma visitante estadunidense, que reafirma aquilo que se deixa subentender no depoimento do início da matéria:

[...] As cerimônias atraem gente do mundo todo. Entre os estrangeiros presentes este ano, um grupo de 33 negros norte-americanos, ligados ao Museu Simmons de arte africana em Nova Iorque, cujos integrantes contribuem financeiramente para executar obras sociais mantidas pela Irmandade. 'Nós amamos isto. Aqui nós sentimos uma conexão com nossas raízes na África', explica Lorraine Rikkts, uma veterana em visitas a Cachoeira, pela oitava vez na cidade [...]

É o sentimento da fé que leva as irmãs a fazerem parte da confraria e participarem dos festejos da Boa Morte, enfrentando as adversidades provocadas pela idade, avançada em alguns casos. O mesmo sentimento que levou a visitante a estar na cidade de Cachoeira mais uma vez para participar dos festejos, resgatando a conexão ancestral com a África.

Para concluir o texto, o enunciador utiliza elementos (embreantes) como *este ano* e *nesta sexta*, identificando o referente dentro de uma perspectiva particular da enunciação onde ele se encontra:

[...] Este ano, a preocupação com a gripe suína fez com que as missas, que ocorriam na sede da irmandade, passassem para a igreja matriz de Nossa Senhora do Rosário, mais ampla e arejada. Nesta sexta, a Irmandade reza a missa de dormição (morte) de Maria e no sábado, a assunção (subida ao céu) da santa, seguida de uma feijoada para a população e visitantes.

Na apuração foram encontradas duas matérias entre os destaques na capa. Na primeira

(sem foto), o enunciador, a partir do local onde profere seu ato de fala, anuncia o início dos festejos na cidade de Cachoeira. A rubrica *fé e tradição*, assinala o entrelaçamento destes elementos como características principais da festa:

FÉ E TRADIÇÃO|

FESTA DA BOA MORTE COMEÇA EM CACHOEIRA

CADERNO ÚLTIMAS

PÁG. B12 (Jornal *A Tarde*, 14 de agosto de 2009)

Na segunda chamada encontrada (sem foto), o enunciador destaca o aumento no fluxo de turistas norte-americanos que visitam o estado da Bahia, de acordo com dados da pesquisa realizada pela Embratur. A apresentação dessa informação pelo periódico no mês de agosto, que na Bahia é marcado por diversas festas religiosas, tem por consequência o aumento de investimentos no setor turístico, impulsionando a divulgação de festas como a Boa Morte, para o mercado externo. Optando pelo discurso indireto, o enunciador não relata exatamente os dados, mas o que verdadeiramente lhe interessa pautar:

NEGÓCIOS|

CRESCER O FLUXO DE TURISTAS DOS EUA À BAHIA

Dados da Embratur apontam para mudanças no perfil dos turistas estrangeiros que desembarcaram na Bahia em 2008. O Estado entrou na rota dos turistas norte-americanos. Só no ano passado, o crescimento foi de 333%.

ECONOMIA| PÁGINA B7 (Jornal *A Tarde*, 01 de agosto de 2009)

O sentido do verbo “apontam” indica um discurso relatado, condicionando a interpretação, direcionando o discurso citado, não somente os dados coletados pela pesquisa.

Jornal <i>Correio</i> Agosto/2009		
Conteúdo		
	Quantidade	Foto
Matérias	1	x
Artigos de opinião		
Notas	1	
Notícia	1	x
Chamada de capa		

A matéria “Nobreza negra” (Caderno *24h*), página inteira, possui duas fotos. A primeira, mostra as integrantes da irmandade usando o traje de gala, cercadas pela multidão que veio acompanhar de perto os festejos e conta com a seguinte legenda: “Vinte e cinco senhoras da secular Irmandade da Boa Morte lideram o cortejo em Cachoeira, ontem, numa festa que atrai turistas negros de todo o mundo, especialmente dos EUA”. A segunda foto mostra as irmãs assistindo a missa em uma igreja cheia, com várias pessoas buscando o melhor ângulo para fotografar e outras, de forma improvisada, realizando filmagens e conta com a legenda “os trajes mostram a influência do candomblé”. Acompanhando o texto, há um fragmento verbal destacado pelo enunciador, um trecho do depoimento da turista norte-americana Patricia Zigler: “O que meu país faz questão de esquecer, eu faço questão de lembrar”.

Existe uma correlação que merece menção. Durante a análise notou-se que foram utilizadas as mesmas cores (no nome do caderno e nas palavras do título da matéria). Foram usadas as cores amarelas, em uma tonalidade próxima ao dourado, simbolizando a preciosidade, a riqueza e preto como sinônimo de negritude, valorizando a identidade e a cultura afro-baianas e a herança africana, das quais as irmãs da Boa Morte são portadoras. Desta forma, o enunciador utiliza a ligação entre os elementos destacados anteriormente, para afirmar através do discurso que a Irmandade e a Festa da Boa Morte são mais do que manifestações da cultura popular e de fé: são patrimônios vivos que merecem ser preservados mediante o valor de seus significados simbólicos.

Ao iniciar o primeiro parágrafo, o enunciador une simbolicamente *baianos e turistas*, enquadrando a festa como pertencente a uma coletividade, uma manifestação onde há

espaço para todos que queiram participar. O enunciador utiliza o termo *histórica* para designar a cidade de Cachoeira, onde acontecem os festejos, facilitando a identificação da cidade, seja por quem nela more, ou tenha visitado-a ou por conhecê-la através de informações por um jornal, televisão etc. Usa-se designações correferenciais, ou seja, termos diferentes que se dirigem ao mesmo referente, neste caso a Festa da Boa Morte:

Baianos e turistas estão reunidos, até amanhã, na cidade histórica de Cachoeira (distante 110 km de Salvador), para participar de um dos maiores *documentos vivos* da religiosidade do estado: a Festa da Boa Morte. *A manifestação cultural*, iniciada no último dia 9, teve seu ponto alto ontem, com a procissão em homenagem a Nossa Senhora da Glória [...] (Jornal *Correio*, 16 de agosto de 2009)

No segundo parágrafo, há termos embreantes que identificam os referentes em função do ambiente espaçotemporal da enunciação. Além de embreantes, o enunciador utiliza o discurso direto, delimitando o discurso citado e o discurso citante, indicando que houve um ato de fala que não coincide com o discurso do enunciador, o que se evidencia pelo uso do sinal tipográfico das aspas:

[...] O cortejo, conduzido pela Irmandade da Boa Morte, *partiu* às 10h30 da sede da *confraria* até a Igreja da Matriz, onde as 25 senhoras negras celebraram em missa a assunção da santa. 'Ela não morreu, subiu ao céu de corpo e alma. Por isso, é dia de tirar o manto de luto e festejar a Boa Morte', explica Joselita Sampaio, 66, que participa da Irmandade há duas décadas [...]

O enunciador expressa ideia de oposição em relação ao depoimento da coenunciadora, ao usar o advérbio *apesar e* fortalece o próprio ponto de vista ao designar elementos que corroboram com o discurso contrário ao do depoimento:

[...] Tanto Joselita quanto as demais negam o sincretismo religioso da comemoração. 'É uma tradição católica', dizem, sorrindo, apesar das *indumentárias, do samba-de-roda e das comidas típicas*, que deixam clara a influência do candomblé [...].

No fragmento acima há a negação de uma ideia, mas o tom empregado confere autoridade ao que é dito e é esse tom que permite ao leitor uma representação do corpo simbólico da coenunciadora. A ideia apresentada remete a modos de dizer e de ser,

levando o leitor a participar no plano da imaginação, de uma experiência vivida. Assim, o leitor por intermédio da enunciação, cria um corpo à coenunciadora; a coenunciadora assimila esquemas que permitem o controle de seu corpo, de forma a se inscrever no mundo e estes fatores permitem, por fim, a constituição de um *corpo* que na verdade se trata de uma comunidade imaginária, de indivíduos que compartilham da adesão ao mesmo discurso.

Ao utilizar os termos (adjetivos) *africana* e *negros*, o enunciador deixa claro o caráter da festa que é a celebração da vida, dos laços com a África e abre um parêntese sobre um tema importante para empresários do segmento turístico, o turismo étnico, impulsionado por eventos como a Boa Morte:

[...] Ao recuperar a ancestralidade africana, a festa atrai turistas negros de todo o mundo, sobretudo dos Estados Unidos, estimulando o turismo étnico na Bahia.

A Secretaria de Turismo do Estado estima a presença de 500 afro-americanos, que driblaram a crise econômica e o medo da gripe Influenza A para festejar sua ancestralidade, a nova-iorquina Patricia Zigler, 44, por exemplo, não perde a festividade há oito anos: 'Eu sou parte disto. O que meu país faz questão de esquecer, faço questão de lembrar, de comemorar', afirma.

No último parágrafo o enunciador destaca um enunciado do depoimento da turista nova-iorquina Patricia Zigler por este possuir valor generalizante, ou seja, ser aplicável aos demais turistas estadunidenses que visitam Cachoeira para participarem dos festejos a Boa Morte. A localização do fragmento no fim do texto ocorre devido a condensação do sentido do enunciado, por consistir numa amplificação da figura do enunciador, mostrando sua posição acerca do tema do texto e por ser mais atraente e mais fácil de ser memorizado, o fragmento (modificado) da frase foi destacado no paratexto da matéria, devido a identidade da locutora, que traz consigo um nível de notoriedade, o que autoriza seu discurso.

A nota “Festa da Boa Morte começou ontem com 'esmola geral””, publicada na coluna Emmerson José (Caderno *24h*), destaca o início da festa a partir do rito conhecido como “esmola geral”, além de anunciar as demais atividades previstas na programação do evento. Ao atribuir aos nomes próprios “Festa da Boa Morte” e “Cachoeira” os predicativos *tradicionais* e *monumento nacional*, o enunciador espera que o leitor tenha conhecimento dos significados destes termos e do discurso em torno dos referentes. Operando termos baseados na enunciação e no enunciado, o enunciador realiza

descrições que exigem do leitor um conhecimento prévio para saber a qual elemento deve voltar sua atenção e se este se relaciona com a enunciação:

Festa da Boa Morte começou ontem com 'esmola geral'

CACHOEIRA A tradicional Festa da Boa Morte, realizada em Cachoeira-considerada monumento nacional pelo Iphan-, teve a programação iniciada *ontem*, com o rito conhecido como 'esmola geral'. *O ponto alto* acontece no *próximo sábado*, com a celebração da assunção de Maria, e as festividades ocorrem *até o dia 17*. Fazem parte da programação a celebração de missas, o cortejo com Nossa Senhora da Boa Morte, além de vigília, novenas e samba-de-roda. A previsão de que este ano a festa atraia cerca de 15 mil turistas. (Jornal *Correio*, 09 de agosto de 2009)

Na notícia “Exposição em Cachoeira” (Caderno *Bazar & Cia*), o enunciador fala da exposição fotográfica realizada na cidade de Cachoeira, mostrando as vestes e os objetos usados pelas integrantes da irmandade. A foto que acompanha o texto exhibe a beleza do traje de gala usado pelas irmãs, o brilho das joias e os demais adornos, signos de uma memória, traços de uma cultura e elementos identitários que merecem ser preservados. A legenda da foto “a tradição da Boa Morte em imagens” mostra ao leitor que as fotos da exposição tem por objetivo inicial “aproximar” as irmãs e os visitantes que se encontram na cidade de Cachoeira para participarem dos festejos, num momento que antecede o encontro a acontecer durante a festa.

No texto o enunciador utiliza uma linguagem que cause a impressão ao leitor de acesso imediato a uma realidade, com a qual é influenciado a se identificar:

Exposição em Cachoeira

Quem disse que moda não é cultura? Quem for à cidade de Cachoeira esta semana acompanhar a festa da Irmandade da Boa Morte deve dar uma passada no Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo e conferir a exposição fotográfica com vestes e objetos usados pelas mulheres que participam do grupo religioso com mais de 200 anos. A iniciativa, coordenada pela professora e pesquisadora Renata Pitombo, integra uma série de atividades que compõem a terceira edição do Simpósio Identidades Culturais e Religiosidade (Jornal *Correio*, 09 de agosto de 2009).

O enunciado apresenta características de um enunciado dependente do ambiente, tendo por referência a própria enunciação, embora utilize suporte gráfico, pressupõe uma

recepção subsequente. É classificado como enunciado escrito de estilo falado.

Encerrada esta etapa da análise de conteúdo referente ao ano de 2009 em ambos os periódicos, será analisado o conteúdo referente ao ano de 2010. A verificação realizada contemplou o mês de junho, excepcionalmente, por ter sido este mês em que a Festa da Boa Morte foi registrada como Patrimônio Imaterial do Estado da Bahia. Mas o diagnóstico também contemplará o mês de agosto, conforme vinha sendo feito.

***2010**

- Jornal *A Tarde*

Jornal <i>A Tarde</i> Junho/2010		
Conteúdo		
	Quantidade	Foto
Matérias	1	x
Artigos de opinião		
Notas		
Notícia	1	
Chamada de capa		

A notícia “Festa da Boa Morte é oficializada como Patrimônio Imaterial da Bahia” foi veiculada pelo Portal *A Tarde* e incluída nesta análise mediante a sua importância para esta etapa dos estudos. A matéria não foi publicada na versão impressa do periódico devido ao fechamento da edição, aspecto que remete a esquemas organizacionais do próprio jornal. O texto foi parcialmente construído com informações da Agecom-BA (atualmente Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado da Bahia-Secom) e acrescentadas pelo enunciador.

No primeiro parágrafo o enunciador destaca o simbolismo presente no ato, realizado na mesma cerimônia que comemora a transferência simbólica do título de capital do estado da Bahia para Cachoeira, dada a importância da cidade para a história do estado e atribui ao momento um aspecto político:

A Festa da Boa Morte foi oficializada como Patrimônio Imaterial da Bahia na tarde desta sexta-feira, 25. O decreto foi assinado pelo governador da Bahia, Jacques Wagner (PT),

durante uma sessão especial na Câmara de Vereadores da cidade de Cachoeira. A cerimônia faz parte das comemorações pela transferência do Governo do Estado para a cidade de Cachoeira, que acontece há três anos, sendo esta a primeira vez em ano eleitoral [...] (Jornal *A Tarde*, 25 de junho de 2010)

Do ponto de vista da enunciação, o enunciador narra os fatos tomando o enunciado por referência, evidência presente através do uso de termos como *na tarde desta sexta-feira e há três anos*. Os verbos no passado enfatizam a ruptura entre o passado e o presente da enunciação.

O segundo parágrafo se caracteriza por ser um enunciado não embreado, ou seja, não é interpretado em relação à situação de enunciação, apresentando-se desligado da situação de enunciação:

[...] A festa da Boa Morte, que acontece desde 1820 no mês de agosto, mistura elementos do catolicismo e do candomblé e é considerada uma das mais importantes manifestações culturais da Bahia. A história da festa nasceu quando mulheres negras e ex-escravas se uniam para ajudar escravos a conseguir a liberdade, se reunindo em torno da fé em Nossa Senhora e criando uma confraria católica chamada Irmandade da Boa Morte [...]

Os verbos introduzem os acontecimentos sem conectá-los ao momento da enunciação. A desembreagem comum em textos narrativos, não indica que o enunciado é verdadeiro no momento que é dito, mas indica que o enunciado é sempre verdadeiro em toda situação de enunciação e para qualquer enunciador.

No fragmento seguinte são empregados dois tempos verbais distintos: passado e presente. O último trecho do fragmento demonstra o objetivo e as consequências diretas relacionadas ao acontecimento anunciado no título da matéria:

[...] A Festa foi incluída no Livro de Registro Especial de Eventos e Celebrações. O reconhecimento é uma salvaguarda à manifestação cultural afrocatólica, que passa a ter a proteção e o incentivo do Estado e da sociedade civil organizada [...]

No parágrafo posterior, o enunciador aponta as iniciativas de órgãos ligados ao segmento cultural estatal em prol da divulgação da Irmandade e da festa, complementando o conteúdo apresentado no parágrafo anterior. Os verbos utilizados

são conjugados nos três tempos, a saber: passado, presente e futuro:

[...] DIVULGAÇÃO- Entre os benefícios diretos do tombamento da festa está a prioridade para a concessão de financiamentos públicos e privados. Segundo o diretor-geral do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia (Ipac), Frederico Mendonça, o registro prevê a realização de ações de salvaguarda, como a publicação de um livro e um vídeo documentário sobre a festa, a elaboração do projeto de um memorial da Boa Morte e estudos para a criação de atividades que gerem renda para as mulheres envolvidas na tradição.

Antes do registro, o Ipac realizou estudos técnicos e elaborou um dossiê. O trabalho que durou cerca de um ano, resultou no documento que foi aprovado pelo Conselho Estadual de Cultura (CEC) [...]

No fragmento “Segundo o diretor-geral [...]”, ao invés de usar o discurso direto clássico, o enunciador o emprega como discurso direto, sem aspas. A explicação é que talvez não se tratem das próprias palavras do diretor, mas de uma reformulação que mantém o sentido geral. É reproduzido o conteúdo da fala, mas não de forma literal.

Os penúltimos parágrafos trazem casos que merecem análise. O primeiro fragmento é um exemplo de discurso indireto, no qual o enunciador citante isolou entre aspas um fragmento que ele menciona e cita, ao mesmo tempo. O fragmento destacado é o discurso citado (*ilha textual*). Já o segundo fragmento, é um exemplo de discurso direto, mas sem aspas. Não é o discurso exato do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) que é empregado, mas apenas o sentido do conteúdo:

[...] PATRIMÔNIO IMATERIAL- A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) define como Patrimônio Cultural Imaterial 'as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas- junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhe são associados- que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural'. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o Patrimônio Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua integração com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana [...]

No último parágrafo o enunciador enumera as manifestações populares reconhecidas como patrimônios imateriais do estado da Bahia, sem deixar de lado a Festa da Boa

Morte. Ancorado na enunciação, o enunciador conclui o texto mencionando outra manifestação popular da cultura baiana, cujo processo de reconhecimento está em análise (na data da matéria):

[...] BAHIA- Além da Festa da Irmandade da Boa Morte, são considerados patrimônios imateriais da Bahia, o ofício da baiana de acarajé, a roda de capoeira, o ofício dos mestres de capoeira, o samba de roda do Recôncavo, o carnaval de Maragojipe e a festa de Santa Bárbara.

Atualmente, está em processo de reconhecimento o desfile dos afoxés no Carnaval de Salvador.

A matéria “Wagner desqualifica opinião do MP sobre denúncia de irregularidades em obras” (Caderno *Política*), veiculada no suporte impresso do jornal, possui um parágrafo referente ao reconhecimento da Festa da Boa Morte como patrimônio imaterial da Bahia:

BOA MORTE

Na parte da tarde, durante sessão solene realizada na Câmara Municipal de Cachoeira, Wagner registrou a Festa da Boa Morte, celebrada pela Irmandade de mulheres negras de mesmo nome desde 1820 no mês de agosto, como um patrimônio imaterial da Bahia. 'Boa Morte com muito amor e carinho, agradece a você, governador', disse Irmã Zelina, representante da Irmandade (Jornal *A Tarde*, 26 de junho de 2010).

O fragmento acima estabelece uma relação entre o enunciador (que maneja o discurso), a Irmandade e o governador, responsável pelo registro da festa. Relacionam-se um “eu” que se faz porta-voz de uma coletividade (representando as mulheres da Boa Morte), “você” (o governador) e um “eu oculto” (representando o enunciador). Ao invés de utilizar o termo que denomina a confraria, o enunciador opta pela designação “[...] Irmandade de mulheres negras [...]” como tática para tornar o termo “Irmandade da Boa Morte” repetitivo, já que o depoimento da integrante, representante da confraria, se inicia com “Boa Morte”. Com a análise subentende-se que a gratidão pelo gesto do representante máximo do povo baiano, não é somente da Irmandade, mas de todas as mulheres negras, em especial, representadas pela confraria.

Jornal <i>A Tarde</i> Agosto/2010		
Conteúdo		
	Quantidade	Foto
Matérias	5	x
Artigos de opinião		
Notas	1	
Notícia	1	x
Chamada de capa	4	

A matéria “Festas religiosas tomam conta da cidade” (Editoria *Salvador*) foi um dos destaques da capa. Na capa, abaixo da rubrica *Religião* há o período “Um mês repleto de festas católicas e do candomblé”, que passa ao leitor, com poucas palavras, a ideia das diversidades cultural e religiosa na Bahia, fortalecendo o discurso acerca do sincretismo religioso. O mesmo discurso aparece em diversos trechos da matéria, como no fragmento abaixo:

O mês de agosto é marcado por várias festas religiosas. Tempo e Obaluaê, divindades do candomblé, são comemorados neste mês. Do lado católico há as festas de São Roque e de Nossa Senhora da Boa Morte (13, 14 e 15), esta última realizada em Cachoeira, a 109 km de Salvador, e que também tem relações com a religiosidade afro-brasileira [...] (Jornal *A Tarde*, 08 de agosto de 2010)

Da mesma forma que utiliza termos embreantes que marcam a proximidade temporal das festas mencionadas com o momento da enunciação, o enunciador revela sua personalidade (*ethos*) em diversos elementos do texto como o ritmo, os argumentos, a escolha das palavras e a entonação. O sentido construído pelo discurso se impõe pelo *ethos* e pelas ideias transmitidas, ideias que são apresentadas por um modo de dizer que remete a um modo de ser. O texto não se destina tão somente a ser contemplado, mas dirige-se a um leitor que é preciso mobilizar e convencer a aderir a um universo de sentido:

[...] RITUAIS DE FÉ TAMBÉM NO INTERIOR

Os rituais que antecedem a Festa da Boa Morte, na próxima sexta-feira, começaram ontem em Cachoeira (a 110 km de Salvador). Às 10 horas, 20 integrantes da irmandade, com

exceção das mais idosas, saíram às ruas para o cumprimento do ritual do peditório, denominado “esmola geral”. Batas brancas, torço na cabeça e saias coloridas, elas saíram da sede da irmandade para auxílio para a realização da grande festa em louvor a Nossa Senhora, cujo ponto alto será nos dias 13, 14 e 15.

As doações, em dinheiro, serão colocadas nas bolsas de tecido vermelho bordadas com as insígnias da irmandade, integrada por 23 mulheres afrodescendentes com mais de 40 anos. Recebendo ou não donativos, elas têm que sair às ruas para o ritual, pois é um compromisso religioso. Além de Cachoeira, essas mulheres são de cidades vizinhas, como São Félix, Muritiba e Maragojipe.

Para dona Adeíldes Ferreira, 64, e 14 anos na irmandade, a obrigação é feita com prazer. 'Todas gostamos de estar aqui porque fazemos parte da irmandade e nos sentimos felizes por isso'.

Foram destacados pelo enunciador fragmentos que acompanham o texto propriamente dito, como as frases “Calendário começa com a festa em honra de Tempo, reverenciado no candomblé angola e que é simbolizado pela gameleira branca” e “Caminhada Azoany tem São Lázaro como ponto de chegada, no dia 16” e a rubrica “**RELIGIÃO** Católicos e religiosos do candomblé tem datas marcantes durante este mês. Na terça-feira é dia de homenagem ao inquite Tempo. Depois têm as reverências a Obaluaê da nação Ketu e divindades com características semelhantes a ele”.

Na matéria “Festa lota hotéis e pousadas do município de Cachoeira” (Editoria *Economia*), o enunciador toma por referência tanto a situação do ato de enunciação quanto o enunciado. No segundo parágrafo o enunciador utiliza o discurso indireto ao mencionar o discurso citado do secretário de Cultura e Turismo de Cachoeira:

[...] O secretário de Cultura e Turismo de Cachoeira, Lourival Trindade Filho, estima que o fluxo de turistas na cidade de hoje até domingo contribua para o aquecimento de aproximadamente 15% da economia [...] (Jornal *A Tarde*, 13 de agosto de 2010)

O terceiro parágrafo é iniciado com uma fala citada em discurso direto:

[...] 'Os turistas que vêm para Cachoeira, nesta época do ano, querem conhecer e participar das festividades em louvor a Nossa Senhora da Boa Morte, a festa que une rituais da igreja católica com elementos de religiões de matriz africana', diz Daniel Santana, gerente da Pousada do Convento, já com 100% das acomodações ocupadas para os dias de festa. [...]

No início do fragmento não há verbo introdutor que indique ato de fala, apenas as aspas.

O verbo aparece ao fim do período, em “diz Daniel Santana”.

O enunciador utiliza no último parágrafo o discurso indireto, não citando exatamente as palavras relatadas, mas o conteúdo do pensamento:

[...] O pacote para casal no período em apartamentos da Pousada do Convento foi vendido por R\$ 1.200. Na Pousada da Ajuda, com localização privilegiada ao lado da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, o proprietário Juraci Rocha, informou que os 12 apartamentos foram todos reservados há uma semana. O pacote para casal durante quatro dias na Pousada da Ajuda custa R\$ 500.

O verbo introdutor “informou” mostra que há discurso relatado e além de indicar um ato de fala, condiciona a interpretação, direcionando o discurso citado.

A matéria “Programação da Boa Morte começa hoje” (Caderno *Bahia*) possui a seguinte rubrica: “**TRADIÇÃO** irmandade responsável pela festa em Cachoeira celebra os ritos de dormição, enterro e assunção de Maria” e o paratexto: “A irmandade nasceu em Salvador, na Igreja da Barroquinha, em 1823. As imagens deste período são as utilizadas durante a programação da festa.” No primeiro parágrafo podem ser observadas: a existência de uma cena de enunciação (matéria jornalística); a cena de enunciação referente aos elementos que caracterizam a Festa da Boa Morte em uma matéria jornalística e a cena de enunciação onde figura o imóvel sede da Irmandade, ponto de encontro das mulheres que integram a confraria e ponto de partida dos festejos:

A curiosidade acerca dos mistérios que envolvem os ritos (internos e públicos), a religiosidade e a beleza plástica da Festa da Boa Morte farão a Rua 13 de Maio ser a mais procurada do município de Cachoeira de hoje até a próxima terça-feira. É no imóvel que funciona a sede da Irmandade onde o grupo composto por 23 mulheres negras se concentra desde o início do mês e, de lá parte para os eventos de rua que começam hoje [...] (Jornal *A Tarde*, 13 de agosto de 2010)

O leitor do texto vê-se envolvido nestas três cenas e é “convidado” a se sentir realmente em Cachoeira, participando da festa e acompanhando cada momento. A cenografia implica um processo de enlaçamento destas três cenas. A situação de enunciação é validada progressivamente através da própria enunciação. Este progresso é perceptível à medida que o texto vai sendo construído.

Na matéria são utilizados vários elementos embreantes: “de hoje até a próxima terça-

feira”, onde *hoje* designa o dia da enunciação e “desde o início do mês” designa a duração de um período a partir do momento em que se fala. No fragmento “de lá parte”, *lá* retoma (anaforiza) o termo *imóvel*, empregado anteriormente.

No parágrafo seguinte, observações semelhantes podem ser feitas:

[...] A partir das 18 horas, um cortejo anuncia a morte de Maria levando a imagem de Nossa Senhora da Boa Morte para a igreja do Convento do Carmo. Com traje branco, cor do luto para o povo-de-santo, composto por camisu, bata, saia longa, chinelos em couro branco (xagrim), lenço, pano-da-costa e fios de contas brancos ou transparentes elas passam pela igreja da matriz, Rua Ana Neri e Igreja D'Ajuda empunhando velas [...]

No início do parágrafo, em “A partir das 18 horas”, o enunciador destaca o período projetando-o no futuro e em seguida, fornece elementos que levem o leitor a construir mentalmente a cena do cortejo, descrevendo detalhadamente os itens utilizados pelas irmãs da Boa Morte no primeiro dia da festa. Em “elas passam pela igreja”, *elas* retomam o termo *mulheres negras*, que aparece no parágrafo anterior.

Os termos destacados (grifo nosso) estabelecem uma forte relação espaço temporal:

[...] *Na noite seguinte*, há o enterro simbólico de Nossa Senhora, antecedido por mais uma missa, onde as irmãs permanecem de cabeça baixa por boa parte da solenidade. Na procissão, embalada por marchas fúnebres, apenas as irmãs da Boa Morte conduzem o andor com o esquife que leva a imagem de Nossa Senhora. 'A imagem é conduzida pela comissão da festa e, ao retornar, pelas irmãs que vão assumir os postos para *o ano seguinte*', explica o historiador Cacau Nascimento, autor do livro *Candomblé e Irmandade da Boa Morte* [...]

O discurso direto no fim do parágrafo não possui verbo introdutor, ficando este no final (“*explica* o historiador Cacau Nascimento”). O que evidencia a existência de um ato de fala é o uso de aspas, diferenciando o discurso citado do discurso citante.

No trecho a seguir são encontradas diversas designações a exemplo de “Maria” e “Assunção de Nossa Senhora”, determinante demonstrativo “nesta solenidade”, o pronome “elas” e os embreantes “no início da tarde”, “dois últimos dias” e “cerca de”:

[...] Nesta solenidade elas vestem o traje de gala conhecido como beca, que consiste em saia preta plissada, um tecido na altura do ventre, o camisu, o pano da costa em veludo preto e um bioco (lenço triangular sobre a cabeça deixando apenas o rosto visível).

O auge da festa religiosa é o domingo quando é comemorada a Assunção de Nossa Senhora (a subida de Maria em corpo e alma para o céu). A roupa ainda é de gala e a diferença é marcada pelos adereços como colares, brincos, pulseiras e anéis em ouro ou prata.

[...] Após o retorno à sede há o almoço e a valsa. A troca de roupa, no início da tarde anuncia o samba-de-roda e feijoada servida à população no Largo da Ajuda. Com samba e mesa farta, cerca de dois mil pratos, seguem os dois últimos dias a partir das 20 horas. Na segunda, o público é servido com cozido e pipoca. Já na terça o cardápio é caruru e mungunzá [...]

Estas designações não implicam em diversidade de referentes, mas referem-se ao mesmo termo, como é o caso de *elas*, que retoma *irmãs da Boa Morte*, utilizado no parágrafo anterior e *Nossa Senhora* substitui *Maria* para não tornar o nome repetitivo e pressupondo que o leitor saberá relacionar um termo ao outro. O termo *cerca de* remete à proximidade inexata, o enunciador realiza uma estimativa a respeito de uma informação que ele próprio não possui certeza. Em *no início da tarde e dois últimos dias*, o ponto de referência é o próprio enunciado.

Com o subtítulo “Detalhes e um grande esforço caracterizam a preparação”, o enunciador anuncia a intenção de reforçar a ideia apresentada no título da matéria e complementar as informações anteriores do texto.

Nos parágrafos:

[...] Os cinco dias de festa são preparados com um ano de antecedência. Cada festa é organizada por uma comissão formada por quatro integrantes da Irmandade da Boa Morte eleitas no início do mês de agosto. A partir da posse, que acontece no dia 15, a organização dos festejos do ano seguinte começa a ser preparada com cuidado.

A procuradora-geral, a provedora, a tesoureira e a escrivã, atualmente se dividem nas tarefas que garantem a realização da preparação espiritual e material em que consiste a festa, junto com as demais integrantes do grupo. Todas as irmãs são submetidas aos comandos da juíza-perpétua, cargo vitalício ocupado por Estelita Souza Santana, 106 anos. A ela também cabe representar Nossa Senhora que ocupa a função de provedora da festa a cada intervalo de sete anos [...]

O enunciador utiliza o artigo definido no plural em “os cinco dias”, delimitando assim que num espaço de trinta dias do mês de agosto, estes cinco dias ganham destaque devido a festa e por esta razão o enunciador emprega o embreante “um ano de antecedência”, ao se referir ao preparo dos festejos. Tomando o enunciado por referência, o enunciador descreve as atividades que antecedem a realização da festa e

enumera as integrantes da confraria que compõem a comissão organizadora da festa. No período “a procuradora-geral, a provedora, a tesoureira e a escritã”, os termos destacados retomam “quatro integrantes da Irmandade da Boa Morte”. Em “a ela também cabe representar”, *ela* retoma o nome da juíza-perpétua da confraria.

O enunciador emprega no seguinte fragmento a forma pronominal indefinida *cada*, com uma certa ênfase. A utilização do pronome em questão, combina com o objetivo do enunciador: designar individualmente elementos que compõem um conjunto, conduzindo o leitor à interpretação de um discurso de unidade:

[...] Na elaboração das refeições cada uma tem sua função. De acordo com a tesoureira Adeíldes Ferreira de Lemos, 64 anos, cada prato servido alimenta o corpo e a alma de quem o recebe. 'Quando fazemos o alimento vai junto a energia da gente também. Tudo tem relação com o sagrado. Outras pessoas podem ajudar e olhar, mas colocar a mão é só para quem pode', contou a tesoureira [...]

No trecho “De acordo com a tesoureira Adeíldes Ferreira de Lemos” o enunciador indica que não é o responsável pelo enunciado, por intermédio do marcador *de acordo com*, ao mesmo tempo que restitui o ponto de vista da locutora citada. Em seguida, o enunciador cita entre aspas expressões usadas pela locutora citada, não somente o ponto de vista, mas neste caso, as palavras citadas cumprem a função de atribuir autenticidade maior ao discurso relatado. O enunciador encerra o período reforçando o discurso da locutora citada ao usar a forma verbal *contou*, deixando clara a autoria do discurso citado.

A situação de enunciação citada é reconstruída pelo sujeito que a relata e é essa descrição que condiciona a interpretação do discurso citado, conforme se verifica no fragmento a seguir:

[...] E disposição para todo o trabalho feito com satisfação de servir não falta. 'Nossa Senhora da Boa Morte também nos dá vida e força para continuar', conta Adeíldes. Nem ficar afastada da família por quase um mês incomoda as irmãs. 'Damos e ganhamos muito, por isso a família entende. Só não podemos usar sozinha o que ela nos dá para não ter problema. Tem que dividir tudo', afirma a tesoureira deste ano [...]

O discurso direto não é exatamente objetivo, partindo da premissa que se trata do fragmento de um texto, que submetido ao enunciador do discurso citante, ganha um

enfoque pessoal por parte deste. O enunciador encerra o texto reportando-se à referência do próprio enunciado ao utilizar o embreante *deste ano* e trazendo informações que considera úteis ao leitor: a programação da festa e as irmãs participantes da comissão da festa.

A matéria “Celebração da memória abriu os festejos em honra de Nossa Senhora da Boa Morte” (Caderno *Bahia*) apresenta foto que mostra as irmãs da Boa Morte em procissão e possui a legenda “A Festa de Nossa Senhora da Boa Morte, em Cachoeira, começou com procissão, missa em memória da morte de Maria e das integrantes da irmandade já falecidas e ceia”. Duas frases foram destacadas: “Hoje a partir das 19 horas, tem a missa de Corpo Presente de Nossa Senhora, seguida de procissão pelas ruas da cidade” e “A festa gera um reflexo positivo na economia local” (Lourival Trindade, secretário de Cultura e Turismo). Aparece em destaque a rubrica “**TRADIÇÃO** Expectativa é que Cachoeira receba, durante a festa, cinco mil turistas. Movimento empolga o comércio local”.

O enunciador inicia o primeiro parágrafo do texto descrevendo as integrantes da Irmandade, levando a uma identificação imediata das irmãs, através da caracterização feita em *vestidas de branco*, excluindo outras pessoas que fogem a essa descrição:

Vestidas de branco, as integrantes da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte comandaram na noite de ontem a abertura da festa que une elementos do catolicismo e do candomblé. Antes da missa e procissão em memória das irmãs falecidas, elas passaram pelo rito da confissão. A festa acontece em Cachoeira, cidade situada a 109 km de Salvador, no Recôncavo baiano [...] (Jornal *A Tarde*, 14 de agosto de 2010)

O parágrafo seguinte traz no início uma fala, indicando enunciação e que complementa a informação apresentada no parágrafo anterior:

[...] 'Depois dos ritos voltamos para a sede onde, servimos pão, vinho e arroz branco para todo mundo', conta Almerinda Pereira dos Santos, 77 anos, integrante da irmandade. Durante o cortejo, no qual é anunciada a morte de Nossa Senhora, as religiosas conduziram a imagem que a representa até o Convento do Carmo, pois a matriz está em reforma. 'É um dia de sentimento, porque hoje é o dia que lembramos a morte de Maria', explica dona Almerinda [...]

Um ato de fala encerra o enunciado e no trecho acima, o autor dos discursos citados é a mesma pessoa. O enunciador adota o momento da enunciação por referência e por esta

ração utiliza verbos tanto no presente, como no passado, estabelecendo uma diferença temporal entre os acontecimentos narrados e o momento da enunciação.

No fragmento a seguir, o enunciador utiliza o discurso indireto, isolando entre aspas um fragmento que ele utiliza e menciona. Esta forma híbrida, embora se trate de discurso indireto, contém palavras atribuídas ao enunciador citado. Esse tipo de fragmento é a *ilha textual*:

[...] No cargo de provedora da comissão da festa- que conta, ainda, com a procuradora-geral Lindaura Paz dos Santos, 74 anos, a tesoureira Adeídes Ferreira de Lemos, 64 anos, e a escritã Aurelina de Jesus, 73 anos-, dona Almerinda revela que, este ano, não existirá surpresa durante as celebrações. 'O especial que tem é o de costume', afirma, cheia de mistérios [...]

O verbo “afirmar” apresenta a citação como sobreasseverada posta em relação a seu locutor, mas surge a dúvida se o jornalista lhe deu esse destaque para justificar o fato de que ele o cita. Mesma situação pode ser observada no trecho abaixo:

[...] Especial, porém, será o final de semana para o comerciante Ivanildo Paulo Santana da Conceição. Natural de Cachoeira e dono de restaurante há oito anos, ele garante que a Festa de Nossa Senhora da Boa Morte é bastante rentável para o comércio da cidade. 'Aqui no restaurante, o lucro é de 150% a mais no período da festa. É melhor que o lucro no período junino. Todos os dias de São João não equivalem a um dia sequer da Festa da Boa Morte', conta, convicto [...].

No fragmento acima, o verbo “contar” apresenta a citação como sobreasseverada em relação ao locutor. Para destacar um discurso que não é seu, propriamente, o enunciador faz uso da *ilha textual*, modalidade híbrida do discurso indireto, onde traz as palavras atribuídas ao autor do discurso citado.

Esta mesma modalidade pode ser vista nos fragmentos abaixo:

[...] Há ainda quem deixe Salvador para a festa e, de quebra, ganhar alguns trocados. É o caso do artesão Joêmio Silva dos Santos, 33 anos, que saiu da capital para vender brincos, pulseiras e colares, numa das praças de Cachoeira. 'Aqui eu me sinto muito mais em casa. Salvador não tem espaço suficiente para vender', queixa-se ele, que integra a cooperativa de artesanato Mãos que Brotam, que fica sediada no bairro da Liberdade. O secretário municipal de Cultura e Turismo, Lourival Trindade, confirma o aumento

significativo no comércio. 'A festa gera um reflexo positivo na economia local, com intensa movimentação nos receptivos de turismo, hotéis e restaurantes', conta [...].

No parágrafo seguinte, o ponto de vista considerado é o do enunciador do discurso citado:

[...] Para ele, as celebrações em torno da festa são o maior ícone do Estado da Bahia quando se trata do turismo étnico-africano. 'Além da estimativa da presença de 300 afro-americanos, mais visitantes de outros países e do próprio povo baiano, devemos ter, aproximadamente, cerca de cinco mil pessoas aqui para participarem da Boa Morte este ano', reforça o gestor [...].

A citação entre aspas restitui o sentido e as palavras empregadas. O leitor apreende o sentido, ao mesmo tempo em que lê as palavras utilizadas pelo enunciador citado. É um exemplo de modalização autonímica (modalização em discurso segundo).

Nos últimos parágrafos da matéria nota-se que foram mobilizados tipos distintos de referência:

MUDANÇA

A irmandade nasceu em Salvador, na Igreja da Barroquinha, há 187 anos. A provedora Almerinda faz parte da associação há 42 anos e, para ela, muita coisa mudou esses anos.

'A gente sofria mais. Eu sei o que já passei. Antes, a gente cozinhava no fogão de lenha. Hoje a gente não faz mais nada, acha tudo na mão. O respeito conosco também aumentou', conta.

O secretário de Cultura e Turismo, que é natural de Cachoeira, também corrobora a afirmação de avanço positivo em relação à irmandade. 'Elas foram discriminadas por causa da origem, por serem dos terreiros de candomblé. Muitas pessoas não acatavam isso. O turismo democratizou a festa, e, hoje, a população participa muito mais', explica.

Hoje a partir das 19 horas tem a missa de Corpo Presente de Nossa Senhora, seguida de procissão. Amanhã, às 9 horas tem a missa da Assunção e procissão. Logo após, acontece o samba-de-roda no Largo D'Ajuda e distribuição de feijoada. Na segunda, às 20 horas, é dia de distribuição de cozido e mais samba-de-roda. A festa será encerrada na terça-feira, a partir das 20 horas, com caruru e samba-de-roda.

Em “A irmandade nasceu em Salvador, na Igreja da Barroquinha, há 187 anos”, observa-se que a referência que foge do contexto, ou seja, não se baseia nem na enunciação. O enunciador utiliza “há” para marcar essa referência temporal, de

acontecimento passado, com a intenção de fazer um comparativo e em seguida toma por referência a enunciação, ao empregar termos como “amanhã”, “hoje”. Além das referências assinaladas, há a referência baseada no contexto linguístico, como o termo “hoje”, em “Hoje a gente não faz mais nada, acha tudo na mão” e “O turismo democratizou a festa, e, hoje, a população participa muito mais”.

A matéria “Comunidades quilombolas terão roteiros turísticos” (Caderno *Economia*) possui foto de turista norte-americano que visitou Cachoeira em ocasião dos festejos da Boa Morte e conta com a legenda “Barton ficou encantado com a cultura dos cachoeiranos”. As frases destacadas “15.085 turistas norte-americanos visitaram o Estado da Bahia em 2009 em busca de roteiros étnicos, número quatro vezes maior do que o registrado no ano anterior” e “No Recôncavo baiano, o ponto alto é a Festa de Nossa Senhora da Boa Morte”, tem a função de paratexto, complementando informações do próprio texto.

No fragmento abaixo o ponto de vista do enunciador citado é expresso sem elementos que marquem se tratar de seu ponto de vista (aspas, etc.), fazendo com que o leitor tenha a impressão, até certo ponto, de que o enunciado é assumido pelo jornalista. Mas no fim do período as ideias expressas são atribuídas a um autor:

RELIGIOSIDADE

Os roteiros em Salvador incluem visitas aos bairros Liberdade, do subúrbio ferroviário, além de terreiros de candomblé. No Recôncavo, o ponto alto é a Festa de Nossa Senhora da Boa Morte, realizada em Cachoeira. As culturas tradicionais e a religiosidade terão forte apelo na definição dos roteiros. O objetivo, segundo a Secretaria de Turismo, é expandir os roteiros relacionados ao turismo étnico para o interior do Estado. (Jornal *A Tarde*, 13 de agosto de 2010)

No parágrafo subsequente, o enunciador toma por referência a enunciação ao utilizar os termos “Há mais de uma semana” e “neste final de semana”:

ENTUSIASMO

Há mais de uma semana em Cachoeira, o pesquisador Scott Barton, da Universidade de Nova Iorque, disse que está entusiasmado com o povo, a cultura e a religiosidade dos cachoeiranos. “Esta cidade soube preservar a identidade originária da maior parte de sua população”, destacou Barton, que permanecerá em Cachoeira para acompanhar a festa de Nossa Senhora da Boa Morte neste final de semana.

O enunciador isolou entre aspas um fragmento que ele utiliza e cita, atribuído ao autor do discurso citado. Mas na conclusão do parágrafo, a frase não possui nenhuma sinalização que indique se tratar de discurso relatado, mas se configura como tal, tratando-se de discurso direto. O que explica a opção por esta modalidade de discurso é de que provavelmente não se trate das próprias palavras do enunciador do discurso citado, e sim, de uma reformulação para manter o sentido.

A nota “Cachoeira festeja a Boa Morte” (Caderno *Bahia*), apresenta informações básicas sobre o evento, suficientes para deixar o leitor informado quanto aos festejos que estão prestes a acontecer:

A cidade de Cachoeira, a 110 km de Salvador, no Recôncavo, será palco, a partir de amanhã, de uma das mais tradicionais manifestações religiosas da Bahia: a Festa de Nossa Senhora da Boa Morte. Os festejos prosseguem até a próxima terça-feira. A festa é organizada pela Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, uma instituição formada apenas por mulheres. A festa reúne turistas brasileiros e estrangeiros, com destaque para os afro-americanos, o que faz a manifestação ser um dos centros do programa de turismo étnico, desenvolvido pelo governo baiano. (Jornal *A Tarde*, 12 de agosto de 2010)

Observa-se, entretanto, que o enunciador toma a enunciação como referência ao empregar termos como “amanhã” e “até a próxima terça-feira”.

A notícia “Milhares de fieis participam da procissão da Boa Morte” (Caderno *Últimas Notícias*), possui foto das integrantes da confraria, com a legenda “Cachoeira: irmãs da Boa Morte seguem cortejo em homenagem à Nossa Senhora”. O enunciador inicia o texto designando o referente com a expressão “No terceiro dia de ritual religioso”, indicando, sobremaneira, de qual dia da festa ele falará:

No terceiro dia de ritual religioso integrante da festa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, a missa na Igreja da Ordem Terceira do Carmo, em Cachoeira, atraiu milhares de turistas e fieis que acompanharam a celebração festiva pela assunção de Maria. O ato litúrgico representa o momento no qual ela sobe aos céus de corpo e alma. Os festejos serão encerrados amanhã (Jornal *A Tarde*, 16 de agosto de 2010)

O uso da palavra “milhares” no título e no corpo do texto expressa a intenção do enunciador de evidenciar que a Festa da Boa Morte é bastante concorrida, atraindo cachoeiranos, baianos de outras regiões do estado, turistas de demais porções do Brasil e estrangeiros. Os termos “celebração festiva”, “ato litúrgico” e “festejos” retomam

“festa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte”. Essa retomada nota-se também quando o enunciador emprega “ela” para se referir a “Maria”. Tomando por referência o momento da enunciação, o enunciador fala sobre um evento realizado no dia anterior, por isso a presença de verbos no tempo passado, como “atraiu” e “acompanharam”. Porém, em “O ato litúrgico representa o momento no qual ela sobe aos céus de corpo e alma”, a ação no presente apoia-se nas ações expressas no passado. No último período, o tempo verbal indica acontecimento futuro, a partir do momento do ato de fala.

O enunciador marca sua presença no texto através do que diz, como se verá a seguir:

A aposentada Maria de Lourdes Santos Almeida, 77 anos, driblou a multidão, conseguiu se acomodar em frente a igreja e não se queixou. 'A gente vem todo ano. Aqui é gostoso demais', conta ela, que mora em Salvador e chegou num ônibus turístico com outras 29 pessoas.

Já passava das 13 horas quando a missa, celebrada pelo cônego Hélio César Leal Vilas Boas, chegou ao fim. A imagem de Nossa Senhora foi reverenciada com salvas de palmas ao deixar a igreja para percorrer as ruas da cidade do Recôncavo. Ao lado da imagem, as irmãs da Boa Morte seguiram em procissão, acompanhadas por milhares de turistas e fieis.

TRÂNSITO CONFUSO

As filarmônicas Minerva e Orpheica Lyra Ceciliana foram as responsáveis pelas marchas musicais. As ruas não foram interditadas e a passagem de carros pela Rua do Carmo atrapalhou o início do percurso. 'Eu acho isso um absurdo. Uma falta de organização', disse o engenheiro civil Osvaldo Pita, 61, sobre o trânsito em frente a igreja.

O tradicional almoço das irmãs foi servido na sede da irmandade, primeira e única formalmente constituída por mulheres negras em todo o Brasil. Para completar os festejos de domingo, a sonoridade do Recôncavo invadiu o palco do Beira Rio com muito samba-de-roda.

De acordo com o historiador cachoeirano Cacau Nascimento, o samba faz parte do rito de dessacralização. 'Durante a Boa Morte, as integrantes da irmandade estão sacralizadas. Elas morrem ritualmente para que seja possível a comunicação com orum, ou seja, o céu. Elas ficam resguardadas, em contato íntimo com a ancestralidade. É o samba que as trazem de volta ao ayé, ou seja, à terra', explica ele.

Essa presença é notada em “A aposentada Maria de Lourdes Santos Almeida, 77 anos, driblou a multidão [...]”, onde ele emite juízo acerca de um acontecimento tido por impossível (devido a quantidade de pessoas), mas que se tornou possível graças a persistência da locutora . Em seguida, o enunciador faz juízo de valor deixando clara

sua opinião acerca do trânsito em parte do percurso e a fala citada vem reforçar seu discurso. Nos últimos parágrafos, o enunciador fortalece a noção de tradição em torno da irmandade e encerra o texto com o discurso citado que explica a tradição e sua ligação com o candomblé.

Na análise foram contabilizadas quatro chamadas de capa. A primeira foi da matéria “Festas religiosas tomam conta da cidade” (08 de agosto de 2010), quadrante inferior, lado esquerdo da página, com a etiqueta “Religião”; a segunda foi a da nota “Cachoeira festeja a Boa Morte” (12 de agosto de 2010) e a edição de 13 de agosto de 2010 traz na capa as matérias “Festa da Boa Morte começa hoje em Cachoeira” e “Cresce o fluxo de visitantes do turismo étnico”.

- Jornal *Correio*

Jornal <i>Correio</i> Junho/2010		
Conteúdo		
	Quantidade	Foto
Matérias		
Artigos de opinião		
Notas		
Notícia	1	x
Chamada de capa		

A notícia “Patrimônio imortalizado” (Caderno *24h*), etiqueta “Festejos”, possui foto das integrantes da confraria, com a legenda “Irmandade da Boa Morte mantém a tradição da festa”:

A Festa da Boa Morte, celebrada em Cachoeira, a 110 quilômetros de Salvador, foi tombada como patrimônio imaterial da Bahia. O documento que coloca a festa no Livro de Registro Especial de Eventos e Celebrações será homologado hoje, pelo governador Jacques Wagner, na Câmara de Vereadores da cidade do Recôncavo. (Jornal *Correio*, 25 de junho de 2010)

No primeiro parágrafo, o enunciador inicia tomando Salvador como ponto de referência,

evocando o ponto de vista dos habitantes da cidade sobre o registro da festa e também pelo fato da cidade sediar o jornal. Ao utilizar “cidade do Recôncavo”, o enunciador retoma *Cachoeira*, dito anteriormente.

As ações descritas no segundo parágrafo no tempo passado, são colocadas em primeiro plano, enquanto que as circunstâncias estão no plano de fundo, apoiando as ações expressas no passado:

O relatório com o pedido de tombamento que foi apresentado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, teve aprovação do Conselho Estadual de Cultura. A oficialização do tombamento acontece no dia em que o município será sede do governo estadual por conta do início das comemorações pela independência da Bahia que começou na cidade em 1822. [...]

O fragmento “destacou que o tombamento visa garantir [...] traços da identidade do povo baiano” no terceiro parágrafo é interpretado como discurso direto, mas sem aspas. A explicação é que talvez não se trate das próprias palavras do enunciador citado, mas de uma reformulação construída para manter um sentido. A fala citada no último parágrafo, entre aspas, vem complementar o que foi dito no parágrafo anterior, mesmo sendo de outro enunciador:

O secretário estadual de Cultura, Márcio Meirelles, destacou que o tombamento visa garantir a qualidade das ações populares que definem e guardam traços da identidade do povo baiano.

Para o historiador Ricardo Carvalho, este é um marco para a cultura negra. 'É um grande reconhecimento da influência afro na nossa cultura'. A Festa da Boa Morte acontece de 13 a 17 de agosto.

Jornal <i>Correio</i> Agosto/2010		
Conteúdo		
	Quantidade	Foto
Matérias	1	x
Artigos de opinião		
Notas	1	
Notícia	1	x
Chamada de capa		

A notícia “Governo mapeia turismo étnico” (Caderno 24h), etiqueta “Estratégia”, possui foto retratando atração cultural do evento em questão com a legenda “apresentações culturais estão presentes em seminário que discute, desde ontem, o turismo étnico afro”. O enunciador toma o momento da enunciação por referência e por essa razão utiliza verbos no tempo presente, como “levar” e “conhecer”; no futuro, como “estará” e “participarão” e no passado, a exemplo de “estiveram” e “foram”:

Com o objetivo de levar mais pessoas para conhecer as manifestações populares do estado, sete zonas turísticas, além de Salvador, são mapeadas pela Empresa de Turismo da Bahia (Bahiatursa). A estratégia será discutida hoje no I Seminário Nacional de Turismo Étnico Afro, aberto ontem, no Centro de Convenções. 'A intenção é facilitar o roteiro de turistas e promover ainda mais o que há de melhor no nosso estado: as manifestações culturais, como a festa do Bembé do Mercado, em Santo Amaro da Purificação', explicou Billy Arquimimo, coordenador turístico da Bahiatursa. De acordo com ele, o mapeamento estará disponível no site da Bahiatursa (www.bahiatursa.ba.gov.br), a partir de sábado. No Recôncavo baiano, uma das regiões citadas no site, começa amanhã (dia 13) a festa de Nossa Senhora da Boa Morte, na histórica cidade de Cachoeira. Baianos e turistas que forem lá participarão de um dos maiores documentos vivos da religiosidade do estado. A festa será iniciada com um cortejo puxado pela Irmandade da Boa Morte, fundada no século XVIII. Até sábado, o seminário discutirá estratégias de desenvolvimento e promoção do turismo étnico na Bahia. O povo de santo, antropólogos, sociólogos, agências de viagem e entidades ligadas ao movimento negro marcam presença. Além das palestras, o evento tem também feiras culturais, exibição de documentários e apresentação de grupos de dança. Em 2008, 3.478 americanos estiveram na Bahia. Já em 2009, foram 15.085, um aumento de mais de 300%. 'Nos últimos anos, a Bahia, uma matriz africana, vinha divulgando apenas as praias como atrativos turísticos', lembrou a estudante de turismo Jamyle Vieira. (Jornal *Correio*, 12 de agosto de 2010)

As categorias de presente, passado e futuro são definidas em relação ao momento de enunciação. O passado não é mais validado na situação de enunciação; o presente é válido no momento da enunciação e o futuro é posto como algo ainda não validado.

O enunciador utiliza embreantes que marcam o momento no qual se expressa, como “hoje”, “ontem” e “amanhã”. Outros embreantes são empregados, a exemplo de “nosso” (determinante possessivo), “histórica cidade” (referente a Cachoeira), “lá” (designando local distante de onde fala o enunciador) e “[...] documentos vivos da religiosidade do estado” é uma referência a Festa da Boa Morte.

Nota-se no texto que o enunciador acrescentou um hipertexto (referência a outro texto), para despertar a atenção do leitor que deseje maiores informações acerca do assunto. Este dado indica a influência da internet no formato adotado pelo jornalismo impresso na atualidade, prezando a busca pela informação ágil.

As falas citadas são interpretadas como discurso direto e em ambas, os verbos introdutórios (“explicou” e “lembrou”), foram colocados ao fim de cada período. Embora o verbo “explicar” passe a ideia de neutralidade, não é bem este o caso do verbo “lembrar”, que implica em uma informação que merece destaque para não ser esquecida, devido a sua importância.

Na nota “Cachoeira: missa e procissão hoje na Festa da Boa Morte” (Caderno 24h), o leitor se confronta inicialmente com uma cena de enunciação:

O Recôncavo baiano está em festa. A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, fundada há mais de 150 anos, prossegue hoje com as celebrações que reúnem cultos católicos e manifestações de matriz africana, em Cachoeira, a 110 quilômetros de Salvador. A parte religiosa, que começou ontem, tem amanhã o ponto alto com a missa de Assunção de Nossa Senhora da Glória e a procissão pelas ruas da cidade. Em seguida, as irmãs almoçam com convidados na sede da irmandade. A programação é fechada com samba de roda no Largo d' Ajuda. Segunda e terça-feira, tem cozido e caruru, e mais samba de roda. (Jornal *Correio*, 14 de agosto de 2010)

A cena indicada pelo período inicial do texto não constitui tão somente um cenário onde o discurso surge num espaço construído e independente dele: a enunciação se esforça para constituir o próprio dispositivo de fala. No início a fala supõe um contexto enunciativo que vai sendo validado aos poucos pela própria enunciação. Desta forma, a cenografia legitima o enunciado que deve legitimá-la e é este processo que se verifica à medida que o enunciado vai sendo construído.

O trecho “prossegue hoje” no fragmento posterior é um embreante temporal, que indica que o enunciador saiu de um enunciado não embreado, ou seja, o acontecimento não se refere ao momento da enunciação (“A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, fundada há mais de 150 anos”), para retornar ao plano embreado, tendo por referência a enunciação. Mas ao fim do texto, o enunciador opta pelo plano não embreado ao narrar as atividades previstas na programação da festa.

A matéria “Boa Morte é patrimônio nosso” (Caderno 24h) possui duas fotos. A primeira mostra procissão das irmãs pelas ruas de Cachoeira, com a legenda “A Festa da Boa

Morte, que encerra amanhã, em Cachoeira, foi oficializada como patrimônio imaterial do estado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia” e a segunda mostra pessoas participando de celebração, com a legenda “Missa em louvor à assunção de Nossa Senhora da Glória, caminhada e samba marcam início das celebrações”.

O texto foi construído a fim de promover a Festa da Boa Morte como patrimônio cultural, um evento religioso que merece salvaguarda:

Uma das manifestações populares mais concorridas da cultura baiana, a Festa da Boa Morte, que encerra amanhã, em Cachoeira, foi oficializada como patrimônio imaterial da Bahia. A iniciativa foi do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac). Por isso, a celebração secular, comandada pela Irmandade da Boa Morte, passa a integrar um lugar no Livro de Registro Especial de Eventos e Celebrações do Estado da Bahia.

Em festa desde a sexta-feira passada, as integrantes da confraria viveram, neste fim de semana, o ápice das celebrações com a realização da missa em louvor à assunção de Nossa Senhora da Glória, da caminhada pelas ruas da cidade e de muito samba de roda em praça pública.

De acordo com o calendário previsto, amanhã, às 20h, será distribuído um cozido, seguido por mais samba de roda no Largo d' Ajuda, no centro de Cachoeira. Na terça, no mesmo horário, acontece o tradicional caruru e mais uma rodada de samba.

Além da oficialização da festa como patrimônio imaterial, o Ipac registrou os festejos da Boa Morte, resgatando essa história em DVD- documentário que remonta a fundação dessa instituição na Igreja da Barroquinha, reduto onde outras irmandades também se reuniam para cultuar seus santos de devoção. A pesquisa do Ipac registra que, em 1820, a Irmandade da Boa Morte se instalou em Cachoeira, cidade hoje tombada como patrimônio nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). (Jornal *Correio*, 16 de agosto de 2010)

O enunciador inicia o texto enfocando o reconhecimento da celebração como patrimônio imaterial e nos parágrafos subsequentes, ele fala sobre os festejos e as atividades previstas na programação. Como numa espécie de contrato, onde o enunciador acredita que o leitor espera mais informações acerca do processo de registro e reconhecimento do evento como patrimônio, ele concede ao leitor informações complementares àquelas fornecidas no início do texto.

Observa-se que não são utilizados discurso direto, discurso indireto, etc., em suas formas usuais, levando o leitor a concluir que não há discurso citado no texto. Porém, alguns elementos servem como “pista” para indicar que houve ato de fala, como no fragmento abaixo:

Além da oficialização da festa como patrimônio imaterial, o Ipac registrou os festejos da Boa Morte, resgatando essa história em DVD- documentário que remonta a fundação dessa instituição na Igreja da Barroquinha, reduto onde outras irmandades também se reuniam para cultuar seus santos de devoção. A pesquisa do Ipac registra que, em 1820, a Irmandade da Boa Morte se instalou em Cachoeira, cidade hoje tombada como patrimônio nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Não há distinção entre duas vozes como seria de esperar num típico caso de discurso direto, não há absorção de uma voz pela outra como no discurso indireto, mas o que ocorre é uma perfeita mistura de duas vozes. Não se pode dizer com precisão quais palavras pertencem ao enunciador citante e ao enunciador citado. O trecho após “registra que” pode ser interpretado como discurso indireto livre, pois não há aspas (o que caracterizaria como discurso direto), existe terceira pessoa (a Irmandade- “ela”) e não é discurso indireto, pois não há verbo seguido de oração subordinada substantiva. Existe uma diferença nítida entre o modo de falar do jornalista e o do enunciador do registro, o que conduz facilmente a conclusão de que se trata de discurso indireto livre.

* 2011

- Jornal *A Tarde*

Jornal <i>A Tarde</i> Agosto/2011		
Conteúdo		
	Quantidade	Foto
Matérias	3	x
Artigos de opinião	1	
Notas	2	
Notícia	1	x
Chamada de capa	1	x

Na matéria “Esmola geral abre ritos da Boa Morte em Cachoeira” (Caderno *Bahia*), sem foto, o enunciador adota nos dois primeiros parágrafos um estilo enunciativo adequado à encenação do trabalho de vários profissionais envolvidos preocupados em deixar tudo

pronto para a Festa da Boa Morte:

RELIGIOSIDADE

Esmola geral abre ritos da Boa Morte em Cachoeira

Faltando pouco mais de uma semana para a Festa de Nossa Senhora da Boa Morte na histórica cidade de Cachoeira (a 110 km de Salvador), o ritmo de trabalho é intenso na sede da secular irmandade responsável pelo culto à santa.

Até ontem, pedreiros, carpinteiros e pintores do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia corriam contra o tempo para que tudo estivesse pronto hoje, quando integrantes da irmandade cumprem o ritual da esmola geral para realizar a festa. (Jornal *A Tarde*, 06 de agosto de 2011)

O enunciador ao mencionar com frequência as integrantes da confraria, expressa a intenção de mostrar um lugar ocupado secularmente por elas e que assim deve continuar sendo:

O peditório ou a esmola geral faz parte das obrigações que as devotas cumprem em louvor a Nossa Senhora. Para o ato, as irmãs saem de porta em porta e pelos estabelecimentos comerciais pedindo uma contribuição para as celebrações.

As irmãs saem para cumprir o ritual, após reunião e reza na antiga sede da irmandade, ao lado da Capela de Nossa Senhora da Ajuda, no Centro Histórico. O início do peditório está previsto para às 10 horas.

Todas elas, trajadas com batas brancas e saias coloridas, saem da sede da irmandade para pedir, no comércio e aos moradores da cidade, auxílio para a realização da grande festa em louvor a Nossa Senhora, cujo ponto alto das celebrações acontece entre os dias 13 e 15 deste mês.

As doações, em dinheiro, são colocadas nas bolsas de tecido vermelho bordadas com as insígnias da secular irmandade.

A matéria “Programação aberta da Festa da Boa Morte começa amanhã em Cachoeira” (Caderno *Bahia*), possui duas fotos: a primeira retrata a juíza perpétua da irmandade, acompanhada pelo enunciado destacado “Minha fé em Nossa Senhora continua imutável” (frase proferida pela juíza) e a segunda mostra as irmãs perto do esquife onde está a imagem de Maria, com a legenda “A missa em memória das irmãs falecidas faz parte das celebrações do evento”.

A frase destacada “Minha fé em Nossa Senhora continua imutável” acompanhada pela foto do rosto de sua locutora significa que o rosto da locutora autentica a frase como sua

fala. A frase destacada do enunciado se relaciona com a temática principal, além de reforçar a importância de sua locutora, devido sua notoriedade mediante o cargo que ocupa dentro da confraria.

O enunciador adota a designação correferencial “trajadas de branco” para se referir às “23 integrantes da Irmandade”. Ao utilizar estes termos, o enunciador tem em mente o leitor que talvez nunca tenha ido à Festa da Boa Morte ou que não possa ir e assim são fornecidos os elementos precisos que levem o leitor a construir mentalmente o referente:

TRADIÇÃO Patrimônio imaterial da Bahia, a celebração tem o auge na próxima segunda-feira

Programação aberta da Festa da Boa Morte começa amanhã em Cachoeira

As 23 integrantes da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte abrem as portas da casa para receber visitantes, turistas e moradores de Cachoeira (a 110 km de Salvador), amanhã, para a Festa da Boa Morte, que começa às 18h30 com o cortejo das irmãs pelas ruas da cidade histórica, em sinal de luto pela morte de Nossa Senhora.

Trajadas de branco, às 19h, elas assistem à missa em memória das irmãs falecidas. Após a celebração, participam da ceia branca- um jantar com pratos à base de frutos do mar e peixes, sem azeite de dendê.

De acordo com o administrador da Casa da Boa Morte, Valmir Pereira dos Santos, integram a programação religiosa missas pelas irmãs falecidas, o cortejo com Nossa Senhora da Boa Morte, a sentinela na igreja matriz, a missa de corpo presente, a procissão de Nossa Senhora da Boa Morte e a missa solene da Ressurreição, além de vigílias noturnas, ceias e rodas de samba.

A previsão é que, este ano, a festa atraia cerca de cinco mil turistas, entre eles os afro-americanos. E, para deixar tudo pronto até amanhã, um grupo de voluntários está trabalhando na limpeza e arrumação da sede na Rua 13 de Maio, no centro histórico.

Uma das integrantes da confraria, Edite Marques de Souza, 68, ocupou-se das flores e da limpeza das tochas que as irmãs carregam durante as procissões realizadas. 'Sou novíça ainda e a escritã da festa deste ano. É nossa obrigação', explica.

A mais velha integrante, Estelita Santana, 105, não esconde a devoção à Nossa Senhora. Há 73 anos na confraria- é a juíza-perpétua-, mesmo com dificuldades de locomoção, ela não deixa de participar das celebrações. 'Não posso acompanhar as procissões, mas participo de todas as missas e de outros rituais. Minha fé em Nossa Senhora continua imutável', afirma.

A Boa Morte tem o ponto alto religioso na segunda-feira, quando será celebrada a missa da Glória, em louvor à Assunção de Nossa Senhora, a partir das 9h. Em seguida, há procissão com a imagem de Nossa Senhora da Glória, simbolizando a ressurreição da Virgem Maria.

Depois da procissão, as irmãs retornam para a sede, onde dançam valsa, ainda vestidas com

o traje de gala, trocam de roupa e caem no samba com populares. Enquanto isso, é servido um farto banquete para todos, à base de feijoada e carne assada.

Memorial ainda não tem data prevista para inauguração

Reconhecida como Patrimônio Imaterial da Bahia, em junho de 2010, a Festa da Boa Morte conta com o apoio do governo do Estado. E a revitalização do Memorial da Boa Morte é uma promessa em andamento. 'A transformação da casa em memorial ou centro cultural foi um pedido das irmãs, para atender religiosos, visitantes locais e turistas', explicou o administrador Valmir Pereira.

Segundo ele, o memorial seria inaugurado amanhã, mas não houve tempo de terminar os serviços. Uma nova data ainda não está prevista. 'Foi decidido que as obras serão retomadas após as celebrações', assegurou.

A sede da irmandade está passando por uma ampla reforma, mas as obras foram interrompidas por conta dos cinco dias de festa. 'Estamos adaptando os prédios, que são três, mas interligados e com acessos diferentes. A obra começou em abril e já recebemos parte do mobiliário, como balcões e vitrines, e a passarela para a procissão', ressaltou.

'O memorial terá uma galeria para exposição das indumentárias e adereços das irmãs, elevador e climatização', assegurou o administrador da Casa da Boa Morte.

www.atarde.com.br

Veja a programação da festa e como chegar a Cachoeira no portal (Jornal *A Tarde*, 12 de agosto de 2011)

Em “de acordo com o administrador da Casa da Boa Morte”, o jornalista restitui o ponto de vista do locutor citado ao utilizar o marcador “de acordo com”, no início da frase. O fragmento pode ser interpretado como discurso direto, mas sem aspas, diferente da forma clássica. A explicação provável é de que não se trate das próprias palavras de Valmir, mas de uma reformulação com o objetivo de manter um sentido.

Os parágrafos seguintes marcam um contraponto:

A previsão é que, este ano, a festa atraia cerca de cinco mil turistas, entre eles os afro-americanos. E, para deixar tudo pronto até amanhã, um grupo de voluntários está trabalhando na limpeza e arrumação da sede na Rua 13 de Maio, no centro histórico.

Uma das integrantes da confraria, Edite Marques de Souza, 68, ocupou-se das flores e da limpeza das tochas que as irmãs carregam durante as procissões realizadas. 'Sou noviça ainda e a escritã da festa deste ano. É nossa obrigação', explica.

Há um grupo de pessoas que trabalham voluntariamente para que tudo esteja pronto para a festa, mas no parágrafo posterior o enunciador cita a fala de uma das irmãs. Na conclusão da fala, é ressaltado que o trabalho de organização da festa não fica somente a seu cargo, mas de todas as irmãs.

O enunciador utiliza os verbos introdutórios de discurso direto ao fim das falas citadas nos últimos parágrafos:

Reconhecida como Patrimônio Imaterial da Bahia, em junho de 2010, a Festa da Boa Morte conta com o apoio do governo do Estado. E a revitalização do Memorial da Boa Morte é uma promessa em andamento. 'A transformação da casa em memorial ou centro cultural foi um pedido das irmãs, para atender religiosos, visitantes locais e turistas', explicou o administrador Valmir Pereira.

Segundo ele, o memorial seria inaugurado amanhã, mas não houve tempo de terminar os serviços. Uma nova data ainda não está prevista. 'Foi decidido que as obras serão retomadas após as celebrações', assegurou.

A sede da irmandade está passando por uma ampla reforma, mas as obras foram interrompidas por conta dos cinco dias de festa. 'Estamos adaptando os prédios, que são três, mas interligados e com acessos diferentes. A obra começou em abril e já recebemos parte do mobiliário, como balcões e vitrines, e a passarela para a procissão', ressaltou.

'O memorial terá uma galeria para exposição das indumentárias e adereços das irmãs, elevador e climatização', assegurou o administrador da Casa da Boa Morte.

Nota-se que o verbo “assegurar” foi repetido ao fim de duas falas citadas. Isto pode indicar a intenção do enunciador de garantir ao leitor, *com certeza absoluta*, de que a ação prometida irá se cumprir.

Acompanha o texto, ao fim, um fragmento verbal (paratexto). Esta informação complementar remete à associação entre texto, novas tecnologias e internet, já que é acompanhada por um link para acesso do portal do jornal. Este exemplo demonstra a influência da internet no jornalismo impresso, que se reconfigura como continuidade do universo cibernético, levando ao que Maingueneau (2013, p. 94) chama de “desmaterialização dos suportes físicos dos enunciados”.

A matéria “Festa da Irmandade da Boa Morte reúne 5 mil pessoas em Cachoeira” (Caderno *Bahia*) possui a frase destacada (sobresasseverada) “no local, moravam as mais

antigas irmãs da confraria secular” e duas fotos. A primeira retrata celebração na capela da Irmandade, com a legenda “missa na Capela da Boa Morte, seguida da procissão, encerra parte religiosa do evento” e a segunda mostra uma das integrantes da confraria, destacando sua vestimenta e adereços, com a legenda “traje de gala, joias e colares usados pelas irmãs chamam a atenção durante rituais”.

Neste texto o enunciador emprega termos que expressam a ideia de proximidade como os embreantes “cerca de” e “por volta”:

Cerca de cinco mil turistas, visitantes e moradores movimentaram becos e ruas da histórica Cachoeira (a 110 km de Salvador) ontem, ponto alto da festa da Irmandade da Boa Morte, que encerrou a parte religiosa com missa na capela, pela manhã, seguida da procissão de ascensão de Nossa Senhora da Glória.

Antes, por volta das 5 da manhã, os fogos de artifícios e o badalar de sinos da igreja deram início do terceiro dia da Festa da Boa Morte, quando se celebra a subida de Nossa Senhora aos céus. (Jornal *A Tarde*, 16 de agosto de 2011)

O enunciador ocupa um lugar de arqui-enunciador, ou seja, fala através da interação das personagens do texto, como se observa nos fragmentos abaixo:

Quem olha aquelas senhoras com mais de 50 anos de idade não imagina a boa vontade delas no cumprimento de tarefas que duram todo o ano e que fazem parte do ritual religioso há quase 200 anos. Narcisa Cândida da Conceição, 107 anos, a dona Filhinha, é um exemplo. E memória não lhe falta para lembrar detalhes que não se revelam a qualquer um. “Antigamente, fazíamos tudo para a festa. Vendíamos porcos e galinhas, trabalhávamos em olarias ou nas fábricas de charuto para angariar fundos. Hoje, nos reunimos duas vezes por semana para os preparativos da festa do próximo ano, mas participamos de todos os rituais. Para o restante, há outras pessoas à frente”, contou.

Datada de 1820, a Festa da Boa Morte foi reconhecida pelo governo estadual como Patrimônio Imaterial em 2010 e passou a receber apoio oficial. Ontem, o governador Jaques Wagner se encontrou com as integrantes da irmandade, assistiu à missa solene, caminhou com as irmãs na procissão e foi alvo de reivindicações e pedidos: “Nosso memorial ainda não está pronto”, lembrou uma delas.

[...] Por volta do meio-dia, foi servida a tradicional feijoada, enquanto o samba de roda mantinha a animação em frente a sede da irmandade, na Rua Treze de Maio. Local onde o escultor Fory tem um ateliê-restaurant. “Todos os anos é esse movimento intenso. Acredito que a tradição e a resistência dessas senhoras, mantidas há anos, seja a grande atração da festa”, opinou.

Em “[...] e memória não lhe falta para lembrar detalhes que não se revelam a qualquer um [...]”, o enunciador assume para si a posição de ente confiável e responsável pelas informações passadas ao leitor. A fala citada, logo em seguida, alterna planos enunciativos ao encadear passado e presente, conduzindo o leitor ao resultado esperado das ações narradas na fala, que é a realização da festa.

A notícia “Procissão com tochas e velas repete ritual secular nas ruas de Cachoeira” (Caderno *Últimas*), possui a frase em destaque “A festa ocorre desde 1820 e foi reconhecida como patrimônio imaterial da Bahia em junho de 2010” e foto que mostra as integrantes da irmandade em procissão com a legenda “Em cortejo, as irmãs da Boa Morte percorreram várias ruas da cidade, simbolizando o enterro de Nossa Senhora”.

A frase em destaque tem a função de chamar a atenção do leitor e complementa as informações trazidas pelo texto. Já a frase “ponto alto da festa religiosa acontece nesta segunda, e a parte profana vai até quarta-feira” sob a rubrica “Boa Morte” serve de ponto de partida para o texto.

Os enunciados do quarto e último parágrafos são sobreasseverados, ou seja, destacáveis:

[...] A caminhada foi acompanhada pela Filarmônica Lira Ceciliana, que tocou marchas fúnebres, além de turistas, visitantes e moradores da cidade histórica que ajudaram as irmãs carregando o esquife.

[...] A irmandade é composta por uma confraria de 23 mulheres descendentes de escravos africanos e com mais de 50 anos de idade, unidas pela devoção a Nossa Senhora. O festejo é uma das mais tradicionais manifestações da cultura popular na Bahia e atrai milhares de turistas. (Jornal *A Tarde*, 15 de agosto de 2011)

Assim são devido a posição que ocupam na unidade textual e por sua construção (“A caminhada foi acompanhada pela Filarmônica Lira Ceciliana [...]”, “[...] O festejo é uma das mais tradicionais manifestações da cultura popular na Bahia e atrai milhares de turistas”).

A notícia foi um dos destaques de capa, com a frase “caminhada noturna em Cachoeira simboliza funeral de Nossa Senhora. A festa da Boa Morte prossegue hoje, às 10h, com missa seguida de feijoada”, sob a rubrica “Boa Morte de Maria”. As letras das palavras utilizadas na rubrica estão em tom rosa claro. A cor vincula-se à natureza feminina da informação, ao processo criativo, suavidade e delicadeza, remetendo a um sistema simbólico onde entram em cena valores e representações acerca do feminino.

No artigo “Boa Morte sem fome”, o autor recorre ao uso do itálico para realçar determinadas unidades, chamando a atenção sobre as mesmas. É o caso da expressão “*de mesmo*”, substituindo informalmente o advérbio “afinal”; da interjeição “*argh*”, utilizada para expressar a indignação do autor e “*marquetados*”, é um neologismo adotado pelo autor referindo-se à palavra de origem inglesa *marketing*:

[...] Brancos, negros, morenos, amarelos... Governos, organismos internacionais, ONGS (para que servem, *de mesmo?*), movimentos sociais, entidades humanitárias, artistas, intelectuais, políticos (*argh!*)... Nada, nem um piu diante das notícias, das fotos chocantes, das imagens que oprimem, envergonham a humanidade. Todos ocupados.

Pelas bandas de São Salvador da Baía, meus olhos libertos teimam em brigar com os números *marquetados* pelos “poderosos”. A apregoada redução da pobreza não oculta o número cada dia crescente de homens, mulheres, velhos e crianças, afro-luso-caboclos a catar no lixo urbano o comer de cada dia. Nem as lentes dos óculos, que amaciam o clarão medonho do real, amansam a rudez do foco, a desigualdade no enquadramento das vistas em cada esquina da cidade amada, aviltada [...]. (Jornal *A Tarde*, 17 de agosto de 2011)

Ao colocar palavras entre aspas, o enunciador evidencia sua intenção em chamar a atenção do leitor para uma espécie de lacuna no próprio discurso. As aspas apontam uma espécie de vazio a ser preenchido interpretativamente¹⁷, como em “chifre” e “poderosos”:

[...] Louvo a Boa Morte, aflito. Peço à Mãe dormida que olhe para seus filhos da Somália, no “chifre” da África, que morreu feito moscas, de fome, de sede, cólera, massacres, miséria, desamparo [...].

[...] Pelas bandas de São Salvador da Baía, meus olhos libertos teimam em brigar com os números *marquetados* pelos “poderosos” [...].

A enunciação no artigo revela a personalidade (ethos) de seu enunciador, ou seja, suas características essenciais. Esse ethos confere ao texto uma autoridade ao que é dito e permite ao leitor construir uma representação do enunciador. No artigo em análise, os sentidos propiciados pelo discurso aparecem tanto no ethos como nas ideias que apresenta, através de um modo de dizer que conduz a um modo de ser. O enunciador constrói argumentos com o objetivo de convencer o leitor acerca de um determinado ponto de vista, aderir a um conjunto de sentidos e se identificar com os valores assumidos pelo autor:

¹⁷REVUZ, 1995 apud MAINGUENEAU, 2013, p. 206

[...] Pelas bandas de São Salvador da Baía, meus olhos libertos teimam em brigar com os números *marquetados* pelos “poderosos”. A apregoada redução da pobreza não oculta o número cada dia crescente de homens, mulheres, velhos e crianças, afro-luso-caboclos a catar no lixo urbano o comer de cada dia. Nem as lentes dos óculos, que amaciam o clarão medonho do real, amansam a rudez do foco, a desigualdade no enquadramento das vistas em cada esquina da cidade amada, aviltada.

Quedo-me diante da Senhora da Boa Morte, em súplica acanhada pelos que morrem cada dia de fome e sede, diante de tanta ostentação e desperdício. A Somália é aqui.

A nota “Simpósio sobre cultura do Recôncavo” (Caderno *Bahia*) possui a frase destacada “Palestras ocorrem no mesmo período da Festa da Boa Morte em Cachoeira”. A independência do enunciado destacado em relação ao texto do qual é extraído aparece quando um destacamento “fraco” revela alterações do enunciado original. É o caso do enunciado destacado em questão, resultado da transformação de um período do texto (em itálico)¹⁸:

O V Simpósio Identidades Culturais e Religiosidade, promovido pela Fundação Hansen Bahia e do Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, será realizado de 11 a 13, no auditório do CAHL, em Cachoeira. *O evento ocorre no mesmo período da Festa da Boa Morte e tem como objetivo proporcionar um espaço de discussão sobre as particularidades culturais e religiosas na região.* Os festejos de Cachoeira acontecem desde agosto de 1820. Pesquisadores e estudiosos da cultura baiana estarão presentes na Festa da Boa Morte e no simpósio. (Jornal *A Tarde*, 01 de agosto de 2011)

Aqui a referência é o enunciado. Elementos como “[...] será realizado de 11 a 13 [...]”, “o evento ocorre no mesmo período da Festa da Boa Morte [...]” e “os festejos [...] acontecem desde agosto de 1820”, são pistas que indicam essa referência por parte do enunciatador. O emprego do itálico em “*V Simpósio Identidades Culturais e Religiosidade*” evidencia a intenção do autor em realçar as unidades e chamar a atenção do leitor.

Esta intencionalidade também se expressa, de igual modo, na nota “Festa da Boa Morte no Especial TVE” (Caderno 2):

¹⁸Grifo nosso

A TVE Bahia exibe hoje, às 19 horas, o documentário *Vestes Vibrantes, Mulheres Fascinantes*, que retrata as relações simbólicas e afetivas das irmãs da Boa Morte com a sua indumentária religiosa. Produzido e dirigido pela jornalista Vanhise Ribeiro, o filme busca evidenciar uma das expressões mais significativas da cultura negra do Recôncavo Baiano. (Jornal *A Tarde*, 14 de agosto de 2011)

O autor recorreu ao itálico com o objetivo de destacar o fragmento, chamando a atenção do leitor e despertando seu interesse em assistir o documentário a ser exibido.

- Jornal *Correio*

Jornal <i>Correio</i> Agosto/2011		
Conteúdo		
	Quantidade	Foto
Matérias		
Artigos de opinião		
Notas	3	x
Notícia		
Chamada de capa		

A nota “Boa Morte é destaque no jornal CBN Salvador” (Caderno *Bazar & Cia*), seção “Nas Ondas do Rádio”, possui foto retratando cortejo da festa e com a legenda “Festa da Boa Morte em Cachoeira, a 120 km de Salvador”:

Desde 1820, os festejos da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte movimentam a cidade de Cachoeira no mês de agosto. Este ano, a festa tem início no próximo sábado e termina dia 17. Diante da importância do evento, o jornal CBN Salvador, da rádio CBN Salvador (100,7), dedica, nessa sexta-feira, sua programação para tratar sobre a tradição, reconhecida como Patrimônio Imaterial da Bahia. O programa apresentado por Yula Verde, começa às 9h. (Jornal *Correio*, 07 de agosto de 2011)

O enunciador inicia o texto com plano de referência que destaca o enunciado, ao utilizar termos como em “desde 1820 [...]”. Mas em seguida, adota o momento da enunciação como referência como em “este ano [...]” e em “nessa sexta-feira [...]”.

A nota “Hoje é o grande dia da Festa da Boa Morte, em Cachoeira” (Caderno 24h), seção “Bahia”, rubrica “Festejos”, possui foto mostrando celebração, com destaque para as irmãs e com a legenda “Festa da Boa Morte foi criada por descendentes de escravos em 1820”:

Hoje é o principal dia da festa da Boa Morte, que acontece até quarta-feira em Cachoeira, no Recôncavo baiano. O governador Jacques Wagner anunciou que vai participar dos festejos, que começam às 9h com missa na Capela da Boa Morte, no centro da cidade. De lá, uma procissão será feita, percorrendo as principais ruas de Cachoeira, até a sede da Irmandade onde haverá um almoço de confraternização e samba de roda. Estima-se que 5 mil turistas passem pela cidade durante o evento. (Jornal *Correio*, 15 de agosto de 2011)

A segunda frase é dita pelo enunciador, no entanto, seu conteúdo é atribuído a um locutor, conforme assinalado por “o governador Jacques Wagner anunciou que [...]”, marcando o fragmento ao qual se refere, validado pela instância anterior a “anunciou”, no caso, o governador Jacques Wagner. Posteriormente, o jornalista diz duas frases onde se entrevê uma segunda voz que se deixa ouvir, embora não seja possível saber a qual locutor o conteúdo é atribuído.

A nota “Procissão da Festa da Boa Morte é realizada hoje em Cachoeira” (Caderno 24h), seção “Bahia”, rubrica “Ritual”, não possui foto:

Acontece hoje em Cachoeira, no Recôncavo Baiano, às 19h, a procissão para simbolizar o velório de Nossa Senhora da Boa Morte. O ato faz parte da centenária Festa da Boa Morte. A comemoração começou ontem, às 18h, num ritual em homenagem aos integrantes da irmandade que já morreram. A procissão teve início na Capela de Nossa Senhora d'Ajuda e seguiu em direção a sede da Irmandade, na Rua Treze de Maio. A tradição do evento começou em 1820, em Salvador, quando mulheres descendentes de escravos africanos faziam rituais atrás da Igreja da Barroquinha. As comemorações da Boa Morte em Cachoeira terminam quarta-feira (17). (Jornal *Correio*, 14 de agosto de 2011)

No texto acima, o enunciador mobiliza três tipos de referência: aquelas baseadas na enunciação, como “acontece hoje” e “começou ontem”; as referências baseadas no próprio texto como “as comemorações [...] terminam quarta-feira (17)” e as que não se baseiam nem na enunciação e nem no texto, a exemplo de “a tradição do evento começou em 1820 [...]”.

5. Conclusão

Este trabalho trouxe novas perspectivas de olhar a construção do discurso em torno do reconhecimento da Festa da Irmandade da Boa Morte como patrimônio cultural de natureza imaterial do estado da Bahia. Foi necessário pautar temas importantes para esta discussão. Desta forma, foram apresentados conceitos como *jornalismo cultural* que permitiu compreender como os periódicos, em especial os que foram objeto de análise deste trabalho constroem o discurso e como são influenciados por este na construção da notícia, sem deixar de levar em conta neste processo outros fatores de ordem contextual e mercadológica, como a lógica do entretenimento pautada pela indústria cultural.

Foram encontradas durante a apuração referências de adereços oriundos da estética africana resgatados pela moda e pela modernidade como símbolos de uma estética, a estética afro-baiana. Estes símbolos representam um modo de ser, valores e costumes que formam a identidade do que é ser baiano afrodescendente. Nessa esteira de valorização das tradições, das raízes identitárias, cultura e religiosidade afro-baianas, nota-se a influência da televisão ao traçar com sua linguagem própria o roteiro cultural em relação à festa. Frisando que nos anos anteriores à 2010 (ano do reconhecimento da Festa da Boa Morte como patrimônio imaterial), tanto os jornais *A Tarde* quanto o *Correio* enfocaram as tradições que envolvem os festejos, os mistérios dos ritos, o sagrado e o profano, o exótico, a estética das vestes e adereços usados pelas integrantes da confraria sem deixar de lado o tema turismo, com foco no turismo étnico.

Neste sentido, notou-se ao longo da análise a grande influência do turismo na escolha de pautas e no recorte dos temas nas matérias. Este fator objetivou a construção do texto, a valorização da identidade e o destaque ao elemento baianidade (presente nas coberturas de ambos os periódicos). A constante presença da cidade de Cachoeira como patrimônio simbólico e da festa e da irmandade como patrimônios que dialogam entre si (representação notada principalmente no jornal *A Tarde*) e a presença da cidade fortalece a imagem de riqueza patrimonial da festa, compondo assim um cenário único.

As cores se alternam de acordo com as matérias. Se destacam o branco, o preto, o vermelho, o dourado e até mesmo rosa, realçando o feminino que se faz presente de

forma incisiva na festa e nas notícias, mas nenhuma destas cores aparece com tanta frequência nas imagens como o branco. Segundo o babalorixá da casa Ilê Asé Obatorun Ricardo Ruivo “o preto representa o silêncio e a resignação; o vermelho a energia e a vida; o branco o luto 'pela morte' que proporciona o renascimento e a continuidade, nada relacionado com paz ou coisas do tipo, como as pessoas pensam”¹⁹.

Com o reconhecimento da festa os periódicos estudados nesta análise lançam um novo olhar não somente para a Boa Morte e para a confraria, mas também para outras festividades religiosas ou não que compõem o calendário de festividades na Bahia, em especial, aquelas que acontecem no mês de agosto. Essa mudança alcança também atividades como os ofícios da baiana de acarajé e dos mestres de capoeira. Além de revelar aos baianos a beleza e a riqueza das tradições, cultura e religiosidade, os periódicos contribuem com a formação de uma consciência sobre patrimônio e memória, estimulando o leitor a reconhecer a importância desse patrimônio vasto e compreender que ele também lhe pertence, não ficando somente ao encargo do poder público.

Sem deixar de lado o setor turístico, em especial o turismo étnico e outros setores da economia que lucram com as festividades, os veículos pautam constantemente eventos e exposições concomitantes aos festejos da Boa Morte, que movimentam ainda mais o Recôncavo e a cidade de Cachoeira, ampliando e enriquecendo o (s) olhar (es) de baianos e turistas para a confraria, a festa, as raízes religiosas, culturais e étnicas do povo baiano e como a noção de patrimônio se articula nesta ambiência.

A ascensão da internet influenciou sobremaneira o texto escrito e impresso ao associar elementos variados, desde desenhos a fotos e fragmentos verbais que acompanham o texto (título, subtítulo, rubricas etc.) que são os *paratextos*, conforme visto neste trabalho. Os periódicos estudados utilizaram este recurso em diversas matérias, a fim de despertar o interesse do leitor em encontrar novas informações que complementem o conteúdo acessado na leitura do texto.

Observar a intensa cobertura midiática da Festa da Boa Morte tanto pelo audiovisual, televisão e jornais impressos, baianos ou não, levantou o questionamento sobre a cobertura dos festejos pela mídia. As primeiras perguntas que surgiram foi se essa cobertura midiática sempre foi ampla e se não foi, qual (is) fator (es) alteraram essa

¹⁹RUIVO, 2015. Disponível em: <<http://jornalismo.iesb.br/2015/08/16/babalorixa-explica-o-significado-das-cores-e-roupas-candomble/>>.

dinâmica. Respondidas estas questões, foi levantado outro questionamento embasado no fato de praticamente não existirem pesquisas sobre o jornalismo impresso baiano e a cobertura da festa, de acordo com o levantamento feito. Neste sentido, pensou-se nos jornais soteropolitanos *A Tarde* e *Correio*, mediante o reconhecimento que possuem e a pergunta formulada foi como os periódicos em questão construíram a notícia sobre os festejos antes e após o reconhecimento como patrimônio imaterial e se houve fatores que contribuíram para essa permanência ou mutação de discursos e sentidos.

Com a elaboração destes questionamentos foi iniciada a pesquisa que este trabalho se propôs a investigar, analisando as nuances do (s) discurso (s) na construção da notícia referentes ao reconhecimento da festa realizada anualmente pela Irmandade da Boa Morte, sediada no município de Cachoeira, como patrimônio cultural de natureza imaterial do estado da Bahia no ano de 2010 e até que ponto o registro influenciou na prática discursiva da notícia.

A partir desta premissa, os jornais foram analisados no espaço temporal 2008-2011. esta margem de tempo foi necessária para a observação da construção da notícia durante o período citado e as possíveis mudanças no (s) discurso (s) e nos modos de representação do fenômeno, conduzindo o leitor a ter um novo olhar sobre a festa e refletir sobre a mesma e si próprio, enquanto sujeito integrante de uma coletividade com suas especificidades, mas unido a este conjunto por marcas identitárias e tanto a festa, quanto a irmandade são os elos de ligação dessa teia chamada identidade, capaz de congregar não somente baianos e turistas oriundos de outras regiões do país, mas estrangeiros também, como afro-americanos, que encontram na festa a conexão e a aproximação com suas raízes, além do sentimento de pertencimento a uma identidade que foi afetada pela diáspora africana para diversos países ao redor do mundo durante o período que vai do século XVI ao XIX.

A análise permitiu concluir que com o reconhecimento da festa como patrimônio imaterial houve mudanças no tratamento dado à celebração, não apenas do ponto de vista material, através do apoio do governo estadual, da ampliação da divulgação e do aumento no número de turistas que se dirigem à Cachoeira para acompanhar de perto a Boa Morte, mas estas mudanças são percebidas também ao nível da notícia nos periódicos supracitados. Não é somente a estrutura dos fatos que conta, mas passa a influir neste processo a relevância, pois “o texto de jornal mostrou que a ordem semântica não é primariamente determinada por uma estrutura condicional de fatos, mas, ao contrário, pela coerência funcional baseada na relevância [...]”. (VAN DIJK,

1996)

Ainda de acordo com Van Dijk sociedade e cognição estão em relação constitutiva, o que significa que a cognição é uma propriedade desenvolvida individualmente e socialmente e transforma-se em processos de interações sociais como em processos individuais de percepção à medida que é adquirida, apreendida e formada e a sociedade é uma construção humana resultante de interações coordenadas e negociadas entre atores sociais. Essas interações se realizam a partir de crenças, conhecimentos, normas e valores compartilhados. Este processo requer atores sociais capazes de desenvolver estas elaborações (sobre si mesmos) e atribuí-las a outros grupos sociais. Trazendo esta concepção para este trabalho, pode inferir-se que os jornais *A Tarde* e *Correio* ocupam esse lugar de agentes, de atores sociais que interagem com a sociedade a partir de conhecimentos e valores que são também dos indivíduos que compõem essa sociedade, que são seus leitores.

De acordo com Maingueneau (2013) o jornalista assume o contrato que o gênero de discurso implica. Não se trata de um acordo explícito, mas de um acordo tácito onde um postula as regras e espera que o outro as respeite, valendo-se do princípio de cooperação para o sucesso da atividade verbal. Ao longo da análise notou-se que o estilo modificou-se de acordo com o gênero de discurso empregado. A respeito dos gêneros de discurso é preciso frisar que Maingueneau (1996 apud CAVALCANTI, 2013, p.435) ressalta que eles só podem ser definidos em relação a seus contextos sócio-históricos. O que significa dizer que o discurso ganha uma ênfase que vai além da linguagem meramente, mas possui uma dimensão que articula sociedade e os contextos nos quais se encontra inserida. A linguagem, de acordo com Hall (2003), possui a função de articular as diferenças.

Assim, conclui-se que discurso, linguagem, cultura, patrimônio, identidades, memória foram elementos essenciais na construção do conteúdo analisado dos periódicos supracitados, além de aspectos econômicos e organizacionais conforme mencionado anteriormente. O jornal *A Tarde*, apesar da tradição que seu nome leva por ser o veículo soteropolitano mais antigo em atividade e um dos mais antigos da Bahia e do Brasil, não deixou de acompanhar as inovações no campo da tecnologia e no âmbito da comunicação, com investimentos em maquinário moderno, modernização do projeto gráfico-editorial e contratação de profissionais com formação em Jornalismo modificaram o fazer jornalístico, inserindo o veículo na modernidade. Mesmo com as transformações vivenciadas, o periódico permanece fiel ao seu objetivo ao ser fundado

em 1912, de salvaguardar a memória, os valores e as tradições do povo baiano.

Concorrente direto de *A Tarde*, o jornal *Correio* precisou se reinventar diversas vezes ao longo de sua trajetória, tanto para atrair novos leitores e lidar com a concorrência, mas para atender também as exigências dos novos tempos. Mediante estes fatos, o periódico investiu na modernização de seu projeto gráfico e na contratação de novos profissionais, alguns com longa experiência de mercado. Embora esteja atento às novidades da contemporaneidade e de olho no futuro, o jornal não se desvinculou de seu compromisso com a identidade, a cultura, a religiosidade, as tradições e o modo de ser que são as riquezas do povo baiano e de sua terra.

6. Referências Bibliográficas

BAHIA. Governo do Estado. Secretaria de Cultura. IPAC. **Festa da Boa Morte**. IPAC- Salvador: Fundação Pedro Calmon; IPAC, 2010 (Cadernos do IPAC, 2)

BARBOSA, P. E.; **Teoria da Recepção- Stuart Hall**. In: Seminários Regulares- GMP, 2016, São Paulo, SP. Anais... São Paulo: USP, 2017. Disponível em: <<http://www.museupatrimonio.fau.usp.br/wp-content/uploads/2017/01/síntese-Teoria da Recepção-Stuart-Hall.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

CAVALCANTI, Jauranice Rodrigues. **A presença do conceito gêneros de discurso nas reflexões de D. Maingueneau**. Tubarão: 2013. Revista Linguagem em (Dis)curso. Vol. 13, n.2, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1518-76322013000200011>>. Acesso em: 21 out. 2020.

CASTRO, Alexandre Armando. **A Irmandade da Boa Morte: memória, intervenção e turistização da festa em Cachoeira, Bahia**. 2005. 182 f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual de Santa Cruz/ Universidade Federal da Bahia. 2005. Disponível em: http://www.uesc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/turismo/dissertacao/dissertacao_armando_costa.pdf. Acesso em: 15 jul. 2020

COSTA, Carlos Roberto da. **A revista no Brasil, o século XIX**. São Paulo: 2007. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-24042009-152705/pt-br.php>>. Acesso em: 15 jul. 2020

COUTO, Edilece Souza. **Devoções leigas na Bahia republicana**. Maringá: 2013. Revista Brasileira de História das Religiões. Vol. 5, n.15, 2013. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/html>>. Acesso em: 13 jun. 2020

DINIZ, J. Péricles. Uma breve trajetória da imprensa no Recôncavo da Bahia durante o século XIX. In: 7º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho: Mídia alternativa e alternativas midiáticas, Fortaleza, CE. **Anais...** Fortaleza: 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009->

1/Uma%20breve%20trajetoria%20da%20imprensa.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020

FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. **Livros, bibliotecas e censores: os impedimentos para os leitores no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: 2017. Disponível em: <http://historialuso.an.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3284:comentario-bibliotecas&catid=100&Itemid=215>. Acesso em: 16 jun. 2020

FERREIRA, Luzia Gomes; FREITAS, Joseania Miranda. **O samba de roda na celebração de Nossa Senhora da Boa Morte em Cachoeira- Bahia**. Salvador: 2010. Políticas Culturais em Revista 1 (3). Disponível em: <http://www.politicasculturaisemrevista.ufba.br>. Acesso em: 16 jun. 2020.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um Defeito de Cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006

GUIMARÃES, Paulo Ferraz et al. (Orgs.). **Um olhar territorial para o desenvolvimento: Nordeste**. Rio de Janeiro : Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2014. p. [362]-387. Disponível em: <<https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/3073>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende- Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

Jinzenji, M. Y., & Pinto, V. A. de A. **Imprensa e educação em O Recopilador, ou Livraria dos Meninos: jornal moral, instructivo e miscellanico (1837–38)**. Maringá: 2018. *Revista Brasileira De História Da Educação*, Vol. 18, n. 015, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/42910>>. Acesso em: 16 jun. 2020

LENE, H., & LOPES, R. **Memórias do jornalismo na Bahia: censura, conflitos e o surgimento da Associação Bahiana de Imprensa na década de 1930**. Beira Interior: 2018. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lene-lopes-2018-memorias-jornalismo-bahia.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

LESSA, Luciana Falcão. **Senhoras do cajado: A Irmandade da Boa Morte de São Gonçalo dos Campos**- Salvador: EDUFBA, 2012.

LIMA, Maria Érica de Oliveira. Jornalismo oligárquico: o perfil do *Correio da Bahia*. In: XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador, BA . **Anais...** Salvador: 2002. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP2LIMA2.pdf>.

Acesso em: 14 jun. 2020

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Maria Cecília P. de Souza e Silva, Décio Rocha. 6ª. ed. ampl.- São Paulo: Cortez Editora, 2013.

MARINO, P.R.; CAPARELLI, S.; ALBUQUERQUE, de F.C.; KIELING, C.C. As noções de texto e discurso nos Estudos Culturais: Stuart Hall, David Morley e John Fiske. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 22., 1999, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** Rio de Janeiro: Intercom, 1999. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

NOGUEIRA, Bárbara Santana. **Notícias de um batuque: o jornal A Tarde e a perseguição aos candomblés em Salvador de 1912 a 1937**. Cachoeira: 2017. Disponível em:<<https://www.ufrb.edu.br/mphistoria/>>. Acesso em: 12 jun. 2020

OLIVEIRA, Fábio Luís Santos; SILVA, Orley Germano da. Irmandade da Boa Morte: Mulher negra, memória e identidade no contexto econômico da sociedade cachoeirana. Seminário Cultura e Política na Primeira República: Campanha Civilista na Bahia, 2010, Ilhéus. **Anais eletrônicos...** Ilhéus: UESC, 2010. Disponível em: <http://www.uesc.br/eventos/culturaepolitica/anais/fabioluis.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2020.

OLIVEIRA, Ana Maria Silva. **IRMANDADE DA BOA MORTE: A filosofia da ancestralidade como mecanismo de resistência à subalternidade feminina**. REVISTA OBSERVATÓRIO DA DIVERSIDADE CULTURAL. Vol.3, n. 1, 2016. Disponível em: <http://www.observatoriodiversidade.org.br/revista>. Acesso em: 19 jun. 2020.

OLIVEIRA, de Paulo César Miguez. **A organização da cultura na “cidade da Bahia”** . Salvador: 2002. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7145/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

_____. Cultura, diversidade cultural e desenvolvimento. In: GUIMARÃES, Paulo Ferraz et al. (Orgs.). **Um olhar territorial para o desenvolvimento: Nordeste**, Rio de Janeiro: Banco Nacional

do Desenvolvimento Econômico e Social, 2014. p. [362]-387. Disponível em: https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/3073/2/Cultura%2c%20diversidade%20cultural%20e%20desenvolvimento_13_P_BD.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.

OLIVEIRA, Larissa Pinho de Castro. **Jornalismo cultural: uma análise do jornal Correio da Bahia**. Salvador: 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/31194>>. Acesso em: 14 jun. 2020.

PENTEADO, J.D de O., & RENÓ, D.P. Jornalismo e a ecologia dos meios: uma relação simbiótica. In: 7º Congresso Internacional de Ciberjornalismo- Ciberjornalismo e modelos de produção: Appificação e Desafio Glocal, Campo Grande, MS. **Anais...** Campo Grande: 2016. Disponível em: <<http://www.ciberjor.ufms.br/ciberjor7/files/2016/08/ciberjor-Julia-Dantas-Denis-Reno.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2020

PEREIRA, Silvia Maria Pinheiro Bonini. A construção da identidade na perspectiva da análise do discurso. In: III Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa-III JNLFLP, 2008, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** Rio de Janeiro: 2008. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/iiijnlflp/textos_completos/pdf/A%20constru%C3%A7%C3%A3o%20da%20identidade%20na%20perspectiva%20da%20an%C3%A1lise%20do%20discurso%20-%20SILVIA.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2020.

QUEIROZ, Mércia Maria Aquino de. **Turismo de raízes na Bahia: um estudo sobre a dinâmica do Turismo Étnico (Afro) na Bahia: os casos do Pelourinho/ Salvador e da Festa da Boa Morte/ Cachoeira**. Salvador: 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/31097>>. Acesso em: 17 jun. 2020

RAMOS, Cleidiana Patrícia Costa. **O Discurso da Luz: Imagens das Religiões Afro-Brasileiras no Arquivo do Jornal A Tarde**. Salvador: 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8943>>. Acesso em: 20 jun. 2020

SÁ, Natália Silva Coimbra de; SOUZA, Regina Celeste Almeida. **A Festa da Boa Morte em Cachoeira (BA): contextualização e importância para o turismo étnico na Bahia**. Disponível em: <<https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/gt10-a-festa.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2020.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Polissemas do Patrimônio: políticas públicas estaduais do

registro das festas católicas (Bahia, Sergipe e Rio Grande do Norte). **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.9, n.16, Jan./Jul. 2017. Disponível em: periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria. Acesso em: 19 jun. 2020.

SENA, Consuelo Pondé de. **A imprensa reacionária na independência: Sentinella Bahiense**, 2ª ed- Salvador: EDUFBA, 2016

SODRÉ, Jaime. Balaio de ideias: Um jornal contra o Candomblé. Salvador: 2010. Disponível em: <http://mundoafro.atarde.uol.com.br/balaio-de-ideias-um-jornal-contr-o-candomble/>>. Acesso em: 12 jun. 2020

SPANNENBERG, Ana. A Modernização do Jornalismo Baiano: Um breve olhar sobre a proposta modernizante do jornal A Tarde. In: 4º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho: Imprensa 200 anos- Memória Maranhão, São Luís, MA. **Anais eletrônicos...** São Luís: 2006. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/4o-encontro-2006-1>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

TAVARES, Ildásio. **Nossos colonizadores africanos: presença e tradição negra na Bahia**, 2ª ed.- Salvador: EDUFBA, 2009.

VAN DIJK, T. A.; KOCH, I. V. (Org.). **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1996.

VERGER, Pierre. **Notícias da Bahia- 1850**. Salvador: Editora Corrupio, 1981.

DEPOIMENTOS

BRITO, Hagamenon. Entrevista cedida à Larissa Oliveira em outubro de 2009. In: OLIVEIRA, Larissa Pinho de Castro. **Jornalismo cultural: uma análise do jornal Correio da Bahia**. Salvador: 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/31194>>. Acesso em: 14 jun. 2020.

JUNIOR, Antonio Carlos Magalhães. Entrevista cedida ao Jornal *Correio* em janeiro de 2019.

LARANGEIRA, Isabela. Entrevista cedida à Larissa Oliveira em outubro de 2009. In: OLIVEIRA, Larissa Pinho de Castro. **Jornalismo cultural: uma análise do jornal Correio da Bahia**.

Salvador: 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/31194>>. Acesso em: 14 jun. 2020.

MATTOS, Florisvaldo. Entrevista cedida ao Jornal *A Tarde* em agosto de 2012.

OLIVEIRA, de Paulo César Miguez. Entrevista cedida a Priscila Prince, Thamara Silva e Verônica Lima em 28 de fevereiro de 2013. Disponível em: <<http://www.producaoculturalba.net/wp-content/uploads/2013/11/PAULO-MIGUEZ1.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2020.

RUIVO, Ricardo. Entrevista cedida ao Portal IESB em 16 de agosto de 2015. Disponível em: <<http://jornalismo.iesb.br/2015/08/16/babalorixa-explica-o-significado-das-cores-e-roupas-candomble/>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

PUBLICAÇÕES CONSULTADAS

Jornal *A Tarde*: Colunas *Tempo Presente*, *Religião e Opinião*, Caderno *Últimas Notícias*, Editorias *Salvador e Bahia*: edições de agosto de 2008.

_____ : Editorias *Economia e Últimas Notícias*, Colunas *Opinião e Religião e Caderno 2*: edições de agosto de 2009.

_____ : Portal Jornal A Tarde (<https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1260193-festa-da-boa-morte-e-oficializada-como-patrimonio-imaterial-da-bahia>). Acesso em: 20 de jun. 2020. Editorias *Política, Salvador, Economia, Bahia e Últimas Notícias*: edições de junho e agosto de 2010.

_____ : Editorias *Bahia, Últimas Notícias e Caderno 2*: edições de 2011.

Jornal *Correio*: Caderno *Folha da Bahia* e Editoria *Economia*: edições de agosto de 2008.

_____ : Cadernos *24h e Bazar & Cia*: edições de agosto de 2009.

_____ : Caderno *24h*: edições de junho e agosto de 2010.

_____ : Cadernos *Bazar & Cia e 24h*: edições de agosto de 2011.

GRAVURA

The Illustrated London News. **Cachoeira, Province of Bahia, in the Empire of Brazil**. 1868. 1 gravura, xilograv., 115 cm x 72 cm.

FOTOGRAFIA

BAXTER, A. **Nitro Imagens**, Salvador, 10 set. 2011. 1 fotografia, col. Foto disponível em: <<http://nitroimagens.photoshelter.com/image/I000010iS.qMhS2s>>. Acesso em: 21 out. 2020.

FOTOGRAFIAS PUBLICADAS EM JORNAL

CORRÊA, Elói. **Jornal Correio**, Salvador, 13 ago. 2019. 1 fotografia, col. Foto disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/festa-da-boa-morte-inicia-nesta-terca-feira-13-veja-programacao/>>. Acesso em: 21 out. 2020

LIMA, Jomar. **Jornal A Tarde**, Salvador, 13 ago. 2019. 1 fotografia, col. Foto disponível em: <<https://atarde.uol.com.br/bahia/noticias/2083223-festa-da-boa-morte-segue-em-cachoeira-ate-o-dia-17>>. Acesso em: 21 out. 2020

PEREIRA, Reginaldo. **Jornal A Tarde: Mundo Afro**, Salvador, 14 ago. 2009. 1 fotografia, col. Foto disponível em: <<http://mundoafro.atarde.uol.com.br/tag/irmandade-da-boa-morte/>>. Acesso em: 21 out. 2020.

